



This is a digital copy of a book that was preserved for generations on library shelves before it was carefully scanned by Google as part of a project to make the world's books discoverable online.

It has survived long enough for the copyright to expire and the book to enter the public domain. A public domain book is one that was never subject to copyright or whose legal copyright term has expired. Whether a book is in the public domain may vary country to country. Public domain books are our gateways to the past, representing a wealth of history, culture and knowledge that's often difficult to discover.

Marks, notations and other marginalia present in the original volume will appear in this file - a reminder of this book's long journey from the publisher to a library and finally to you.

Usage guidelines

Google is proud to partner with libraries to digitize public domain materials and make them widely accessible. Public domain books belong to the public and we are merely their custodians. Nevertheless, this work is expensive, so in order to keep providing this resource, we have taken steps to prevent abuse by commercial parties, including placing technical restrictions on automated querying.

We also ask that you:

- + *Make non-commercial use of the files* We designed Google Book Search for use by individuals, and we request that you use these files for personal, non-commercial purposes.
- + *Refrain from automated querying* Do not send automated queries of any sort to Google's system: If you are conducting research on machine translation, optical character recognition or other areas where access to a large amount of text is helpful, please contact us. We encourage the use of public domain materials for these purposes and may be able to help.
- + *Maintain attribution* The Google "watermark" you see on each file is essential for informing people about this project and helping them find additional materials through Google Book Search. Please do not remove it.
- + *Keep it legal* Whatever your use, remember that you are responsible for ensuring that what you are doing is legal. Do not assume that just because we believe a book is in the public domain for users in the United States, that the work is also in the public domain for users in other countries. Whether a book is still in copyright varies from country to country, and we can't offer guidance on whether any specific use of any specific book is allowed. Please do not assume that a book's appearance in Google Book Search means it can be used in any manner anywhere in the world. Copyright infringement liability can be quite severe.

About Google Book Search

Google's mission is to organize the world's information and to make it universally accessible and useful. Google Book Search helps readers discover the world's books while helping authors and publishers reach new audiences. You can search through the full text of this book on the web at <http://books.google.com/>

DP
802
.M58
E43

BUHR 9



a39015

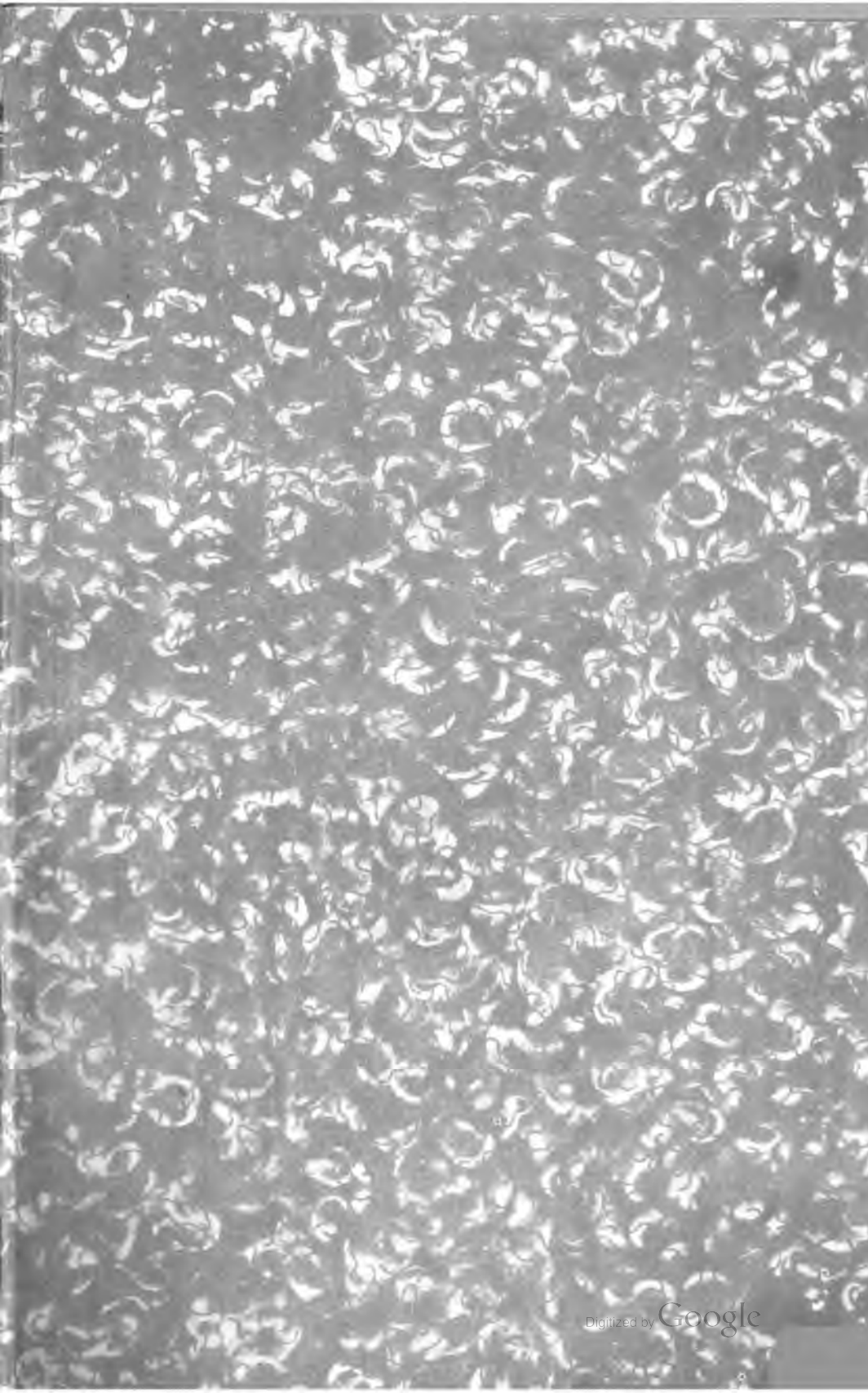


00029236



0b





MEMORIA

DAS

ANTIGUIDADES DE MERTOLA

OBSERVADAS EM 1877 E RELATADAS

POR

SEBASTIÃO PHILIPPES MARTINS ESTACIO DA VEIGA

MOÇO FIDALGO COM EXERCICIO NO PAÇO,
COMMENDADOR DA REAL ORDEM DE ISABEL A CATHOLICA, SOCIO
CORRESPONDENTE DA ACADEMIA REAL DAS SCIENCIAS
DE LISBOA, DA SECÇÃO DE ARCHAEOLOGIA DO INSTITUTO DE COIMBRA,
DO IMPERIAL INSTITUTO ARCHEOLOGICO GERMANICO DE ROMA,
ETC., ETC., ETC.



LISBOA
IMPRESA NACIONAL
1880

LF
/s/ M.C.
443

211815-19D



A

ASSUMPTOS QUE PRECEDEM ESTA MEMORIA

Causa que deu origem ao estudo das antiguidades de Mertola e á coordenação da *Carta Archeologica do Algarve*. — Incentivo que promoveu este estudo, portaria que o determinou, e motivo por que o auctor foi encarregado de o desempenhar. — Inicia-se a idéa de se proceder ao levantamento da carta archeologica de Portugal e a de que entre no quadro geral da instrução publica do reino o ensino elementar da archeologia monumental emquanto a esta sciencia não se pôde dar maior desenvolvimento. — Suscitam-se os meios que se devem empregar para não se deixarem perder os monumentos encontrados em trabalhos de viação publica e para que haja conhecimento dos que se achem em propriedades particulares. — Mostra-se que o progresso nacional nunca poderá competir com o das nações civilizadas emquanto não se der ás sciencias, ás letras, e ás artes o largo desenvolvimento que reclamam. — Explica-se rapidamente o organismo systematico da *Carta Archeologica do Algarve*. — Plantas dos campos explorados e museu que o auctor expressamente colligiu para a comprovação da *Carta Archeologica*. — Necessidade da instituição d'este museu; espaço que já existe disponível para esta instituição, apenas dependente de uma ordem official. — Motivo por que não foram exploradas as cavernas da formação jurassica do Algarve. — Indica-se a conveniencia de ser organizado na capital um museu rigorosamente archeologico e quaes devem ser os seus principaes elementos. — Impugna-se a idéa de serem concentradas em Lisboa todas as antiguidades do reino. — Cidades em que devem ser creados museus e institutos archeologicos provinciaes. — Utilidade e fins principaes d'estes institutos e museus. — Breves apontamentos respectivos á realisação d'esta idéa. — Razões que dão superior preferencia á cidade de Faro para ser a séde do já colligido museu do Algarve. — Indica-se o edificio que para este fim seria apropriado. — Suscita se a lembrança de serem representadas as antiguidades prehistoricas do Algarve no congresso internacional que ha de reunir-se em Lisboa em 1880. — Explica-se a indispensavel necessidade de se descreverem n'uma obra especial a carta e o museu archeologico colligido no Algarve. — Motivo por que d'esta obra é agora separada a *Memo-ria das Antiguidades de Mertola*. — Logares do concelho de Mertola onde foram verificadas antiguidades de diversas epochas. — Desastres que soffreram os monumentos da região myrtilense em Lisboa durante a ausencia do collecter; perdas importantes e trábalhosa reorganisação dos que chegaram feitos pedaços. — Catalogo dos monumentos d'aquella região, depositados na academia real de bellas artes de Lisboa.

Notaveis ruinas de antigos edificios, de que não havia noção escripta, nem tradição oral, ficaram parcialmente visiveis em varios pontos marginaes do rio Guadiana, pertencentes a Mertola e ao Algarve, após a impetuosa passagem das torrentes pluviaes do inverno de 1876.

No concelho de Mertola citava-se com recommendada particularidade o Barranco do Azeite, em que estavam patentes alguns restos de construcções arrasadas, e a Cêrca de S. Sebastião, onde se reconhecia ter havido um campo mortuario de feição assás singular.

No concelho de Alcoutim indicava-se o Montinho das Lorangeiras, como séde de umas ruínas nunca vistas, e o sitio do Alamo, onde fôra achado o torso de uma estatua colossal varonil de marmore granular branco.

Ao mesmo tempo corria noticia de terem apparecido na quinta das Antas, a SO. e distante de Tavira para mais de 6 kilometros, umas arcarias subterraneas, e uns monumentos epigraphicos, que denunciavam ter ali havido um circo.

Antecedentemente já eu tinha feito conhecer varios monumentos da quinta da Torre d'Ares, contigua á das Antas para NE., com os quaes havia comprovado a verdadeira situação dos *Povos Balsenses*; sabia-se que da quinta de Marim, a ENE. de Olhão, tinham vindo para a academia real de bellas artes de Lisboa tres monumentos, descobertos e offerecidos pelo seu generoso proprietario, e que na quinta do Milreu, junto a Estoi, e n'outros muitos logares do Algarve existiam importantissimas antiguidades, reclamando havia muito tempo um estudo especial.

Este conjuncto de bem averiguadas noticias não podia ser votado ao esquecimento, havendo n'este paiz uma imprensa vigilante e illustrada e um governo zeloso pelo progresso das sciencias e da instrucção publica, presidido pelo distincto estadista o sr. Antonio Maria de Fontes Pereira de Mello, sendo ministro do reino o sabio decano dos publicistas portuguezes o sr. Antonio Rodrigues Sampaio.

Constando então que havia alguns annos me occupava do estudo das antiguidades monumentaes do Algarve e que já tinha esboçados os delineamentos principaes de uma *carta archeologica* d'aquella provincia, fui convidado pelo sr. conselheiro director geral de instrucção publica a apresentar este trabalho e em seguida incumbido, por portaria de 15 de

janeiro de 1877, de proceder ao exame dos vestigios antigos de Mertola e á revisão da minha *carta archeologica*.

A imprensa tinha pois tomado a iniciativa que competia á sua privilegiada missão, e o governo, se em alguma cõusa errou, foi em nomear-me para um estudo de tão grande alcance, certamente muito superior ao meu limitado entendimento.

Não se poderam logo prever todas as difficuldades de um estudo d'este genero, o mais amplo que se tem emprehendido em Portugal, sendo sobre tudo subordinado a um plano regular e methodico, nascido de um pensamento rigorosamente invariavel; e até a principio se julgou, que apenas bastariam tres mezes para se reconhecerem os diversos typos de antiguidade dos terrenos de Mertola e organizar-se a *carta archeologica*, que n'um já crescido numero de logares indicava significatiyos caracteristicos das principaes nacionalidades que tinham estanciado durante muitos seculos no territorio do Algarve porventura superior a 4:000 kilometros quadrados.

Mas se á imprensa cabe a honra da iniciativa nos estudos, de que fui encarregado, sem duvida ficariam por fazer, se não tivessem achado nos conselhos da corõa e na direcção geral de instrucção publica dignissimos protectores das sciencias e das letras.

Foi o sr. conselheiro Antonio Maria de Amorim o primeiro interprete da opinião publica, como ao seu cargo competia, apresentando ao sabio ministro do reino o sr. Antonio Rodrigues Sampaio a proposta para o exame das antiguidades, que alguns jornaes repetidas vezes recommendaram, e o sr. Sampaio, ouvindo o conselho de ministros, foi o signatario da portaria que me auctorizou a emprehender esse exame.

Não ousou invocar o exemplo do grande impulso que aos estudos da archeologia monumental estão dando as nações mais adiantadas da Europa, para que seja elle o incentivo que deva guiar os poderes publicos na organisação dos que este paiz ha muito exige.

A nossa riqueza archeologica só poderá desconhecê-la

quem não tiver a minima noção das diversas populações que senhorearam este territorio. É ella, pois, o verdadeiro estimulo que impõe a sua propria exploração, sem que hajámos necessidade de recorrer a estranhos exemplos.

Emquanto porém esta sciencia não tem ingresso no quadro geral da instrucção publica; emquanto não ha para ella uma escola, ao menos com um compendio elementar, onde a mocidade estudiosa aprenda os preceitos mais geraes para conhecer os padrões da antiguidade, incluindo aquelles que representam os fastos mais gloriosos da historia patria, e portanto a estimal-os e respeital-os como saudosos penhores de uma herança de honra, haja desde já um refugio para os que existem dispersos, contra o risco de serem britados para o balastro das ruas de alguma cidade, como se diz ter acontecido ás famosas campas de uma antiquissima igreja de Beja, recamadas de inscrições onciaes, gothicas e de varios caracteres antigos, que bem poderiam, quando outro valor não tivessem, subsidiar o estudo da paleographia lapidar, fornecendo-lhe novos alphabetos e caprichosas variantes aos já conhecidos; como succedeu a muitos e importantes monumentos da celebre collecção que n'aquella cidade deixou o benemerito D. fr. Manuel do Cenaculo, e como está todos os dias succedendo em todo o reino. E para que os que venham a descobrir-se, ao menos nos trabalhos de viação, não levem o mesmo desastroso destino que terão tido os que necessariamente devem ter-se encontrado no córte dos extensos trajectos das nossas estradas e que tiveram os que se acharam ha pouco tempo em Faro na demolição de um lanço da muralha da praça, os quaes com inscrições, de que não ficaram copias, e com muitos capiteis de marmore, foram barbaramente mettidos nas paredes do novo edificio das repartições publicas; ainda que tarde, conviria tomarem-se precauções muito positivas, ordenando-se aos directores das obras publicas, que mandem rigorosamente arrecadar os objectos antigos que se acharem, que de todos façam registro especial com a designação do local e das condições do seu apparecimento e levantem a planta dos edificios em ruinas,

que sejam encontrados no seguimento dos seus trabalhos; a fim de que esses registros sejam pelas vias competentes depositados na sala paleotypica da bibliotheca nacional. Além d'isto conviria ordenar-se ás camaras municipaes, que tomassem conhecimento de quaesquer antiguidades descobertas dentro dos seus limites administrativos, para remetterem as respectivas noticias aos governadores civis, a fim d'estes magistrados as enumerarem nos seus relatorios.

Incompletos remedios são estes, bem o sei, contra as frequentes perdas que o paiz está soffrendo n'este valioso thesouro, em que pôde competir com as mais opulentas regiões da Europa; e chamo-lhe valioso thesouro, porque assim o julgam os sabios, que de certo não avaliam o estado de adiantamento das nações pelo organismo dos seus orçamentos, mas pelo seu progresso intellectual em todos os ramos dos conhecimentos humanos.

A riqueza, a prosperidade e a grandeza das nações sabemos que não hão de exclusivamente consistir na organização do seu estado financeiro. O paiz que pretende justificar a sua posição entre os mais civilizados, não pôde retardar ou adiar o progresso das sciencias, das lettras e das artes; tem de acompanhal-os nas suas innovações, e para este fim, em vez de retrahir os meios, necessita promovel-os e facilital-os; porque, de outro modo, quando haja de concorrer com elles nos congressos das especialidades em que se acha empenhada a sabedoria europêa, não terá gente nem obras com que se faça representar n'esses grandes certamens dos tempos modernos.

A estas considerações, que me parece conformarem-se com o judicioso pensar de todos os governos, porque todos desejam acertar e ser dignos da sua honrosa missão, acrescentarei a exposição de um assumpto correlativo, que me parece merecer alguma attenção.

Organizei a *Carta Archeologica do Algarve*, percorrendo todos os concelhos d'aquelle antigo reino, hoje modestamente denominado *districto de Faro*, e em cada concelho inspecionei e reconheci, quanto ao meu alcance estive, e em harmo-

nia com os meios de que dispunha, o typo das suas variadas antiguidades, abrindo trabalhos de excavação sómente nos pontos, cujos característicos de epocha não podiam de outro modo ser classificados. Nas excavações colligi mui intencionalmente os objectos que podiam servir de documentos comprovantes para a minha carta. De todos os edificios descobertos levantei ou mandei levantar as competentes plantas, empregando-se geralmente n'estes trabalhos o pantometro e o theodolito, sendo porém algumas levantadas á vista, por não carecerem do auxilio de instrumentos.

Aos objectos encontrados nas excavações reuni outros em grande numero, comprados a expensas minhas, e não poucos mui valiosos, que me foram offerecidos por parentes, amigos, e mesmo por diversos conterraneos extremamente generosos.

Pela maior parte ficaram os monumentos menos volumosos encerrados em noventa e quatro caixas e alguns avulso em varias repartições publicas e outros ainda nos logares do descobrimento sob a vigilancia dos seus distinctos proprietarios. A sua coordenação por epochas e collocação geographica ha de facilitar a comprovação da *Carta Archeologica*, assim como a collecção das plantas que a acompanham.

A carta designa todos os logares do Algarve em que achei antiguidades e por uma escala de signaes de convenção, indica, segundo a minha classificação, as epochas a que pertencem os seus característicos.

Esta carta, representando uma somma de assiduos e difficeis trabalhos, que ninguem á simples vista póde calcular, não se abona por si só; serei eu o primeiro a reconhecer, que todos têm o direito de duvidar da sua apparente significação, sem que se apresentem os monumentos systematicamente coordenados e descriptos, que destinei para ser comprovada, para assim merecer o acolhimento dos sabios, se os meus erros forem susceptiveis de correcção.

É preciso pois instituir-se o museu archeologico do Algarve com os monumentos adquiridos, com todos os que os collectores particulares da provincia queiram depositar, ou per-

mittir que se reproduzam, e com os que se forem obtendo. A este museu convem desde logo serem aggregados, constituindo grupos distinctos concernentes a cada epocha e na sua respectiva ordem geographica, todos os monumentos dispersos ou arrecadados em depositos publicos, como, por exemplo, os que existem do Algarve e de outras procedencias do reino na academia real de bellas artes de Lisboa, porque d'este modo teremos estabelecido as bases fundamentaes de um museu archeologico nacional, digno d'este titulo.

Se um dia poder haver no Algarve uma exploração especial, que d'esta vez não foi auctorizada, no amago das numerosas cavernas, que occupam amplos espaços n'uma grande parte da formação jurássica, que de oeste para leste atravessa toda a provincia ao sul da faxa triassica até alguns pontos da raia maritima, talvez se possa trazer ao campo da sciencia um elemento, que por sua feição paleontologica deva acompanhar ou preceder tudo quanto da epocha prehistorica verifiquei e colligi desde a margem esquerda do rio Odeseixe até o Cabo de S. Vicente, d'este ponto a Castro Marim e d'ali até Alcoutim. Mas a exploração d'aquellas cavernas, onde em algumas observei muitos desabamentos que impedem a passagem, e depositos, uns provenientes de materiaes externos arrastados pelas aguas correntes, outros do guano dos animaes que n'ellas têm habitado, e outros enfim por deposição das substancias stalactiticas, que por infiltração se foram precipitando e formando possantes espessuras de apertada resistencia, sendo mui principalmente sob taes depositos que mais importa investigar se ha vestigios de habitação humana e se igualmente os ha de mais especies existentes, ou de outras já extinctas, que permitam a designação da epocha a que pertencem, e o reconhecimento da fauna antiga d'aquelle derradeiro canto occidental da terra, é empreza que exige muito tempo e assás penoso trabalho para se levar a effeito de um modo seguro e consciencioso; o que todavia não deve impedil-a.

Para a organização provisoria do museu ha por emquanto

sufficiente espaço na secção do edificio da academia real de bellas artes, que o ministerio das obras publicas acabou de restaurar, e este espaço é voluntariamente cedido com o corredor contiguo pelo vice-inspector e director d'aquella academia. Convém pois proceder-se ali á divisão systematica dos monumentos, prepararem-se, segundo as exigencias de cada um, e collocar todos n'uma rigorosa ordem, a fim de se tratar immediatamente da sua numeração e da elaboração de um catalogo methodico, em que cada objecto seja inscripto com o nome do logar e as noticias concernentes ás condições archeologicas em que foi achado. Uma galeria de quadros deve mostrar as plantas dos edificios explorados e os desenhos accessorios, com a indispensavel ordenação geographica, a fim de que todo este conjuncto possa ministrar os elementos até agora descobertos e obtidos para a comprovação da *Carta Archeologica*.

Havendo pois espaço, falta apenas que o governo queira expedir as suas ordens para que ao vice-inspector da academia real de bellas artes de Lisboa sejam enviados do Algarve todos os monumentos que deixei acondicionados e avulso no governo civil de Faro, nas administrações dos concelhos de Lagos, Tavira e Alcoutim, nas quintas de Marim e Torre d'Ares (se assim o permittirem os proprietarios), e n'outros dois sitios marginaes do rio Guadiana, e me auctorise a instituir com elles e com os que se podérem obter de outras regiões geographicas do reino a base fundamental do museu archeologico nacional.

Offereço estes esclarecimentos e darei todos os mais que precisos forem, para manifestar com a devida clareza, que a instituição do mencionado museu depende simplesmente da chegada dos monumentos e de uma auctorisação para serem preparados e coordenados na academia real de bellas artes, emquanto não houver espaço mais amplo para a sua definitiva collocação.

Expendidas estas informações, obriga-me a consciencia a emitir aqui o meu humilde voto com relação ao destino que deveriam ter os monumentos do Algarve.

A todos os respeitos sou e sempre fui inteiramente contrario ao systema da centralisação absoluta.

Entendo que n'esta capital é ha muito tempo sentida a falta de um museu rigorosamente archeologico e que aos poderes publicos e ás sociedades scientificas competia terem já tratado d'esta instituição.

Reunir aqui as antiguidades da provincia da Extremadura e os modelos, desenhos ou estampas photographicas dos monumentos das outras provincias, seria uma necessidade plenamente justificada; mas exhaurir todas as provincias do reino da sua riqueza archeologica para a concentrar em Lisboa, parece-me um grande attentado contra a mui racional conveniencia de se manter em cada porvincia a sua especial riqueza e feição local.

Faro, Evora, Lisboa, Coimbra, Porto e Braga seriam, a meu ver, os pontos principaes, em que deveriam ser instituidos os museus archeologicos do reino. Cada uma d'estas importantes cidades concentraria os monumentos da sua circumscripção territorial, e com elles, subordinados a um systema geral, organisaria o seu museu, creando logo um instituto archeologico provincial com certos e determinados compromissos, oficialmente legalizados. Os governadores civis seriam por emquanto encarregados de organizar estes institutos, onde não os houvesse, convidando para este fim os homens mais illustrados d'essas cidades, até um numero limitado, para serem os fundadores do instituto e do museu sob a sua presidencia, e estes instituidores nomeariam nas terras da sua circumscripção archeologica os individuos de mais reconhecido merecimento para correspondentes do instituto e auxiliares da fundação e desenvolvimento do museu.

Por emquanto bastaria haver em cada uma d'essas cidades tres logares remunerados, o do conservador do museu, o do secretario do instituto, que por eleição annual recairiam sempre nos socios, e o de um serventuario, nomeado pelo presidente com annuencia da maioria da direcção.

Um conselho de administração, tambem nomeado por eleição annual, como o devêra ser a direcção, teria a seu cargo

a gerencia, fiscalizada pela direcção, dos fundos do instituto, os quaes consistiriam n'uma verba pedida pelo governador civil ao conselho do districto, n'outra verba votada pelo governo, no producto das suas publicações, em doações, e na somma proveniente de um diminuto pagamento de entrada nos dias em que o museu se abrisse ao publico, de que todavia seriam exceptuados os visitantes estrangeiros e os socios dos outros institutos archeologicos do reino, aos quaes seria sempre facultada a entrada e a sua assistencia ás sessões.

Estes institutos teriam principalmente em vista o reconhecimento das antiguidades do seu districto, a organização da respectiva *Carta Archeologica*, a aquisição e o estudo dos seus padrões monumentaes. Para estes fins seriam auctorizados os directores de obras publicas dos districtos em que estivessem as sêdes dos institutos a fornecerem instrumentos de trabalho e até quinhentos trabalhadores annualmente ás direcções dos mesmos institutos, e estas empregariam na compra dos livros mais essenciaes, no fim de cada anno economico, todo o excedente da gerencia, para assim começarem a organizar as suas bibliothecas.

Todos os institutos archeologicos ficariam com o direito de reclamarem um exemplar das publicações feitas por cada um d'elles e de receberem tambem um exemplar de todas as obras concernentes ao estudo de quaesquer antiguidades, publicadas ou auxiliadas por conta do estado, recebendo logo as que n'estas circumstancias já existissem.

Emfim, sirvam estas breves palavras para darem uma idéa geral da necessidade de se organizarem institutos provinciaes, dos fins que teriam de presidir a essas instituições e dos meios de que deveriam approximadamente dispor para poderem subsistir, e ministrar ao estudo critico da historia e da geographia antiga d'este territorio, e ao da historia do trabalho desde os tempos mais remotos, os elementos que n'um similhante intuito estão sendo procurados pelas nações mais cultas da Europa.

A concentração, n'um só ponto, de todos os monumentos

nacionaes, se por um lado tem alguma vantagem, por muitos outros é justamente contrariada.

Em regra geral, nenhum monumento ainda existente no seu primitivo logar, é que por isso possa servir de guia ao estudo das antiguidades do paiz, deve ser tirado d'esse logar. Quando porém uma justificada excepção o reclamasse n'um qualquer museu, ainda assim só se deveria transportar sendo primeiramente marcado n'uma planta especial o ponto em que tinha estado. Quanto aos que apparecem avulso nas excavações, conviria antes conserval-os nos museus das suas zonas geographicas, onde a todo tempo e com maior proficuidade se podessem confrontar com as condições archeologicas locais, do que desvial-os d'essa privilegiada significação.

Os museus provinciaes dão importancia, perante o mundo scientifico, ás cidades em que se estabelecem; promovem e desenvolvem em maior escala o gosto publico pelo estudo das antiguidades e este estudo obriga a fazerem-se outros muitos em beneficio da instrucção geral; ensinam a conveniencia da conservação dos monumentos; attrahem a essas cidades a concorrência dos sabios nacionaes e estrangeiros, e criam, como nas provincias da França, da Inglaterra, de Allemanha e de outros paizes, distinctissimas aptidões. Se a principio não podem logo contar com certos recursos de que dispõe a capital, esses recursos geram-se e gradualmente progridem na proporção dos seus meios e das suas necessidades, tanto mais havendo governos que, reconhecendo a sua utilidade, os saibam estimar e proteger.

Eis-aqui portanto as rasões fundamentaes que me levam a concordar com a já expendida opinião da imprensa algarviense, de que os monumentos d'aquella região deveriam com preferencia a tudo constituir ali, na séde do districto e no ex-convento de Santo Antonio dos Capuchos, o museu archeologico provincial do Algarve.

Esta idéa, muito justa e bem meditada, é a de todos os algarvios illustrados e patrioticos que ao meu encontro vieram, e seria porventura realisada, se tivesse tido interpretes que

a apresentassem e propozessem á resolução dos poderes constituidos, em nome de toda a provincia, que de certo não podia deixar de reclamar esta instituição a bem dos seus interesses, da sua representação e da sua dignidade.

O proprio magistrado superior do districto, o conselheiro Ferreira da Cunha, que já em Santarem, durante o seu governo administrativo, havia congregado um apreciavel nucleo de antiguidades no museu que organison, me communicou estar inspirado d'esta mesma idéa, e não sei se chegou, como premeditava, a reunir extraordinariamente o conselho do districto para lh'a apresentar e pedir a votação e uma verba para a manutenção do projectado museu do Algarve.

Cumpria-me registrar aqui estes esclarecimentos, não só para dar uma ligeira noção do meu pensar ácerca da mui precisa organização dos museus archeologicos provinciaes, como para manifestar aos habitantes do Algarve, meus prezadissimos conterraneos, que de modo algum concorri para os privar da possê da riqueza archeologica da nossa mal protegida provincia.

Que venham pois todos esses monumentos para a capital, visto não ter havido no Algarve quem os reclamasse, mas que venham emquanto haja aqui quem os conheça, quem saiba onde e como foram descobertos, qual foi a sua distribuição geographica, qual pôde ser a sua hermeneutica, qual a sua significação ethnographica em cada uma das epochas que representam, que documentos podem liberalisar á historia d'essa parte do nosso territorio, que factos podem offerecer á geographia antiga d'esse tão disputado retalho da bellicosa Lusitania, e quaes os elementos com que illustram a historia das artes e do trabalho entre as estranhas civilizações que os legaram á posteridade.

E vindo agora, que temos espaço para os collocar, serão porventura indignos de se manifestarem ao proximo futuro congresso internacional?

Pois tão grande, tão opulento, tão apparatuso é o peculio preparado, que não deixe um cantinho humilde e modesto

para ahi se reunirem os caracteristicos prehistoricos, que indiquei na *Carta Archeologica do Algarve*?

Porque ha de, n'essa honrosa reunião, aquella provincia deixar de ser representada, sendo ella a unica do reino que póde mostrar topographicamente um trajecto de occupação prehistorica?

É á ultima hora, quando já não haja tempo de coordenar os monumentos prehistoricos do Algarve, e quando menos tempo haja ainda para se descreverem as condições do seu descobrimento, que serão chamados, ou ficarão condemnados ao esquecimento em nome da indifferença nacional?

É obrigação minha renovar estas lembranças, que por muitas vezes, desde o principio d'este anno, verbalmente suscitei no ministerio do reino, verdade é que n'uma conjunctura em que ainda não havia espaço preparado para a instituição provisoria do museu archeologico: e repito-as agora, que já existe espaço, para que no futuro não se me possam irrogar censuras, aliás merecidas, se deixasse em silencio este assumpto, como para fugir ao difficil trabalho da coordenação systematica d'aquelles monumentos.

Constituido porém o museu, é preciso estudal-o por epochas e demonstral-o, como já disse, para authenticar os signaes indicadores d'essas epochas na carta e comproval-os até onde chegou o alcance da significação dos monumentos.

Ha portanto imperiosa necessidade de um trabalho complementar, muito extenso e systematico, subordinado a um plano regular, dividido em epochas distinctas, em que se descrevam a situação e condições locais em que foram achados os monumentos do museu, representantes dos diversos signaes das epochas indicadas na carta; em que se expliquem as plantas das ruinas das construcções descobertas nas explorações parciais, em que se interpretem os trajectos de occupação de cada povo e o seu estado de civilização, deduzido da natureza do solo que preferiu, dos materiaes e estylo dos seus edificios, e dos productos da sua industria; em que se designe a situação das cidades e defina a significação correlativa de outros mui numerosos logares habitados; em que se mos-

trem os caracteristicos que permittiram o reconhecimento das nacionalidades que successivamente estanciarão n'aquella zona sul-occidental da peninsula hispanica; em que sejam apreciados por epochas e por generos os monumentos architectonicos, epigraphicos, numismaticos, sigillographicos, glypticos, iconographicos, ceramographicos, e todos quantos possam illustrar e documentar os primordios da nossa historia, ou antes da historia do nosso territorio continental, desde os tempos mais remotos.

E porque sem esta obra, cujo plano geral ha muito tempo está formado, tudo ficaria incompleto, deixando-se imperceptiveis a carta, as plantas e o museu, propuz-me escrevel-a sob o titulo de «*Antiguidades Monumentaes do Algarve*», apesar de reconhecer a insufficiencia dos meus recursos e ante- ver as difficuldades que tenho de arrostar.

Entendi pois dever separar d'este estudo, tão complexo e variado, o das antiguidades propriamente myrtienses, já pertencente a outra região geographica, e por isso vou em seguida expender em breves termos a interpretação que me suggeriram os seus padrões archeologicos.

Primeiramente indicarei os logares da margem direita do rio Guadiana, pertencentes ao concelho de Mertola, que me foram recommendados pelos vestigios das suas antiguidades, narrando em seguia os que aparentemente observei; coordenarei por epochas e geographicamente do sul para o norte o catalogo dos monumentos que descobri e obtive, actualmente existentes n'um gabinete reservado da academia real de bellas artes; e finalmente tratarei de apreciar a significação de todos esses monumentos, assim como de outros muitos ali achados desde o seculo xvi até á data das minhas investigações.

Comecei em 2 de março de 1877. Inspeccionei o Barranco do Azeite, o sitio da Bombeira, o da Vaqueira e o Tamujo, onde muito se podéra ter visto; abri uma ligeira, mas proveitosa excavação no castello de Mertola; fiz um mui proficuo e bem remunerado reconhecimento na secção comprehendida entre o Rocio do Carmo e a ermida de Santo Anto-

nio; entrei de passagem na Cêrca de S. Sebastião, onde não me foi permitido o minimo exame, e terminei a minha rapida excursão nas ruinas romanas da vargem de S. Braz, passando no dia 12 para o concelho de Alcoutim.

BARRANCO DO AZEITE

As ruinas do barranco do Azeite não foram exploradas, porque calculei que numerosos dias de trabalho, que não podêra dedicar-lhes, como desejava, exigia o seu reconhecimento.

A jusante e a treze kilometros de distancia de Mertola, em plano um tanto elevado e propinquo á margem direita do rio Guadiana, está situado o campo d'aquellas ruinas n'uma herdade, denominada dos Colgadeiros, pertencente ao visconde dos Boizões.

Tres arrazados muros paralelos ao rio, orientados de NNO. para SSE., de variavel extensão apparente, divididos perpendicularmente por outros, formando definidos compartimentos n'um edificio, cuja grandeza não foi possivel calcular, tanto mais porque estes ultimos proseguiam no sentido de uma rampa que encobria o seu acabamento, constituiam a feição principal das ruinas na occasião em que fui observal-as.

A parte mais descoberta, dilatando-se n'uma extensão de 142^m,70, foi ligeiramente excavada no interior de tres casas e apenas estes espaços manifestaram fragmentos de grosseiros artefactos ceramicos, os quaes, a alguma distancia, um tanto para SE. se verificaram em maior copia, mas com signaes de ustulação entre um cinzeiro contiguo ás ruinas de um rude edificio, que parece ter sido forno de uma antiga olaria. N'este logar foi encontrado um amontoamento de barro cru amassado, porventura preparado para a fabricaçãõ de materiaes de construcção e de vasilhas rusticas, e inferiormente na margem do rio appareceram grandes pedaços d'aquella massa, que parece terem sido precipitados alli pela corrente das chuvas. Para comprovar este facto col-

ligi o specimen, que tem o n.º 19 na collecção dos monumentos de Mertola, organizada na academia real de bellas artes.

N'outros pontos do campo havia restos de paredes de pedra e cal e pedra e barro, n'uma extensão de 50 metros.

Obtive ali um prato inteiramente liso, duas botijas de bojo dilatado até ao fundo, com bôca de galheta e uma asa entre o bordo superior e o bojo. Eram estas louças de argilla amarellada, diversa da que achei amassada; comprei-as a um trabalhador que as descobriu, e vieram na caixa n.º 5 para a academia real de bellas artes de Lisboa, onde julgo terem sido extraviadas. Por intervenção de um irmão do proprietario da terra obtive mais duas botijas inteiras e uma pequena tigela toscamente fabricada sem o auxilio de torno, as quaes tambem comprei a um trabalhador que as foi buscar a um casal da herdade; e estas mesmo já estavam misturadas com outras louças que havia no deposito da academia, conservando porém os rotulos.

Foi n'este sitio que se achou uma pequena balança romana de cobre, actualmente possujda por um negociante da villa de Mertola, mas não a pude desenhar, porque a rapidez com que era mister acudir a muitos trabalhos e a falta de pessoal tecnico para me auxiliar, obrigaram-me muitas vezes a prescindir do desenho de monumentos e artefactos, que conviria reproduzir quando se tratasse do estudo critico dos elementos mais caracteristicos da historia do trabalho antigo na região commettida ao meu exame.

VARGEM DA BOMBEIRA

Rio acima, no mesmo flanco direito e em plan'alto sobranceiro à raia molhada, está situada em distancia de 4^k,500 da villa uma herdade denominada a Bombeira, ou Vargem da Bombeira, onde a passagem das cheias de 1876 deixou descobertos vestigios de construcções antigas e fragmentos de louças ordinarias de argilla, sendo os fundos de amphoras

os mais característicos. Não ousei fazer ali excavações, porque o tempo me estava contado por dias.

VARGEM DA VAQUEIRA

A Vargem da Vaqueira, limitada ao norte pelo barranco d'este nome e ao sul pelo da Silveira, está n'um plan'alto propinquo ao rio, occupando uma extensão talvez de 400 metros. Houve n'este lugar, hoje chamado herdade do Neves; muitos edificios antigos, cujas ruínas foram descobertas pela passagem das cheias do inverno de 1876. Os edificios assentavam os seus alicerces sobre a rocha schistosa da formação local, e estes alicerces durante muitos seculos estiveram encobertos por uma camada de terra da espessura de 0^m,40 a 0^m,60 em quasi toda a superficie.

A mui singular disposição dos predios, não tendo havido as indispensaveis excavações, não me deixou perceber o minimo vestigio de arruamentos entre si, e por isso dão apparente indicio de terem sido edificadas n'uma continuidade nunca interrompida e em diversos sentidos, mostrando porém que mais geralmente teriam a frente apontada para o rio. Póde tambem julgar-se que todo aquelle conjuncto pertenceria a um só edificio, porque com maior probabilidade parece ter ali havido uma *villa* ou colonia agricola, do que um *vicus* propriamente dito; nem a construcção das paredes, feitas de pedra e terra amassada, deixa suppor que houvesse n'aquella paragem senão um edificio rustico, que só na grandeza do espaço que occupava se parecesse com muitas *villæ* sumptuosas de que Vetrúvio deixou desenvolvidas noticias.

Os característicos de epocha foram ali muito escassos; apenas em alguns compartimentos do edificio appareceram fragmentos de louças grosseiras, mui semelhantes a outros encontrados em campos capituladamente romanos.

Julgavam alguns visitantes, que os numerosos sulcos que se observavam na rocha do subsolo teriam uma significação de trabalho intencional; mas elles apenas revelavam que o

ferro do arado os tinha exclusivamente produzido. Não pude levantar a planta das ruínas, porque para as tornar perceptíveis, seria mister empregar uma ou duas semanas de trabalho preparatorio.

A Vargem da Vaqueira está situada ao sul da villa em distancia de 2 kilometros.

CONVENTO DE S. FRANCISCO

Da Vaqueira passei ao ex-convento de S. Francisco, separado da villa pela ribeira de Oeiras, não em busca de vestígios romanos, que necessariamente devem ali achar-se, se um dia houver n'este paiz alguma dedicação pelos monumentos da antiguidade, mas no intuito de procurar se ainda por lá existiria o celebre monumento arabe de caracteres cúficos, que o abalisado arabista fr. João de Sousa vertêra em linguagem portugueza, e que bem parece ter pertencido a uma mesquita na epocha do dominio mahometano; mas fui tarde para resgatar este padrão monumental, cujo destino é desconhecido pela propria gente antiga da villa.

TAMUJO

Passando á margem opposta da ribeira de Oeiras achei-me nos terrenos de Mertola, junto á corrente do rio, em que a ribeira lança as suas aguas. É a uma secção d'aquelles terrenos inferiores que se dá a denominação de Tamujo. Ali estavam á vista muitos vestígios, que parecem ser de fornos antigos e de outras construcções, que não tive tempo de examinar, e que bem mereciam ter sido cuidadosamente explorados.

MERTOLA

Abandonei o Tamujo, ausentando-me com o mesmo pezar e remorso de consciencia com que me havia despedido

do Barranco do Azeite, da Bombeira, da Vaqueira e do convento de S. Francisco, onde tantos é tão preciosos característicos das civilisações que precedem a nossa proverbial incuria, o nosso obstinado desleixo, o nosso esterilizador indifferentiŝimo por tudo quanto pôde abrir novos horisontes ás sciencias modernas e animar os engenhos dedicados á sua cultura, me ficaram por descobrir e examinar; e fui subindo uma rampa extensa e ingreme até o Arco da Misericordia, construido, ou talvez reparado em tempo de D. João III, como bem o mostra o padrão heraldico nacional, que superiormente o decora. Parei á entrada d'este arco, porque a minha vista acertou logo n'um monumento romano de marmore granolamellar cinzento, que barbaros artifices de outras eras tinham cortado de alto a baixo para talharem o umbral esquerdo d'aquella entrada, levando-lhe mais de metade de todas as linhas do sua expressão epigraphica, e collocado no sentido inverso; e não transcrevo já os poucos caracteres que conserva, porque os reservo para logar mais apropriado.

A poucos passos do arco está a igreja da Misericordia, cujos degraus são de bellos marmores, visivelmente extrahidos de nobres edificios antigos, mui provavelmente ali achados, quando, ao abrirem-se os alicercês para a construcção da igreja, foram descobertas no seculo xvi umas estatuas, de que fallam Rezende e D. fr. Amador Arraes. Percorri em seguida as ruas da villa, notando em muitos prédios diversos materiaes de antigo lavor. Inspeccionei interna e externamente as fortificações que se denominam arabes, mas que julgo representarem emmaranhada mescla de quantos povos dominaram anterior e posteriormente aquella terra, e em toda a parte, com raras excepções, achei no grosso e no revestimento das muralhas, da torre e dos baluartes do castello numerosos fustes de columnas de marmore, bases, capiteis, fragmentos de cornijas, de frisos, de entablamentos e de bons monumentos destruidos, attestando tudo isto que, tendo a grandeza romana ennobrecido de sumptuosos edificios a celebre Julia Myrtilis, a quem Cesar dera o seu nome, o jus do Lacio, o privilegio monetario e todas as prerogativas do

município latino antigo, os vindouros trataram esta herança como ainda ha poucos dias, em meio d'esta capital, foram tratadas as inscrições gothicas do portico ogival das ruinas do Carmo!

Notando que no interior do castello estavam á vista uns restos de muro de antiquissima construcção e que dispersos na terra e nos entulhos havia fragmentos de louças romanas e arabes, mandei fazer um córte junto á servidão que da igreja matriz segue para a porta do cemiterio publico, a 10 metros de distancia d'esta porta e a 4 metros do flanco esquerdo da dita servidão, atacando a rampa que vae de encosto á muralha, e chegando á profundidade de 2^m, 63 descobri um pavimento de fino mosaico de variegado matiz, do género *opus vermiculatus*, com bellissimo targeado e tendo no centro a figura de uma tartaruga, symbolo de uma das drachmas gregas, ou de um cágado; mas como não podia destinar mais tempo a este reconhecimento local, limitei-me a extrahir uns fragmentos d'este pavimento destruido e a reunir os dos vidros e louças que encontrei no decurso da excavação, agora catalogados entre os monumentos de Mertola, mandados depositar pelo governo na academia real de bellas artes de Lisboa. Tive pois de abandonar este importante descobrimento, de prescindir da exploração do corredor subterraneo, a que chamam boca do inferno, de deixar entulhada a porta falsa do castello e o seguimento do seu caminho, de renunciar á idéa de desentulhar as rampas, em que ha muitos edificios sepultados e de fazer outras investigações nas avenidas do castello, como tudo convinha ao exame geral dos diversos typos d'aquellas antiguidades.

DO ROCIO DO CARMO Á ERMIDA DE SANTO ANTONIO

Não havia tempo a perder, porque ainda dentro da villa, em todo o terreno comprehendido entre a igreja do Carmo e a ermida de Santo Antonio, situada á beira da estrada pu-

blica, lá me estavam attrahindo outras antiguidades, em que ninguém tinha ainda fallado, com excepção de André de Resende, que mui vagamente as indicára, mas sem citar monumentos, dizendo: « . . . multis antiquitatum monumentis plena, cippis, columnis, statuis, quibus tam *Gothi*, quam *Mauri*, etc.» E Resende referia-se talvez á noticia do Chronicon de Idacio, quando recorda a prosperidade que ainda no anno de 440 lograva a famosa Myrtilis, como em seu logar citarei.

O elemento wisigothico, comquanto Idacio e Resende o já tivessem indicado em Mertola, não estava comprovado por monumentos authenticos, e foi o que eu consegui, descobrindo um extenso campo mortuario d'essa epocha entre a igreja do Carmo e a ermida de Santo Antonio, onde apurei quatorze monumentos epigraphicos, uns inteiros e outros em fragmentos, todos gravados em marmores visivelmente extrahidos de edificios antigos, como se podem ver no gabinete da academia real de bellas artes, em que deixei depositados e catalogados em ordem regular todos os objectos que obtive em Mertola, assim como descobri n'uma rapida excavação que fiz no Rocio do Carmo o logar em que parece ter existido a primitiva igreja christã d'aquella epocha, sendo para sentir que não tivesse tido o preciso tempo para explorar todo aquelle campo, ainda riquissimo em caracteristicos archeologicos.

Descoberto e amplamente comprovado o elemento wisigothico no Rocio do Carmo, outros bons indicios, que parecem ser de maior antiguidade, pude observar a partir d'este campo para as primeiras ondulações da região montanhosa, e foram numerosas sepulturas de varias dimensões, mas todas estreitas, mui imperfeitamente excavadas nas rochas de schisto que compõem o relevo orographico d'aquelle tracto geologico. Algumas d'estas sepulturas, constituindo grupos, estavam inteiramente despejadas desde tempos immemoriaes, e outras, mas quasi todas invadidas em tempos antigos, cobertas da terra descaida da parte superior da rampa; pois sendo cuidadosamente exploradas muitas d'estas, não houve.

n'ellas encontrar um unico signal de enterramento; apenas umas tres, mais sertanejas, mais escondidas nas pregas da ondulação schistosa, manifestaram um par de argolas de orelha de mulher, um pequeno gonzo e metade de um prego, tudo de cobre, e uns fragmentos de ossos humanos em estado da mais adiantada deterioração, deixando perceber que mesmo estas tinham sido invadidas, por isso que nem um só vestigio de craneo, nem um unico dente foi possivel descobrir no seu ambito, dando-se mais a circumstancia de que os poucos ossos que continham, não estavam assentes sobre o fundo resistente dos jazigos. Uma das argolas de cobre ainda inteira, a fórma e o estylo da abertura de taes sepulturas, cujas dimensões permittiam a inhumação, poderão dar uma idéa mais ou menos approximada da epocha que representa aquelle singular cemiterio serrano, como em seu competente logar averiguarei. Todo aquelle tracto de rochas precisava pois um exame rigoroso, por ser possivel e talvez muito provavel apparecerem algumas sepulturas intactas, que podessem resolver todas as duvidas e supprir todas as hypotheses.

CERCA DE S. SEBASTIÃO

Partindo do ponto antecedente pela faxa do litoral a montante do rio e percorrendo approximadamente 1^k,400, entrei na cêrca de S. Sebastião, onde uma ermida d'este nome foi levada pela cheia no inverno de 1876, salvando a imagem padroeira com grande risco de vida um devoto da villa, chamado Antonio Quintino Affonso. E não foi só a ermida que a cheia arrastou na sua desencadeada passagem; com a ermida foram as casas, as arvores e o terreno aravel do logar; e d'aqui resultou o apparecimento de um campo mortuario com as sepulturas pela maior parte quasi perpendiculares ao rio, geralmente cobertas de lages delgadas de marmore granolamellar, umas com superficie polida, lisa, sem epitaphios nem ornatos, e outras sem trabalho apreciavel. Manifestou mais este terreno uns abatimentos de configuração

proximamente circular, de um dos quaes se diz ter-se extrahido uma ola ossaria, ou antes uma urna cineraria, que o distincto medico da villa, o dr. Antonio Xavier de Brito, teve a condescendencia de me offerecer, trazendo esta urna ainda alguns fragmentos de ossos calcinados e terra queimada, como se podem verificar. Eu levava recommendação especial para explorar o campo de S. Sebastião, se o seu proprietario, o sr. Lourenço Cesario Parreira, o permittisse; mas este cavalheiro, que foi um dos que maiores estragos soffreu nas propriedades de sua casa, receiando um tanto infundadamente que as excavações pozessem ainda em peor estado o seu terreno, não pôde ter n'aquella occasião, em que tão sensiveis perdas tinham transtornado a ordem regular dos seus trabalhos campestres, a condescendencia que lhe solicitei e que certamente não deixaria de ter em circumstancias menos adversas. Não pude pois examinar o campo mortuario de S. Sebastião, mas varias pessoas, sabendo que eu desejava observar os fragmentos das louças e marmores que estivessem espalhados na terra, me trouxeram alguns specimens e entre elles um fundo de amphora, em que houve deposito cinerario, como se pôde ver na collecção dos monumentos de Mertola, um tijolo inteiro, um pedaço de telhão horizontal de bordos salientes, um fragmento de cimento com mescla de tijolo triturado e dois dos marmores que cobriam as sepulturas; e foi tudo quanto pude adquirir d'aquelle campo, cuja planta acompanha esta noticia.

VARGEM DE S. BRAZ

No meu progressivo seguimento pela margem direita, sempre a montante do rio, passei da cêrca de S. Sebastião á Vargem de S. Braz, tambem situada em plan'alto propinquo ao Guadiana e distante da villa mais de 2 kilometros. Notei logo á flor do chão muitos vestigios de antigos edificios, estando os seus arrazados muros orientados geralmente de norte a sul n'uma area apparente de 243 metros quadrados,

devendo entender-se que muito maior superficie poderia descobrir-se, se tivesse ali havido uma exploração bem dirigida e sem tempo contado. Constou-me então haverem-se tirado d'aquella vargem alguns materiaes de construcção, tendo apenas ficado abandonada uma pequena columna de calceado branco com altura de 1^m,40 medindo a sua base quadrada 0^m,20 em cada lado. Do chão de uma casa extrahi um specimen de cimento com a conhecida mescla de tijolo triturado, e para reforçar a significação d'este caracteristico, que tambem se acha em obras mais antigas, trouxe um fragmento de telhão horisontal de bordos salientes.

Foi esta a ultima estação do meu imperfeitissimo Exame na secção da margem direita do rio Guadiana, comprehendida entre este ponto e o Barranco do Azeite.

De todos os mencionados pontos que inspecionei, excepto da vargem da Bombeira, trouxe caracteristicos archeologicos, e nomeadamente do Rocio do Carmo e do Castello uma serie de monumentos epigraphicos com inscrições wisigothicas e arabes, que acondicionei em seis caixas e remetti ao governador civil do districto de Beja com sobrescripto para o ex.^{mo} ministro do reino. Estas malfadadas caixas foram mandadas pelo governo para a academia real de bellas artes, sendo então vice-inspector d'aquella academia o meu illustre amigo marquez de Sousa Holstein, que tão cedo a morte arrebatou, usurpando á sciencia e ás lettras um dos seus mais intelligentes e activos cultores.

Os monumentos de marmore pela maior parte chegaram feitos pedaços; dois muito notaveis perderam-se, assim como um perfeito prato de argila e as duas botijas, a que já alludi, fallando do Barranco do Azeite.

No meu regresso a Lisboa recebi uma vaga noticia dos desastres por que tinham passado todos estes objectos, comprados á minha custa, ou recebidos por offerecimento de varias pessoas que quizeram honrar-me com os seus obsequios, por isso que poucas cousas se poderam utilizar nas rapidas excavações que se fizeram.

Servindo-me da intervenção do sr. conselheiro director

geral de instrução publica, que a este respeito já tinha conferenciado com o sr. Delphim Guedes, actual vice-inspector d'aquella academia, fui observar os monumentos de Mertola, que em seis caixas tinham sido cuidadosamente acondicionados e acompanhados na de n.º 6 por um catalogo geral, com a designação da proveniencia e das condições do descobrimento de cada objecto, para ser confrontado com os respectivos rotulos, a fim de facilitar a sua collocação por ordem geographica do sul para o norte e por epochas distinctas, por isso que desde o principio destinei logo a serie das antiguidades de Mertola para o seguimento ordinal das do Algarve, cujo ponto de partida estava marcado no plano geral dos meus trabalhos, no flanco esquerdo do rio Odeseixe, ao norte de Aljezur; porque d'este modo tive em vista deixar pelo lado do rio Guadiana abertos os trabalhos para a carta archeologica do Alemtejo, bem como offerecer aos sabios do reino vizinhò uma ligação do reconhecimento archeologico do nosso paiz com a do tracto do territorio andaluz, se alguma vez aquella illustre nação quizesse fazer partir da nossa fronteira um igual reconhecimento para o levantamento da carta archeologica de toda a peninsula.

Tive pois ingresso no deposito em que deram entrada os monumentos da região myrtilense, e observei: que as caixas tinham desaparecido; que os monumentos de marmore estavam reduzidos a pedaços; que dois d'estes monumentos e um d'elles muito importante em rasão da sua data, não existiam já; que os fragmentos respectivos a alguns monumentos estavam todos confundidos e misturados em monte; que tinham desaparecido tres mui perfeitos vasos de argilla por mim comprados a um trabalhador que os achou em sepulturas no Barranco do Azeite; que numerosos rotulos estavam despregados dos objectos em que foram collados, e que do catalogo incluso na caixa n.º 6, onde vinham os mosaicos do castello, não havia noticia!

Em presença de toda esta desordem cheguei a duvidar, se eu mesmo seria capaz de concertar os monumentos epigraphicos, dos quaes alguns bocados tambem se perderam,

e de restituir os rotulos aos objectos em que faltavam, e solicitei ao distincto vice-inspector da academia que mandasse fazer uma busca rigorosa n'aquelle deposito para se procurarem os dois monumentos epigraphicos que tinham vindo inteiros, os fragmentos que faltavam para outros se poderem completar, e os tres vasos, de todos os mais perfectos, que por minha mão foram encerrados na caixa n.º 5, onde vinham todos os artefactos ceramicos inteiros, acondicionados com inexcedivel cuidado; mas nada d'isto até á presente data se pôde encontrar.

Cumprindo o meu dever, participei todos estes acontecimentos ao sr. conselheiro director geral de instrucção publica, e fui então convidado a proceder á reorganisação de tudo quanto fosse possivel apurar-se, e para este fim me foi dispensado um gabinete na academia de bellas artes.

Reconstruidos os monumentos de marmore com todos os fragmentos que appareceram de cada um, mandei-os assentar em gesso dentro de caixas para que novas perdas não houvesse a lamentar, e recorrendo ás minhas reminiscencias e apontamentos, renovei os rotulos em todos os objectos. Aos monumentos que tinham vindo, reuni um que comprei no dia da minha partida de Mertola para Lisboa, um outro mui perfeito, offerecido pelo sr. Alonsc Gomes, e mais dois pelo sr. Domingos Martins Peres.

Eis-aqui portanto o catalogo dos objectos antigos de Mertola, que n'esta data ficaram depositados na academia real de bellas artes de Lisboa.

Começo pelo cemiterio antigo da região serrana, contiguo ao Rocio do Carmo, em que ha sepulturas isoladas e em grupos, abertas nos schistos da formação local, pela maior parte estreitas, mal alinhadas, pouco fundas, e de dimensões diversas, geralmente invadidas desde tempos antigos, e que por sua rude construcção parecem pertencer a uma epocha anterior ao dominio romano.

EPOCHA PRE-ROMANA

MERTOLA

1. Fragmentos de ossos humanos, achados na terra das sepulturas excavadas nos schistos da rampa contigua ao Rocio do Carmo, mostrando assim terem aquellas sepulturas sido invadidas por nacionalidades que occuparam posteriormente a região myrtilense.

2. Prego, argolas de orelha e gonzo, de cobre, unicos objectos metallicos extrahidos em 1877 das sepulturas indicadas no numero antecedente.

EPOCHA ROMANA

BARRANCO DO AZEITE

3-4. Dois vasos de argilla, bojudos, com fundo estreito, gargalo curto, alargando para a bôca, e uma só asa. Foram achados em 1877 sobre o pavimento de uma das casas arrazadas, que a passagem da cheia deixou á vista, e comprados no mesmo logar a um trabalhador por E. da V.

5. Tigela pequena de argilla escura, de rude fabricaçãõ, achada n'uma casa arrazada, que as cheias do inverno de 1876 deixaram patente. Foi comprada no proprio logar a um trabalhador por E. da V.

6-10. Fundos pontagudos de amphoras e de outros vasos de argilla de grandes dimensões, extrahidos das ruinas dos edificios, verificadas em 1877.

11. Fundo de diota com um fragmento do bojo, extrahido das ruinas dos edificios arrasados.

12-14. Tres azas de grandes vasos grosseiros de argilla, achadas nos entulhos das casas destruidas.

15-16. Dois gargalos de vasos grandes de argilla com duas azas, extrahidos das ruinas dos edificios arrasados.

17-19. Tres bordas de vasos de argilla, de grande abertura, achadas nas ruinas das casas.

20. Fragmento de tijolo rubro, delgado e com uma estreita faixa de linhas paralelas muito juntas, achado nos entulhos das casas.

21. Pasta de barro cru, amassado e preparado para fabricação de louça, achada com outros grandes pedaços, perto de um forno de olaria, ainda perceptivel. Foram observados mais alguns junto á margem do rio, onde seriam precipitados pelas torrentes pluviaes.

VARGEM DA VAQUEIRA

22-26. Cinco fragmentos de grandes vasos grosseiros de argilla negra, granulada de quartzite, mostrando o de n.º 20 nas suas desiguaes superficies não ter sido feito ao torno. Estes fragmentos revelam uma fabricação rudimentar; parece approximarem-se ao typo da ceramica dos *tumuli*, e como taes seriam indicados, se não tivessem sido vistos entre outros e em construcções de feição romana.

São comtudo aqui incluídos com as devidas reservas, por isso que, não tendo havido excavações na extensa vargem da Vaqueira, não se pôde verificar, se os vestígios romanos do campo terão tido assentamento sobre construcções mais antigas, a que pertencessem os respectivos vasos.

27-28. Duas azas de vasos de argilla grandes e grosseiros, achadas nos entulhos das casas arrasadas.

29. Fragmento de borda de prato de argilla, achado nas ruínas dos edificios.

30. Fragmento do bojo de um vaso de argilla alvacentas, com uma péga, achado nos entulhos de uma casa arrasada.

TAMUJO

31. Argola de bronze, achada junto ao rio entre a chamada ponte da villa e a ermida de Santo Antonio, nas ruínas de uma construcção antiga.

32. Fragmento da borda de um pequeno vaso de vidro de bôca larga, de côr branca ligeiramente esverdiada, achado com o objecto antecedente.

33. Fragmento de uma candeia de barro alvacentas (lucerna), achado com os dois objectos antecedentes.

CASTELLO DE MERTOLA

34-35. Caixas, contendo specimens de um pavimento de mosaico, do genero *opus vermiculatus*, descoberto n'uma excavação feita na rampa do castello em profundidade de 2^m,63, distante 4 metros da servidão que vai da igreja matriz

para o cemiterio publico e a 10 metros da porta do mesmo cemiterio. Servem para comprovar que houve edificios romanos dentro do perimetro do castello.

36-37. Fragmentos de marmore granular branco trabalhado, achados junto ao pavimento de mosaico representado sob os numeros 34 e 35.

38. Dez fragmentos de diversos vasos de vidro, parecendo todos de fabricaçaõ romana, achados a 1^m,90 de profundidade na excavaçaõ em que se descobriu o pavimento de mosaico representado sob n.^{os} 34 e 35.

39. Bõca de vaso de argilla de gargalo estreito e bojo dilatado, achada junto ao mosaico de n.^{os} 34 e 35.

40. Fragmento de borda de alguidar de argilla, atravessado por um orificio, achado em profundidade de 2^m,10, juntamente com os de n.^{os} 41 a 49, na excavaçaõ que deixou descobrir o mosaico de n.^{os} 34 e 35.

41. Fragmento de um vaso de argilla vermelha com uma canelura concava junto ao fundo entre dois filetes parallelos a outro da extremidade superior.

42. Dito de bojo de vaso grande de argilla alvacentã.

43. Dito de prato de argilla vermelha ordinaria.

44-45. Ditos de bojo de dois vasos de argilla ordinaria, externamente ornamentados de estreitas caneluras convexas parallelas.

46-47. Ditos de vasos de argilla vermelha de tenue espessura, com estreitas listas brancas parallelas.

48-49. Ditos de dois diversos typos de telhas de argilla avermelhada.

Todos estes fragmentos marcados com os n.º 40, a 49, como se disse com relação ao de n.º 40, foram achados em profundidade de 2^m,10 na excavação que, levada 0^m,53 mais abaixo, deixou á vista o pavimento do mosaico acima mencionado, e porque tinham o seu deposito n'uma camada 0^m,20 inferior áquella em que se acharam os specimens de vidros romanós, sob n.º 38, vão aqui incluídos na epocha romana, comquanto alguns suscitem duvidas, que reclamam estudos especiaes, que só poderão fazer-se quando as bibliothecas publicas estiverem munidas das principaes monographias ceramicas que tratam d'este assumpto. Com o mesmo pouco seguro fundamento vão incluídos na epocha romana os seguintes objectos n.ºs 50 a 52, os quaes podem ter tido aproveitamento em tempos posteriores, não obstante a bem caracterisada antiguidade do de n.º 52.

50. Tres fragmentos de pregos de ferro em adiantada decomposição, achados junto ao mosaico do castello representado sob n.ºs 34 e 35.

51. Valva do mollusco maritimo comestivel (*Pecten maximus*, Linn.), achada sobre o mosaico do castello.

52. Valva de mollusco maritimo comestivel do genero *Ostria*, em adiantado estado de deterioração, achada com a antecedente sobre o mosaico do castello. Estas duas conchas, indubitavelmente importadas de muitas leguas de distancia, são mui frequentes em sepulturas e em ruinas romanas.

CERCA DE S. SEBASTIÃO

53. Grande urna cineraria de argilla alvacenta, de bojo approximadamente espherico, fundo circular externamente excavado em canelura concava, gargalo curto e perpendicular, rematado em borda estreita descaída, d'onde saem duas

pequenas azas em sentido opposto. Diz-se ter sido extrahida de uma cavidade de fórma circular, contendo cinzas e ossos calcinados, de que ainda conserva alguns restos. Foi offerecida na villa de Mertola em 4 de março de 1877 pelo dr. Antonio Xavier de Brito a E. da V.

54. Tijolo mal cozido de argilla amarellada, achado e offerecido com os objectos seguintes até n.º 60 por um trabalhador da villa.

55. Fragmento de telha horisontal de bordos lateraes salientes.

56. Fundo de amphora de argilla vermelha com um fragmento de craneo e residuos de incineração, mostrando ter servido de receptaculo cinerario.

57. Fragmento da borda de um vaso de argilla de largo diametro e fundo curto, que se diz ter sido extrahido de uma sepultura, onde serviria de deposito cinerario.

58. Specimen de cimento com mescla de barro cozido triturado, achado avulso no campo mortuario.

59. Fragmento de uma lage de marmore granolamellar azulado com uma superficie trabalhada, extrahido da campa de uma sepultura.

60. Fragmento de uma lage tosca de marmore granolamellar cinzento, extrahido da campa de uma sepultura.

VARGEM DE S. BRAZ

61. Fragmento de telha horisontal de bordas lateraes salientes, achado nas ruinas dos edificios romanos.

62. Specimen de cimento com mescla de tijolo triturado, semelhante ao de n.º 58 da Cêrca de S. Sebastião, extrahido do pavimento de uma casa arrazada, junto da qual estava uma pequena columna de calcareo branco solta no campo.

EPOCHA WISIGOTHICA

CASTELLO DE MERTOLA

63. Tessera monogrammatica de argilla, de fôrma circular, com duas faces planas e parallelas, tendo n'uma gravada um signal, que parece o monogramma de Christo, composto com as letras X, P, T, enlaçadas.

Foi achada na excavação que poz á vista o mosaico das caixas n.ºs 34 e 35.

64. Fragmento de lapida de marmore granular branco, com signaes de duas cavidades, abertas á broca, e de linhas, entre as quaes em muitos monumentos christãos do quinto ao setimo seculo, como se observam em alguns da collecção de Mertola, se acham gravadas as inscrições. Parece ter pertencido a um d'esses monumentos, e foi descoberto na excavação junto ao mosaico do castello com a tessera antecedente.

CEMITERIO CHRISTÃO DO QUINTO AO SETIMO SECULO

Verificado entre o Rocio do Carmo e a ermida de Santo Antonio na villa de Mertola

65. Caixa, contendo restos de maxillares, encontrados nas sepulturas exploradas em 1877 rente ao flanco esquerdo da

estrada real n.º 18 de Mertola para Beja, quasi em frente da ermida de Santo Antonio, e nas que foram achadas junto ao Rocio do Carmo.

66. Numerosos fragmentos de ossos, extrahidos das sepulturas christãs do quinto ao setimo seculo, exploradas em 1877 entre a ermida de Santo Antonio e o Rocio do Carmo.

67. Defeza de cabra, achada n'uma sepultura intacta, junto á valleta da estrada de Mertola para Beja, quasi em frente de Santo Antonio, associada a ossos humanos, onde parece ter sido intencionalmente depositada como objecto de superstição.

MONUMENTOS EPIGRAPHICOS

68-81. Em seu competente logar vão gravados e descriptos estes monumentos, pela maior parte incompletos, desde n.º 1 até n.º 14, e sob a numeração geral de 68 a 81. Todos pertencem ao auctor, que os comprou, excepto tres offerecidos pelos srs. Alonso Gomes e Domingos Martins Peres.

EPOCHA ARABE

82. Inscricção arabe incompleta, de caracteres cuficos, lavrada em relevo n'uma peça angular de cornija ou de faixa ornamental de marmore granular branco, extrahida em 1877 de sobre a porta da torre, que no castello de Mertola

mandou fazer D. João Fernandes em 1292, onde foi collocada como material de construcção, visivelmente pertencente a um edificio arabe destruido.

83. Monumento epigraphico funerario mahometano, com inscrição lavrada em relevo n'uma lamina de marmore granolamellar cinzento. Extrahido do lado de leste da torre de Mertola, onde fôra collocado em 1292 com as lettras atravessadas como material de construcção.

Estes monumentos vão gravados e descriptos em seu competente lugar. Pertencem ao estado.

84. Fragmento de grande vaso de argilla amarellada, externamente ornamentado em relevo no estylo arabe, ou antes hispano-mahometano, achado n'uma excavação feita em 1877 no castello de Mertola, a 10 metros de distancia da porta do cemiterio publico.

85. Fragmento muito espesso de grande vaso de argilla ligeiramente avermelhada, com relevo ornamental no estylo hispano-mahometano, vidrado de verde escuro. Achado nos entulhos do castello em 1877.

86. Dois fragmentos, que se ligam, de um vaso de largo fundo achatado, medindo de altura 0^m,035. É internamente vidrado de verde escuro e por fôra de amarello esverdiado, sendo a sua massa ceramica semelhante na côr e contextura á dos fragmentos antecedentes, com os quaes foram achados.

87. Fragmento de fundo de um vaso de argilla, semelhante aos antecedentes na côr e contextura do barro, com vestigios de vidrado côr de mel no lado externo e de amarello claro internamente. Achado com os antecedentes em 1877.

TAMUJO

88. Fragmento de fundo de vaso de argilla com externo vidrado cõr de mel sobre reflexos escuros, parecendo pertencer á classe dos artefactos ceramographicos hispano-ma-hometanos. Achado avulso na baixa do Tamujo.

EPOCHA PORTUGUEZA

MERTOLA

89. Inscricção gravada n'uma lâmina de calcareo, existente sobre a porta da torre do castello, onde serve de documento comprovativo da era em que foi construida aquella torre e que por isso não deve ser d'alli retirada. A copia pertencente á collecção é fac-simile e vae reproduzida no fim.

MOEDAS ROMANAS, ARABES E PORTUGUEZAS
ACHADAS EM MERTOLA E OFFERECIDAS PELOS SRS. MENDONÇA E M. GARRIDO
RESIDENTES NA VILLA, A B. DA V.

EPOCHA ROMANA

REPUBLICA

INCERTA

1. Cabeça de Pallas com capacete alado, voltada para a direita, tendo á esquerda a nota do denarius, X.

R—ROMA—Os Dioscures a cavallo, correndo para a direita.—R. D.—Familia consular incerta.—Off. pelo sr. M. Garrido.

FAMILIA MINUCIA

2. ROMA—Cabeça de Pallas para a direita com capacete alado, tendo adiante a nota monetaria do denarius, X.

R—C (aius) AVG (urinus). Dois homens de toga em pé, um com dois pães e o outro com o *lituus*; entre ambos uma columna estriada com uma estatua; entre os homens e a columna umas espigas e na base de cada lado um meio leão deitado.—R. D.—H. Cohen attribue a cunhagem d'este denario a um anno entre o 188 e 164 antes de Christo. Valor, 2 francos (360 réis)—Off. pelo sr. M. Garrido.

IMPERIO ROMANO

CONSTANCIO II

(Morreu no anno 361 de J.ºC.)

3. DN. CONSTANTIVS P. F. AVG.—Busto de Constancio, voltado para a direita, com diadema e paludamento. No campo, á esquerda, o signal monetario A.

R—FEL·TEMP·REPARATIO. O imperador em pé n'um navio, com vestidura militar, navegando para a esquerda, com a Phenix sobre o globo na mão direita e o labaro na outra. A Victoria, assentada á pôpa, governa o leme. No campo, sobre a prôa, o signal monetario A. Exergo imperceptivel.—P·Br.—Off. pelo sr. Mendonça.

4-5. DN·CONSTANTIVS P·F·AVG. Busto do imperante para a direita, com diadema e paludamento.

R=FEL·TEM·REPARATIO. Soldado de capacete e escudo, arremessando a lança a um inimigo caído sobre o cavallo e com o braço erguido e o rosto voltado para o vencedor como para supplicar-lhe a vida. No campo, D·Módulo entre o P·Br. e o Quinario.—Dois exemplares offerecidos pelo sr. Mendonça.

VALENTINIANO II

(Morreu no anno 388 de J. C.)

6. DN · VALENTINIANVS IVN · P · F · AVG. O busto do imperador com diadema e paludamento, voltado para a direita.

R — REPARATIO REIPVB. Valentiniano de pé com vestes militares, erguendo com a mão direita uma mulher ajoelhada e coroada de torres (symbolo de cidade) e com a esquerda a figura da Victoria. No exergo, CONSP · — P · Br. — Offerecido pelo sr. Mendonça.

THEODOSIO I, O GRANDE

(Morreu no anno 395 de J. C.)

7. DN · THEODOSIVS P · F · AVG. Busto do imperador, voltado para a direita, com diadema e paludamento.

R — GLORIA ROMANORVM. Theodosio em pé, de frente e olhando para a direita, com vestidura militar e diadema: na mão direita tem um estandarte com o monogramma X e na esquerda o globo. No campo, sob o globo, uma estrella. No exergo — MHA. — Æ — P · Br. — Offerecido pelo sr. Mendonça.

ARCADIO

(Morreu no anno 408 de J. C.)

8. DN · ARCADIVS P · F · AVG. Busto do imperante, voltado para a direita, com diadema e couraça.

R — GLORIA ROMANORVM. Arcadio em pé, para a esquerda, com vestidura militar, o labaro na mão direita e o globo na esquerda. No campo, sob o labaro, uma estrella. No exergo — SMNR. — Æ — P · Br. — Offerecido pelo sr. Mendonça.

EPOCHA ARABE

Moedas de prata de dois módulos quadrados, com legendas em ambos os lados, semelhantes ás de Almodovar, descriptas, traduzidas e offerecidas á real academia de historia em 1800 pe'o academico Fr. José de Santo Antonio Moura. Estas, achadas no castello de Mertola, e offerecidas ao auctor pelo sr. Mendonça, são assim transcriptas e interpretadas pelo mui festejado arabista D. Rodrigo Amador de los Rios.

9. لا اله الا الله *No hay dios sino Alláh.*
 الامر كله الله *El imperio todo es de Alláh.*
 لا قوة الا بالله *No hay fuerza sino en Alláh.*
 A

B الله ربنا *Alláh es nuestro señor.*
 محمد رسولنا *Mahoma nuèstro profeta.*
 المهدي انا منا *Al-Mahdy nuestro Imán.*
 B

10. أبو محمد عبد *Abú-Mohámmad Abde-*
 المؤمن على *l-Mumen Aly,*
 أمير المؤمنين *Príncipe de los feles.*

B الحمد لله *Loado sea Alláh*
 رب *señor*
 العالمين *de los dos mundos.*

EPOCHA PORTUGUEZA

D. SANCHO (I?)

11. REX SANCIUS — Escudo que parece ter cinco pontos.

℞ — PORTVGAL — Cruz floreteada, cortando a legenda, cantonada por duas estrelas de quatro raios e dois pontos. *Dinheiro* — Bilhão. — Offerecido pelo sr. Mendonça.

D. SANCHO (II?)

12. REX SANCII — Quatro escudetes em cruz dentro de um circulo.

℞ — PORTVGAL — Cruz em relevo (incusa no anverso), cortando a legenda até á orla, com dois pontos em angulos oppostos. — D. B. — Offerecido pelo sr. M. Garrido.

D. AFFONSO III

13-14. ALFONSVS REX — Cruz inscripta n'um circulo de pontos, cantonada por dois crescentes e duas estrelas.

℞ — PO — RT — VG — AL — As cinco quinas cortando em cruz a legenda, tendo cada uma as arruellas dispostas d'este modo ☉☉ — D. B. — Offerecido pelo sr. M. Garrido.

D. DINIZ

15-16. D REX PORTVGL — Cruz cantonada por dois crescentes e duas estrelas.

℞ — AL — GA — RB — II — As cinco quinas em cruz cortando a legenda, com cinco arruellas cada uma. — D. B. — Offerecido pelo sr. M. Garrido.

D. AFFONSO IV

17. ALF. REX: PORTVGL — Cruz cantonada por dois crescentes e duas estrellas.

R — AL — GA — RB — II — As quinas com as cinco arruellas em aspa, cortando a legenda. — D. B. — Offerecido pelo sr. M. Garrido.

D. FERNANDO I

18-19. ✕ F: REX: PORTVGALI — Cruz cantonada por dois crescentes e duas estrellas.

R — AL — GA — RB — II — As quinas em cruz, cortando a legenda, com as cinco arruellas em aspa e um ponto separando o escudete central do superior. — D. B. — Offerecido pelo sr. M. Garrido.

D. JOÃO I

20. ✕ IHNS ✕ DEI ✕ GRA ✕ REX ✕ PO ✕ ET ✕ ALGARBI. — As quinas inscriptas em quatro arcos duplos, ligados por angulos agudos, tendo o escudete superior entre duas rosetas e o inferior entre as letras L B (LisBoa).

R — ADIVTORIVM * NOSTRVN * QVI * FECIT * CELVN * ET * TERAN * — Legenda dentro de dois circulos ponteados. No campo, sob a corôa real, IHNS (IoHaNneS). Em baixo, entre dois pontos, L (isboa). *Real* — (prata baixa, Bilhão) — Off. pelo sr. M. Garrido.

D. AFFONSO V

21. ALFONSVS DEI GRATIA RE — Mão segurando pela folha uma espada nua com a ponta para baixo dentro de um campo fechado por quatro arcos duplos ligados por anneis.

R — ADIVTORIM NOS (trum) — Escudo, com quatro castellos e as cinco quinas sobre a cruz de Aviz, inscripta em 3 arcos, sem corôa real. *Espadim*. — **R**. — Offerecido pelo sr. M. Garrido.

D. MANUEL

22. + I · EMANVEL : R : P : ET : A — Escudo, entre tres anneis, sem corôa, com as quinas cantonadas por quatro castellos.

R — + I · EMANVEL : R : P : ET : A : DN... (G) — Tres torres banhadas pelo mar. — *Cecil* — **Æ**. — Offerecido pelo sr. M. Garrido.

D. JOÃO III

23. $\left. \begin{array}{l} \text{IO} \cdot \text{III} \\ \text{R} \cdot \text{P} \cdot \text{A} \end{array} \right\}$ Dentro de um espaço proximamente quadrangular com ornatos externos.

R — R — No campo, sob uma corôa real entre duas cruces $\times \times$. — *Real de cobre*. — Offerecido pelo sr. Mendonça.

D. SEBASTIÃO

24. PORT · ET ALGARB · R · AFRIC — SEBAS — TIA — NVS — · — No campo, sob corôa real em quatro linhas.

R — Armas reaes entre um L e um 3. — *Tres reaes*. — **Æ**. Offerecido pelo sr. Mendonça.

D. JOÃO IV

25. IOANNES · IIII · D · G · REX PORTVGALI. — Armas reaes.

R — REX · X · V · III — No campo I · $\frac{1}{2}$ — *Real e meio* **Æ**. — Offerecido pelo sr. Mendonça.

D. AFFONSO VI

26. ALPHONSVS VI D·G·REX P—Escudo das armas reaes coroado e ladeado de ornatos em fôrma de SS.

B.— IN HOC SIGNO VINCES—No campo a cruz de Christo — *Tostão.*—**R.**— Comprado por E da V.

Tenho até aqui relatado os característicos apparentes dos logares que inspecionei desde o Barranco do Azeite até á Vargem de S. Braz e relacionado os monumentos descobertos n'essa secção marginal do rio Guadiana, cuja extensão total é approximadamente avaliada em 3 leguas.

Já fica dito que não houve em nenhum dos pontos indicados as excavações que conviria terem-se feito em devida regra, para assim se classificarem com fundada segurança as ruínas, que uma poderosa causa meteorologica deixou mui imperfeitamente á vista, e que por isso poderão ser um tanto arriscadas algumas conjecturas que me proponho aventurar, a fim de se chegar a perceber, que significação poderá dar-se a todo aquelle conjuncto de varios elementos, e que relações póde ter havido entre esses logares, outr'ora habitados por nações invasoras de diferentes estirpes e procedencias.

Tomarei a villa de Mertola como ponto fundamental de referencia para todos os que ficam mencionados; procurarei para a sua historia, embora muito escassas, algumas noções, que possam deduzir-se dos auctores gregos e latinos, unicas fontes dignas de inspirarem confiança; e emprehenderei interpretar os factos propriamente archeologicos, não obstante a sua insufficiencia e sobretudo a minha, para assim ficarem um tanto elucidados os assumptos que até agora têm parecido mais obscuros e imperceptiveis; e mais longe não posso

chegar pela falta dos muitos e importantes monumentos, que havia a esperar da riquissima região myrtilense, se tivesse sido explorada como o merecia ser; pois entendo que todo o trabalho e dispendio que alli se empregassem, seriam amplamente retribuidos.

I

EPOCHA PRE-ROMANA

Carencia de uma exploração bem dirigida para se reconhecer se nos terrenos de Mertola ha vestigios de povos prehistoricos. — Fundamento que persuade deverem achar-se estes vestigios entre a margem esquerda da Ribeira do Vascão e Mertola. — Opinião de que deriva da lingua púnica o nome do rio Guadiana. — Aventurosas origens de Myrtilis. — Prova-se que era cidade septentrional da Lusitania, situada na região do Promontorio Cuneo e marginal ao rio Ana. — Mostra-se que Myrtilis já existia quando Julio Cesar ganhou a batalha de Munda. — Symbologia de um monumento numismatico que attesta a origem pre-romana d'esta cidade. — Confirma-se este asserto com todos os padrões até hoje conhecidos da sua especial nummaria geographica. — Conformidade dos emblemas typicos d'esta serie de monumentos com as condições locaes da situação myrtilense. — Padrão numismatico inédito de Myrtilis já citado por auctores modernos. — Outros dois padrões inéditos, variantes de typos já conhecidos, descobertos nos terrenos de Mertola. — Campo mortuario que parece ser anterior ao dominio romano. — Situação e construção dos jazigos. — Presumptivo systema de enterramento n'este campo. — Antiga invasão que usurpou a estes jazigos os caracteristicos archeologicos mais essenciaes para a classificação da epocha a que pertenceram.

As antiguidades de Mertola mal podem ser por emquanto interpretadas e descriptas, não tendo sido ainda rigorosamente exploradas.

Congregar todos os elementos dispersos, dividil-os por seus criterios ethnographicos, examinar os diversos representantes de cada um d'estes grupos, reconhecer a sua ordem de successão e a ligação geographica das suas respectivas situações, é, quando muito, o que hoje se pôde emprender; mas ainda assim as conclusões derivadas d'este exame nem sempre chegarão a ser definitivas e seguras, porque em quasi todos os assumptos ha deficiencia de provas, que

o estudo mais átilado não consegue supprir e em que o conceito conjectural não acha admissivel cabimento.

Não se devem porém menosprezar os factos já conhecidos, embora pela maior parte incompletos; convem registal-os e desde já premunil-os da sua limitada significação, esperando-se pelo descobrimento de outros que os elucidem sem hesitações fundamentaes.

Todas as ruinas verificadas entre o Barranco do Azeite e a Vargem de S. Braz; todos os vestigios de edificios e monumentos profusamente espalhados na construcção e no revestimento das muralhas e que consta terem-se descoberto dentro da villa, principalmente do seculo xvi em diante, comquanto revelem ter havido em antigos tempos n'aquellas paragens varias populações opulentas e florescentes, longe estão, no seu já secular estado de abandono, de esclarecerem os themas mais duvidosos e sombrios, mas de maior importancia, concernentes á historia critica das nacionalidades que successivamente senhorearam aquelle tracto de terra desde tempos immemoriaes até á data da conquista portugueza, emquanto não houver em tudo isso um trabalho regular, que deixe completamente reconhecer o que ainda resta de tantas civilizações extinctas.

É assim que se estudam estes assumptos, para os quaes não ha que esperar um raio de luz dos archivos publicos; é assim, recorrendo ao archivo da terra, mysterioso deposito das mais preciosas reliquias da humanidade, que se podem descobrir os monumentos antigos e d'elles deixar memoria; é só assim que muitos darão testemunho das epochas a que pertencem, quando se encontrem acompanhados de indicios archeologicos, que permittam e persuadam a sua classificação.

A partir do flanco esquerdo da Ribeira do Vascão para o castello de Mertola não ha noticia de terem apparecido monumentos prehistoricos de genero algum, do mesmo modo que nunca foram indicados entre a margem direita d'aquella ribeira e a foz do rio Guadiana; e comtudo, em toda esta ultima secção marginal do rio vieram os trabalhos de investigação directa, que precederam a coordenação da *Carta Ar-*

cheologica do Algarve, produzir este importante descobrimento.

Desde o sitio da Nora, a SO. de Cacella, onde explorei um dos mais notaveis monumentos prehistoricos do Algarve, e onde pela primeira vez n'aquella provincia se manifestaram instrumentos de trabalho e armas de guerra de silices e quartzites lascados, até Castro Marim e d'alli em diante em numerosos sitios até quasi á foz da Ribeira do Vascão, achei o tracto de um povo prehistorico, que occupou aquelle accidentado tracto marginal, ainda assignalado nos cabeços dos montes por grupos de sepulturas proxivamente quadradas onde deixou as cinzas dos seus defunctos em urnas da chamada ceramica dos tumulos, como se observarão quando for organizado o museu do Algarve. E porque alli estava marcado o limite norte-oriental das minhas investigações, ha de concluir-se que do flanco esquerdo d'aquella ribeira até Mertola cessaram repentinamente os vestigios d'esse povo desconhecido?

Não é provavel. Melhor será confessar que não houve em toda essa extensa linha de 21^k,70^m,00 a minima inspecção, do que illudir a boa fé dos que dedicam o seu estudo á solução dos grandes problemas geographico-historicos, dizendo-lhes que não existem nos campos de Mertola esses caracteristicos, que de modo algum podéra aventurar-me a descobrir, tendo recebido para todos os meus trabalhos um praso vinte vezes menor do que seria exigido para conscienciosamente os desempenhar. Procurem-se pois em logares semelhantes áquelles que a *Carta Archeologica do Algarve* indica nos concelhos de Alcoutim e Castro Marim, que não se fará talvez mui tardio o convencimento das minhas presumpções.

Não só o povo constructor das mencionadas sepulturas, que se diz serem igualmente frequentes nos montes do flanco esquerdo, se deixou representado nos terrenos marginaes do Guadiana; tambem alli se julga vinculado o elemento carthaginez, como pretende o erudito Salgado¹, dizendo que da

¹ Salgado, *Mem. Eccl.*, pag. 70.

palavra punica **הנאס** (Hanas) se deriva o nome do rio, que de feito é denominado Ana ou Anas por todos os geographos antigos.

Ao proprio nome de Myrtilis são attribuidas diversas etymologias, não muito de fiar, comquanto pareça haver entre ellas um tal ou qual fundo de verosimilhança. Uns querem que de Tyro viessem por intervenção de Carthago os fundadores de Myrtilis, e por esta opinião acode o mui engenhoso fr. Bernardo de Brito¹ com a sua tão seductora locução como portugueza de lei, dizendo que os soldados tyrios, que poderam salvar-se da destruição da sua cidade, asylando-se em Carthago, Utica e n'outros logares d'aquella florescente republica, já anteriormente habituada a erigir cidades no territorio peninsular, obtiveram licença do senado e concordaram com os lusitanos para fundarem uma cidade denominada Mirtyri, que lhes recordasse o nome da sua arrasada patria, porque significando Myr cousa nova em linguagem phenicia e reunindo este vocabulo a *Tiri* ou *Tyri*, ficaria indicando uma *Nova Tyro*.

Fr. Henrique Florez² julga que do Mare Myrtoum, em memoria de Myrtilo, filho de Mercurio, fosse derivado o nome de Myrtilis, assignando-lhe assim uma origem propriamente grega, com o que parece concordar um dos mais abalisados antiquarios³ que se tem occupado das antiguidades de Portugal, indicando este nome como de indole singularmente hellenica.

A este respeito pensa o sabio D. Antonio Delgado⁴ que de origem latina, do nome de Myrtus, (el arrayan) seja proveniente o de Myrtilis, assim como tambem admite a etymologia proposta por Florez, accrescentando porém, que lhe parece mais provavel que esta palavra latinisada seja equivalente

¹ Brito, *Mon. Lusit.*, vol. II, p. 209.

² Florez, *Esp. Sagr.*, vol. XIV, p. 247.

³ Dr. Hübner, *Notic. Archeol. de Port.*, p. 34.

⁴ Delgado, *Nuevo metodo de classif. de las moned. autôn. de Esp.*, II, p. 203.

á turdetana, cuja pronunciação se faria difficil aos conquistadores.

Em nenhuma hypothese, a meu ver, se pôde julgar latino com tal radical e tal desinencia aquelle nome, tanto mais sendo de uma cidade originariamente lusitânica, como diz Plinio¹: «Ab Anam ad Sacrum Lusitani»; e por isso mais me conformo com a ultima hypothese do illustre numismatico hispanhol.

Pertencia esta cidade ao Promontorio Cúneo: «In Cuneo sunt Myrtili, Balsa, Ossonoba», como refere Pomponio Mela², e era a primeira situada ao norte no dizer de Cellario³: «A septentrione prima est Mirtylis, sive Plinius et Antoninus Myrtili».

Claudio Ptolomeu⁴, um dos geographos mais conhecidos do mundo antigo, escrevendo no principio do segundo seculo, já encarecia a antiguidade e celebridade d'essa cidade, denominando-a: «Opidum antiquum et præclarum». Nas suas *Tabulae Geographicae* não a collocou porém propinqua ao rio, desviando-a um tanto para o occidente; mas Abrahão Ortelio⁵, que no seculo xvi foi cognominado o Ptolomeu do seu tempo, no *Theatro do Orbe da Terra* corrigiu este lapso, marcando Myrtilis sobre a raia direita do rio Guadiana e na confluencia do flanco esquerdo da ribeira de Oeiras, com a mais rigorosa exacção; o que André de Resende⁶ tambem confirmou com estas palavras: «Myrtilis, quam Mertolam appellamus, Anæ fluvio est imposita».

Os monumentos até hoje descobertos na região myrti-lense não podem servir para comprovar as origens d'essa cidade. Os mais antigos parecem-me ser as suas modas geographicas, indubitavelmente anteriores ao definitivo dominio romano na Peninsula.

¹ Plinio, lib. iv, 22.

² Mela, *De situ Orbis*, lib. iii, cap. i, 1740

³ Cellario, *Notitia Orbis Antiqui*, lib. ii, cap. 7, sect. i, xx.

⁴ Ptolomeu, *Orb. Ant.*, Tab. Europ. ii, 1730.

⁵ Ortelio, *Theatr.*

⁶ Resende, *De ant. Lusit.*, lib. iv, 179, 1593.

Nove diversos padrões de moedas de Myrtilis apresenta o abalariado numismatico hispanhol D. Antonio Delgado¹. Todas estas moedas foram batidas antes do primeiro seculo do imperio, como já tinha notado o distincto numismatico o sr. Aloïss Heiss² com relação ás tres que descreveu na sua *Description générale des monnaies antiques de l'Espagne*.

Em cinco d'estes padrões, assim como n'outros de moedas de Ursone, figura o nome do magistrado Lucius Appius Decimus, e são os de n.ºs 1, 2, 3, 5 e 8 da est. LIII da obra do sr. Delgado; mas nas de Ursone, além das abreviaturas L. AP. DE, ha mais a sigla Q, geralmente admittida como inicial de Questor, ao que todavia se oppõe o mui festejado epigraphista, o dr. D. Manuel Rodrigues de Berlanga, distincto interprete das tabulas Malacitana e Salpensana, no citado volume II, p. 332 do sr. Delgado, propondo que signifique com preferencia *Quinquennalis*, como tambem leu Borghesi, por ser sabido que foram os IIIIVIR ou IIVIR eleitos todos os cinco annos nos municipios e colonias, onde os dois duumviros e os dois edis tinham a seu cargo a organização do censo e a inspecção das casas da moeda, que eram repartições do estado, e que por isso figuram nas moedas hispano-romanas os IIIIVIR, os IIVIR e os AEDILES.

Na referida est. LIII os n.ºs 6 e 7 do sr. Delgado, correspondentes aos do catalogo coordenado na mesma obra pelo sr. Francisco Matheus Gago, denunciam um outro magistrado, L. AC ML, cujo nome não têm sido interpretado.

Ainda ás indicadas cinco moedas com o nome de Lucius Appius Decimus deve aggregar-se a de n.º 16 da tab. I de Sestini³.

A circumstancia de apparecer este nome tambem nas moedas de Ursone é assás significativa, como observa o sr. Delgado, porque vem mostrar que as moedas das duas cidades

¹ Delgado, *Nuev. met. de clas. de las mon. autón. d'Esp.*, tom. II, pag. 203.

² A. Heiss, pag. 415.

³ Sestini, *Descrizione delle Medaglie Ispane*, Firenze, 1818.

foram cunhadas anteriormente ao anno 27 antes de Christo, em que a Hispanha Ulterior foi dividida em Lusitania, Bética e Tarraconense, estando ainda o territorio d'estas tres provincias sujeito ao proconsul e pretores da antecedente divisão; e accrescenta o illustre numismatico sevilhano, que mui provavelmente se estabeleceriam dois corpos de exercito, um em Ursone e outro em Myrtilis, nos ultimos tempos da já pelejada republica, e que escasseando o dinheiro romano para o pagamento das tropas, o questor ordenaria a emissão da moeda em dois pontos com o seu nome e o logar das fabricas, e que em todo o caso estas foram cunhadas em Myrtilis, onde antes circulavam livremente.

As moedas pois com o nome do dito magistrado refere o sr. Heiss ao anno 38 antes de Christo, e portanto, sendo já latinos os caracteres das suas legendas, devem attribuir-se a Julio Cesar, se é que não dimanavam orginarimente da magistratura consular.

Entre todas as moedas de Myrtilis julgo mui notavel a que sob n.º 9 é descripta na obra de D. Antonio Delgado pelo sr. Gago. Manifesta no anverso a legenda *MRTII* entre linhas parallelas, superiormente um ramo estendido para a direita, e no reverso um delphim para a direita sobre um crescente orlado de graphila de pontos. Tem o módulo d'esta moeda, pertencente á collecção do sr. Vera, o diametro de 25 millimetros. O delphim e o crescente diz o sr. Delgado serem symbolos do culto turdetano, e quer o sejam ou não, seriam em todo o caso os do povo de Myrtilis, porque parece não se poder admittir sobretudo o delphim como emblema de cidade litoral a um rio, onde tal especie jamais se creou. Mas o delphim desaparece inteiramente de todos os outros padrões, onde se conserva o ramo de palmeira, ou uma es-piga e o nome geographico da cidade, acompanhado de um peixe voltado para a direita, salvo uma unica excepção, de que darei noticia.

Aos peixes figurados nas moedas de Myrtilis diz D. Antonio Delgado terem-se chamado atuns e salmões, e que no Guadiana não se pesca peixe notavel. Certamente não occur-

reu ao sabio escriptor, que o solho e o savel são peixes do Guadiana, mui conhecidos e estimados pelos habitantes das margens d'aquelle rio; e por isso seria um d'elles symbolizado nas moedas myrtilenses com preferencia ao salmão, que não me consta ser alli pescado, ou ao atum, que só habita nos mares, sendo mui frequente no Mediterraneo e no Atlantico. Aos solhos do Guadiana allude o bispo de Portalegre D. Fr. Amador Arraes, dizendo: «Mertola se chamava Julia Myrtilis; d'esta não sei que vos diga, senão que é conhecida pela pescaria dos solhos, que eram os Acipenseris do Tibre como sufficientemente o provou Gulielmo Rondelecio, e não são os siluros, quomo cuidou Paulo Jouio, aos quaes Plinio dá dentes, de que carece o solho». Estas palavras do bispo foram impressas em 1589, e por isso se vê, que tal pescaria já em seu tempo era antiga. Da pesca do solho e do savel falla o foral de D. Diniz, reformado por D. Manuel¹.

Em geral, acho apropriados á região os symbolos das suas moedas: os ramos e as espigas como emblemas da agricultura das suas varzeas e o peixe como denunciando uma das especies typicas do rio Guadiana.

Estiveram durante muito tempo desconhecidas as moedas de Myrtilis. O padre Flores nunca as percebeu, e tanto assim é que referiu uma a Gades e outra a Abdera. Sestini, na obra já citada, foi quem primeiramente publicou em 1818 tres padrões, que no entender do sr. Delgado foram copiações da obra que D. Guilherme Lopez Bustamante escreveu em 1799, em que refuta a opinião de Combé, Rasche e Eckhel, que as attribuiam a Munda.

Como já disse, na obra do sr. Delgado vem o catalogo acompanhado das estampas de todas as moedas de Myrtilis até hoje descobertas, com excepção da que Sestini incluiu sob n.º 16 na sua primeira tabella, e o catalogo é coordenado, como tambem indiquei, pelo sr. Francisco Matheus Gago, numismatico de muita nomeada no seu paiz.

¹ Veja-se no fim a copia authentica d'este foral.

Para poder comparar e tornar mais perceptíveis alguns typos recentemente descobertos em Mertola, convem primeiramente reproduzir a descripção dos que foram coordenados pelo sr. Gago, com exclusão do de n.º 4, em que o peixe se vê voltado para esquerda, o qual está visivelmente invertido, e adicionarei outro de Sestini, que não vem na obra do sr. Delgado.

1. *MRTIL*, entre duas linhas, com as tres primeiras enlaçadas: no campo um peixe para a direita.

℞ — L A DE. Em cima, ramo ou palma para a direita entre duas linhas.—Mód. 32^{mill.}—Sestini, tab. I, n.º 11.—Delgado, pl. LIII, n.º 1.

2. O mesmo anverso.

℞ — L AD. Em baixo, ramo, ou palma, para a direita, entre duas linhas.—Mod. 32^{mill.}—Sestini, I, 12.—Delgado, LIII, 2.

3. *MVPT* (legenda mal escripta). Superiormente o solho(?) para a direita.

℞ — AP DE, entre linhas, por cima uma espiga para a direita.—Mód. 30^{mill.}—Bustamante, tab. XIV, n.º 8.—Delgado, t. LIII, n.º 3.

4. Deve considerar-se invertido na estampa o anverso d'esta medalha, que Bustamante, sob n.º 9, apresentou com o peixe para a esquerda e a legenda em baixo, e que por isso não pôde aproveitar d'ella os caracteres que no original se poderiam verificar. Este typo deve corresponder ao de n.º 5 da est. do sr. Delgado, em que no peixe se observam os dois olhos.

5. --- *RTIF'*, entre linhas paralelas; em baixo um peixe mal figurado, mostrando os dois olhos.

℞ — L A. Em baixo uma palma entre linhas para a direita.—Mód. 34^{mill.}—Gutierrez Bravo (pag. 293). Delgado, est. LIII, n.º 5.

6. *MRT---*, entre linhas paralelas; em baixo um peixe mal figurado para a direita.

↳ — *LAC---*, entre linhas paralelas; superiormente uma palma para a direita, também entre linhas; meia graphila de pontos rodeando a base da palma e a legenda.— M^{od.} 34^{mill.} Gutierrez Bravo, Delgado, pl. LIII, n.º 6.

7. *MRTIF*, entre linhas paralelas; em baixo um peixe para a direita. Graphila de pontos, incompleta.

↳ — *LACMI.*, entre linhas; palma para a direita, também entre linhas: sob a legenda, graphila de pontos.— M^{od.} 32^{mill.} M. G.— Delgado, pl. LIII, n.º 7.

8. *MRT*, entre duas linhas paralelas; em cima uma espiga para a direita e sobre a espiga um *A* invertido. *V*. Graphila em parte da orla.

↳ — *L·A·DEC.*, entre linhas; superiormente um peixe para a direita.— M^{od.} 22^{mill.}— Sr. Vera, Valle y Calvo Casini.— Delgado pl. LIII, n.º 8.

9. *MRTII?*, entre duas linhas: em cima um ramo para a direita.

↳ — Delphim para a direita sobre um crescente; por baixo graphila de pontos.— M^{od.} 25^{mill.}— Sr. Vera.— Delgado, pl. LIII, n.º 9.

10. Aguia para esquerda.

↳ — Cabeça barbara, nua e barbada, para a esquerda.— Sr. Vera.— Delgado, pl. LIII, n.º 10.

Sestini, tab. 1, sob n.º 16, mostra um padrão diverso dos antecedentes. É o seguinte:

11. *MYRT*, sob uma linha horisontal; por cima um peixe para a direita, e sobre o peixe um *A* invertido, *V*.

↳ — *IAPD*, sob uma linha horisontal: por cima um ramo para a direita, que parece uma palma da *Chamerops humilis*, de Linneo.

Nos terrenos de Mertola, logo em seguida á passagem das cheias de 1876, entre numerosas moedas romanas do alto e baixo imperio, wisigothicas, arabes e portuguezas, appareceram varios padrões de moedas de Myrtilis, tres dos quaes cheguei a ver, em Mertola um grande e um mediano bronze, possuidos pelo sr. Antonio Manuel da Costa, e em Beja um grande bronze na collecção do sr. Mira. Pedi estas tres moedas para as estudar e em seguida devolver, mas não me foram remettidas; e é o que está succedendo com outros mui preciosos monumentos existentes em mãos de particulares, onde jazem desconhecidos e subtrahidos ao estudo das nossas antiguidades!

Tirei copias dos dois grandes bronzes, mas saíram imperfeitas, não só por estarem os originaes um tanto apagados, como porque na occasião em que os vi não ia munido de bons preparos para obter melhores reproducções. Empreguei o chamado papel-paquete e a rasura de plumbagina. Apesar, porém, da imperfeição das minhas copias, noto nos dois bronzes cunhos diversos com o mesmo typó, e julgo-os inéditos.

O que presumo ver é o seguinte:

Exemplar do sr. Costa.

MRTIL'////////, entre duas linhas; inferiormente no campo um solho (?) para a direita.

℞ — Legenda imperceptivel (na copia); palma muito aberta para a direita, parecendo ter superiormente um A.

Exemplar do sr. Mira.

MR'////////. Inferiormente no campo, um solho para a direita.

℞ — '////////ADE, sob duas linhas horisontaes: inferiormente uma palma para a direita.

O exemplar do sr. Costa é semelhante ao typó n.º 5 da est. LIII do sr. Delgado. Tem a legenda mais perceptivel, mas o peixe mostra um só olho. O reverso parece ser o mesmo, comquanto na minha copia apenas se perceba o A supe-

riormente, separado da palma por dois traços parallellos. O L que precede o A no dito exemplar n.º 5 (exemplar de Guierrez Bravo), não o vejo, sendo porém possível que se possa distinguir na moeda, a qual, ainda assim, em rasão da configuração do peixe e do anverso, foi saída do outro cunho, e por isso me parece inédita.

O exemplar do sr. Mira, fazendo estudo pela copia que tenho á vista, deixa apenas observar sobre o peixe as tres primeiras lettras ligadas MR, e no reverso, separadas da palma por dois traços parallellos, as lettras '////// ADE do nome do magistrado *Lucius Appius DÉcimus*, já indicado n'outras moedas do municipio myrtilense, municipio designado n'uma das suas inscripções com a nota de IIVIR, denunciando a fórma do seu governo.

O reverso do exemplar do sr. Mira, se a minha leitura não é errada, por isso que não estou vendo a moeda, mas uma copia, tendo as lettras DE sobre a palma, póde julgar-se inédito, porque nem Bustamante, Sestini (que o copiou), Heiss, ou Delgado, apresenta padrão algum d'este modo.

O ultimo typo a que allude o sr. Heiss, e que viu em Paris na collecção real portugueza, foi achado em Castro Marim. Não julgo bem lida a sua legenda, transcripta do catalogo do sr. Teixeira de Aragão, com estes caracteres MRTILL, em que houve lapso typographico, pondo-se um segundo L em vez de um I'////////, como me informou o auctor do respectivo catalogo. N'um exemplar identico que possuo, achado junto á sacristia da Senhora da Luz, no concelho de Tavira, e n'esse mesmo da collecção real, leio MRTIL·I'////////. N'este ultimo, depois do ponto, sufficientemente perceptivel, assim como no meu exemplar, e adiante do I, parece divisarem-se vestigios de um V, e além d'esta supposta lettra, que de modo algum se póde afiançar, ha espaço que poderia conter mais uma. Se esta leitura conjectural tivesse algum fundamento; se não repugnasse ás boas regras de epigraphia numismatica, ler-se-ia n'esta hypothese MRTIL·I'V̄i. (*Myrtilis Julia*), do mesmo modo que se lê PAX IVLIA nas moedas e na designação geographica d'aquella cidade. N'este

caso havia apenas uma transposição no nome de Julia Myrtilis, indicado por Ptolomeu. O que de maneira alguma poderia ser, era que a abreviatura de Myrtilis se formasse com dois LL. Pretenderão talvez alguns auctores, que o nome de Julia só o tomasse Myrtilis no tempo de Augusto em memoria de Julio Cesar: n'este caso, a minha hypothese não seria admissivel, porque a moeda é mais antiga.

O sr. Gago, no vol. II, pag. 203 da obra do sr. Delgado, não vendo letras no exemplar que reproduziu, pertencente ao sr. Vera, e notando que este typo coincide com um de MVRGIS do sr. Vilá, de Malaga, julga que o exemplar da collecção real de Lisboa seja um bronze de MVRGIS, de fabrica mais barbara do que o do sr. Vilá, ou que este collector haja lido MVRGIS no seu grande bronze em vez de Myrtilis.

Quanto á primeira hypothese posso responder ao illustre numismatico, sr. Gago, que é capituladamente de Myrtilis a moeda da collecção real portugueza, e que nunca poderá lêr-se Murgis onde estão distinctissimos, como no meu exemplar, que ainda é mais perfeito, os caracteres *MRTIL·I////////*. Outro tanto não posso afirmar com relação ao grande bronze do sr. Vilá, porque não o vi; mas com a estampa á vista, apesar da similhaça que tem com os de Myrtilis, julgo-o diverso. No de Myrtilis a cabeça é rudemente barbara e nua e no de Murgis mais artistica e coberta de capacete razo. N'este, a aguia esconde a aza esquerda sobre o lombo e no outro as azas estão abertas e pendentes. Além d'isto, se a legenda no original está tão clara como na estampa, a leitura do sr. Vilá não póde envolver duvida.

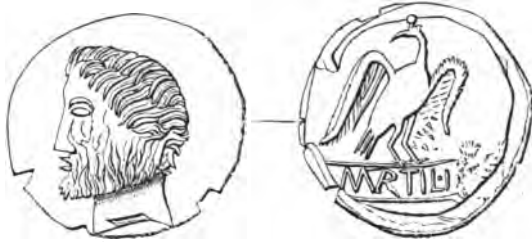
O meu exemplar, com que me brindou o sr. Arouca, reverendo parcho da Senhora da Luz, perto de Tavira, ainda assim differe do da collecção real em não ter o busto rodeado de graphila de pontos. Descrevo-o pois assim, para que tome o logar que lhe compete no catalogo geral das moedas de Myrtilis.

MRTIL·I////////, entre duas linhas horisontaes, e superiormente uma aguia em pé, com as azas abertas e penden-

tes, voltando o corpo para a direita e a cabeça para a esquerda.

⚔ — Busto barbaro, nu e barbado, voltado para a esquerda. G. B. — Mód. 28^{mill}.

Eis-aqui a estampa, cuja gravura foi feita sobre uma prova photographica e com o exemplar á vista.



(Est. 4)

Provado fica, pois, que as moedas de Myrtilis são anteriores ao tempo da instituição do imperio, comquanto as suas legendas de character eslatinos mostrem terem sido cunhadas já sob o influxo do privilegio romano, ainda em tempo da republica.

Sendo anterior á instituição do imperio o privilegio monetario de Myrtilis, é claro que só podia ser concedido a uma cidade, que já então lograsse o fôro de colonia, ou de municipio, como sabido é que o era Myrtilis, que Plinio inclue no numero das tres unicas cidades da Lusitania que receberam o fôro antigo do Lacio: *Opida Veteris Latii, Eborae, quod item Liberalitas Julia, et Myrtilis ac Salacia*¹; e a este respeito diz o sabio Antonio Caetano do Amaral²: «A rasão de Plinio dizer Veteris Latii, é porque Julio Cesar fez mudar de condição aos latinos, dando a todos aquelles que no calor da guerra da Italia tinham persistido na fidelidade o fôro de cidadãos pela Lei Julia do anno 653 (Appian., *De bel.*, lib. 4,

¹ Plinio, *Nat. Hist.* lib. iv, cap. 22.

² Amaral, *Mem. de Litt. Port.*, t. II, pag. 345.

pag. 379). E acabada a guerra social no anno 665 ou 666, pela Lei Plocia se communicou o mesmo fôro a todos os socios do nome Latino, etc.».

Podará, pois, suppor-se que Myrtilis recebesse tambem este privilegio, porque após as victorias de Julio Cesar nas Gallias, no Egypto, na Asia e na Africa, seguisse o partido d'este conquistador na derradeira batalha que venceu nas planicies de Munda no anno 45 antes de Christo?

Em todo o caso é certo que os municipes turdetanos, que Ptolomeu diz serem os habitantes de Myrtilis, antes ou logo depois da batalha de Munda receberam de Julio Cesar, que poucos mezes sobreviveu, um qualquer privilegio ou benefício, que os levou a reunirem o cognome de Juliá ao nome da sua cidade, como refere o mesmo geographo grego, chamando-lhe Julia Myrtilis.

Haverá quem julgue ter sido este cognome tomado já no tempo do imperio: o que, em verdade, não justificaria a causa que o houvesse determinado, se ella tinha o livre intuito de perpetuar a gratidão de um povo para com o seu bemfeitor.

Infelizmente, nos unicos tres exemplares conhecidos do grande bronze inédito, em que a aguia, á feição da principal insignia legionaria, parece encimada n'uma tessera com o nome de Myrtilis, não se distinguem os caracteres paleographicos que existiram em seguida á abreviatura do nome de Myrtilis. No meu exemplar apenas se percebe um I depois do L, que ora parece preceder outras letras, ora estar entre dois pontos; e no da collecção real afigura-se-me, depois do I, ver os vestigios de um V e espaço para outra letra; o que, n'estas hypotheses, obrigaría a leitura ás duas fórmulas seguintes:

MRTIL·I, ou MRTIL·IVL.

Tambem o que parece um I poderia ser a primeira haste de um M (unicipium), ou simplesmente um I, se depois havia um S; mas n'este ultimo caso era preciso considerar o

ponto posterior ao L como defeito da fundição para se poder ler simplesmente *MRTILIS*.

Emfim, só quando novos exemplares d'este padrão numismatico se descobrirem com a legenda totalmente perceptivel, se poderá reconhecer se o cognome de *IVLIA* já era usado pelo municipio myrtilense quando foram cunhadas as outras moedas que o sr. Aloiss Heiss refere ao anno 38 antes de Christo, por isso que entre todas, confrontados os diversos typos e a sua peculiar feição de rudeza, não deve ter havido grandes differenças de tempo; e quando alguma houvesse, seriam consideradas mais antigas as de symbolos turdetanos, como os interpreta o sr. Delgado, e as da aguia, que melhor podem explicar por este symbolo legionario que fossem cunhadas para pagamento de tropas lusitanas estabelecidas em Myrtilis nos ultimos tempos da republica, como occorreu áquelle illustre numismatico, do que as outras, em que não ha o minimo emblema militar, mas unicamente os da riqueza local, o solho do Guadiana, a espiga de trigo e a palma das palmeiras (*Phoenix dactylifera*, Linn.) que então existissem em alguns terrenos menos ingratos d'aquella região, como ainda hoje adornam com singular elegancia muitos pontos do Algarve, onde tambem é frequentissima e indigena outra palmeira (chamada das vassouras), que Linneo denomina *Chamerops humilis*.

Não insisto, porém, em que a aguia represente n'estas moedas uma insignia militar, que tivesse por fim distinguir o dinheiro mandado cunhar para pagamento da milicia, que o sr. Delgado suppóz poder ter sido então dividida em dois corpos, um na Betica em Ursone, e outro na Lusitania em Myrtilis; porque, admittida tal hypothese, as moedas seriam ainda, a meu ver, mais antigas; porquanto, ganha por Julio Cesar a batalha de Munda no anno 45 antes de Christo, nenhuma outra grande necessidade, que me occorra, até á definitiva instituição do imperio, obrigaría Myrtilis e Ursone a manterem concentradas as forças militares da Lusitania e da Betica, que só dezoito annos depois dos triumphos de Munda foram separadas em provincias independentes.

Tendo pois mostrado que as moedas de Myrtilis são anteriores á instituição do imperio, parece-me consequentemente entender-se que o fóro de municipio latino já teria sido outorgado aos myrtilenses lusitanos, como lhes chama Plinio, e turdetanos como os designa Ptolomeu, antes do privilegio monetario, e que para que um e outro se podessem conceder, primeiro que tudo era mister que existisse uma cidade já antecedentemente digna d'estas distincções, se distincção se pôde chamar ao captiveiro a que ficavam sujeitos os povos que recebiam a pesada honraria do fóro latino em troca dos seus antigos codigos e em substituição da sua idolatrada liberdade.

D'aquelles municipios todos mais ou menos conhecem a indole e o regimen. O fóro do Lacio era como um composto derivado dos tratados que Roma celebrára com os povos latinos desde a epocha dos reis, com os quaes houve assás feridas guerras, e que ao seguir dos tempos foi reservando para, a titulo de privilegio, ir com elle escravizando os outros povos que voluntariamente se lhe submettiam, ou para sujeitar aquelles que pretendia manter tranquilos.

Não se sabe, porém, se de propria vontade os myrtilenses trocaram a independencia, que os lusitanos tantas vezes selaram com o seu sangue, por esse imaginario privilegio, que dava apenas ás cidades um simulacro ou arremedo de Roma, astucioso privilegio, que usurpava aos povos das provincias os seus mais sagrados direitos, que não os isentava das punições mais vis, que os excluia de toda a alliança com a semideusa raça romana, que tolhêra toda a acção voluntaria concernente aos individuos e aos bens da fortuna, a ponto de não poderem testar nem receber cousa testada por cidadão, que os restringia ao cénso das suas terras, que os separava das legiões com a cuidadosa designação particular de *socii nominis latini* para que nunca se confundissem com a suprema milicia, sendo obrigados ao tributo pessoal da guerra e aos impostos, não poucas vezes altamente vexatorios.

Á epocha da republica romana são emfim attribuidas as moedas myrtilenses. A rudeza d'estas moedas bem manifesta

o atrazamento relativo do povo a que pertenciam, logo que se compare a imperfeição dos symbolos e dos seus caracteres paleographicos com o primor artistico da nummaria consular, que só pôde ser igualado e poucas vezes excedido pela arte grega.

Mas onde estão os restos dos edificios d'esse povo, dos seus utensilios domesticos menos susceptiveis de destruição, dos seus instrumentos de trabalho e d'essas tão exercitadas armas de guerra com que a Lusitania inteira se defendêra sempre contra os invasores do seu territorio, contra os inimigos da sua independencia, contra todos os que ousaram affrontar os dominios da sua liberdade?

Se algumas cousas d'estas jazem sob o informe amontoamento das ruinas das gerações que lhes succederam, liberte-mol-as da terra que as encobre, procurando nas sobrepostas camadas d'essa mesma terra todos os monumentos e parcelas de artefactos que possam caracterisar as epochas da sua fabricação e aproveitamento; ponham-se assim á vista os fundamentos dos proprios domicilios outr'ora habitados, e na construção d'esses restantes fundamentos procurem-se ainda os materiaes que pela feição do seu trabalho mostrem ter sido destacados de anteriores edificios. Coordene-se tudo em devida regra, e com esses documentos á vista escreva-se então a historia critica das antiguidades de Myrtilis, de que apenas me é licito traçar por emquanto estes incompletos delineamentos.

Nada d'isso se pôde actualmente observar. Falta uma exploração geral, ordenada com a mesma largueza de animo com que são feitos outros trabalhos de utilidade publica, que ponha á vista o plano do assentamento da cidade antiga, se é que a opulencia romana não o transformou completamente com os seus sumptuosos edificios, com os seus monumentos, com todas as galhardias da sua feição artistica, como costumava, para captivar, e attrahir aos reclamos da sua superior civilização os povos menos cultos das provincias; faltam pois os grandes caracteristicos correspondentes á antiga Myrtilis, que ainda mesmo por entre as transformações romanas po-

deriam com as suas manifestações mais apuradas e insuspeitas brindar as sciencias e as artes, ministrando á geographia, á historia, á philologia, á architectura, á esculptura, ás artes plasticas e finalmente á concepção philosophica, um apreciavel conjuncto de factos ethnologicos, proprios d'essas primeiras sociedades que alli exauriram os ultimos lampejos da existencia, outr'ora activa e vigorosa, para um dia deixarem medrar a monarchia portugueza, que a Providencia fadára para ser testemunha participante dos maiores progressos da humanidade.

Tudo está ainda confundido, misturado, desfigurado, de quanto é antigo n'aquella villa e n'aquelles terrenos adjacentes.

Um campo mortuario de aspecto assás singular é apenas parcialmente visivel. Começa por assim dizer onde acaba a moderna igreja do Carmo, logo nos primeiros assomos dos schistos que gradualmente levantam o seu relevo orographico por entre as ligeiras ondulações que entraram na composição d'aquelle pequeno amphitheatro. É precisamente nos cabeços mais planos e nas chapadas mais espaçosas que se observam numerosos jazigos, ora formando grupos, ora isolados, com diversas dimensões, excavados na rocha, geralmente estreitos, pouco fundos, de ha muito invadidos e pela maior parte completamente despejados. Ainda assim descobri outros cobertos de terra, que não pude totalmente examinar, entre os quaes só tres revelaram ossos humanos e uns pequenos artefactos de cobre, já descriptos no catalogo sob n.ºs 1 e 2, mas sem que no fundo de alguma d'aquellas sepulturas se podesse achar um unico signal de enterramento, e comtudo é mui provavel que outras ainda intactas patenteassem uma significação menos arriscada do que a que hoje attribuo áquella mansão mortuaria, que julgo ser a mais antiga de quantas observei nos terrenos de Mertola.

Se este cemiterio serrano corresponde pois á mais antiga população de Myrtilis, e se, como adiante mostrarei, os monumentos funerarios romanos, wisigothicos e arabes se têm exclusivamente encontrado na área limitada pelo castello,

Carmo e Santo Antonio, poderá tambem julgar-se que ali mesmo foi a situação da primitiva cidade.

Por este modo deixo demarcado o campo em que, com preferencia a todos os outros pontos, se devem procurar os vestigios fundamentaes da Myrtilis pre-romana.

II

EPOCHA ROMANA

Situação de Myrtilis parcialmente deduzida do Itinerario de Antonino. — Estatuas descobertas em Mertola no seculo xvi. — Auctores que d'ellas fallam e descripção que de uma fez no mesmo seculo um bispo de Portalegre. — Monumentos epigraphicos de Myrtilis, achados em Mertola nos fins do seculo xviii. — Auctores que os reproduziram e commentaram. — Fragmentos de outros dois monumentos epigraphicos ineditos, existentes na villa. — Vestigios de um edificio com pavimento de mosaico. — Objectos achados na excavação que o descobriu. — Presumpções de ter havido fortificação romana em Myrtilis. — Área em que parece ter-se dilatado a cidade. — Significação que poderão ter as ruinas verificadas no Barranco do Azeite, no sitio da Bombeira, na Vargem da Vaqueira e na Vargem de S. Braz em relação á séde de Myrtilis. — Estado apparente do campo mortuario de S. Sebastião, na occasião em que se observaram as principaes ruinas e monumentos. — Estampa do mosaico do castello. — Moedas consulares e imperiaes que se poderam obter, achadas na villa e nos campos. — Necessidade de nova exploração para o reconhecimento do que é propriamente romano.

Com o Itinerario de Antonino á vista não se pôde rigorosamente demarcar a situação de Myrtilis, sobretudo não estando reconhecida a tão disputada séde de Èsuri.

Antonino, no seu Itinerario de Esuri a Pax Julia, seguindo por Balsa, Ossonoba, Aranni, Salacia, Eboram, Serpa, Finés, Arucci, Pax Julia, já se conhece ter-se referido a uma estrada militar inteiramente opposta ao trajecto que devêra ter havido entre Esuri e Myrtilis, e por isso contou da primeira á ultima estação 267 milhas romanas, ao passo que de Esuri a Pax Julia (per compendium), passando por Myrtilis, conta sómente 76 milhas.

Não creio em nenhuma das situações que ainda hoje são

atribuidas a Esuri, porque a distancia que havia entre Balsa (Torre de Ares) e Esuri não se ajusta, nem mesmo se aproxima d'essas aventurosas situações.

De Balsa a Esuri (diz Antonino) 24 milhas.

De Esuri a Myrtilis 40 milhas.

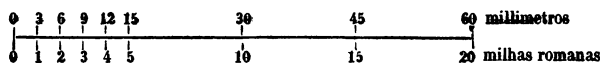
De Myrtilis a Pax Julia 36 milhas.

Havia pois 64 milhas romanas de Balsa a Myrtilis.

A milha romana, seguindo Dureau de la Malle, é igual a 1:481 metros, e por isso 64 milhas perfazem 94:784 metros.

Na escala de 1:500.000 da carta geographica official 5:000 metros são representados por 1 centimetro, ou 10 millimetros; e portanto, 15:000 metros são medidos por 30 millimetros. Dez milhas romanas, ou a sua unidade multiplicada por 10, dão 14:810 metros, ou 15 kilometros menos 190 metros, isto é, a decima parte dos 30 millimetros, e d'este modo, desprezadas pequenas fracções, indivisiveis por dez, teremos 3 millimetros equivalentes a uma milha romana.

Eis aqui as escalas:



Procurada na carta a distancia em linha recta do sitio da Torre de Ares (Balsa) até Mertola, de modo algum poderia ajustar-se a medida itineraria, não só porque a estrada nunca atravessaria sem grandes desvios uma região quasi toda accidentada, como porque a distancia de 24 milhas de Balsa para Esuri obriga a collocar esta cidade um tanto a nordeste de Balsa. O caminho que se fizesse de Balsa para Myrtilis tocaria necessariamente em Esuri, e d'este modo seguiria a estrada até Myrtilis por dois lados de um triangulo. Abandonando porém todas estas tentativas, por isso que só depois de conhecida a situação de Esuri ¹ se poderiam empregar,

¹ Descobrir a situação de Esuri é um problema, cuja solução não me parece impossivel.

Tratarei d'este interessante assumpto com o possivel desenvolvi-

verei agora se de Pax Julia (Beja) para Myrtilis haverá conformidade de medidas entre as itinerarias e as actuaes.

O Itinerario marca entre as duas cidades 36 milhas, que são 53^k, 316^m, e a estrada actual mede perto de 52^k. Ha pois a differença, para mais no itinerario, de uns mil e tantos metros, mostrando assim que a estrada moderna segue um trajecto mais rectilineo, ou menos sinuoso.

Esta differença, que só póde attribuir-se a pequenos desvios, é porém tão insignificante, que bem se podem admitir as duas medidas como coincidindo no mesmo ponto.

Por este lado, pois, o itinerario romano estabelece o primeiro fundamento, de que a séde de Myrtilis corresponde á villa de Mertola.

Haverá porém em Mertola criterios archeologicos de tal ordem, que abonem ou reforcem este fundamento?

Ouçámos André de Resende, o mestre das antiguidades lusitanas¹:

«Myrtilis, quam Mertolam appellamus, Anæ fluvio est imposita, multis antiquitatum monumentis plena, cippis, columnis, statuis, etc.», e a respeito das estatuas prosegue:

«Octo vel decem statuas annis ab hinc aliquot terra effossas Myrtilenses homines inde tollere permiserunt affabre insculptas, sed sine capitibus.»

O bispo de Portalegre D. Fr. Amador Arraes viu estas estatuas em Mertola, como o declara nos seus *Dialogos*, obra impressa em 1589, cap. vii, fl. 86 v., e entre ellas descreveu n'estes termos uma de figura feminina, que sobre todas parece ter captivado o gosto artistico do sabio prelado: «Durão ainda em Mertola muitas pedras, com caracteres Romanos: e em meu tempo, nos fundamentos da Misericordia, se

mento no segundo volume das *Antiguidades Monumentaes do Algarve*. Expenderei então o systema de combinações que deve ser empenhado no descobrimento da séde d'essa cidade, com fundada presumpção de um resultado satisfactorio, se antes d'isso não for auctorisado este reconhecimento, de que depende a resolução de outros diversos problemas-

¹ Resende, *De Ant. Lus.*, lib. iv. (De Myrtili), Eboræ, 1593.

acharão cinco, ou seis statuas de marmores, que eu vi: e vendoas me lembrou o verso de Virgilio, en q̄ pronosticou que aueria entre Romanos imaginarios, e statuarios tam excellentes, en sua arte, que en marmores cortarião imagens tanto ao natural, quomo se forão cousas viuas, e esteverão respirando. Stabunt & parii lapides spirantia signa. Hũa dellas era de molher, e tam bem laurada, que representava á maravilha a nobresa da pessoa, a. que foi dedicada. A qual me fez hũ gostoso spectaculo dos trajos, q̄ usavão as Romanas nobres. Tinha sua roupa té os pés com muitas prégas bem compôstas, cingida por debaixo dos peitos, que algũ tanto se enxergauão cõ hũ cordão torcido da grossura de hũ dedo, e tinha no meo do peito dois nôs cegos, com dous cabos iguaes, que decião para baixo. Tinha seu roupão en sima muito fraldado te os pés, posto nos hombros, e cõ a mão direita tinha recolhida grande parte d'elle, e lançada sobre a esquerda, do cotouelo té a mão per gentil arte.»

A este descobrimento allude o doutor Bento José Sevilha de Leiria em 19 de junho de 1758, dizendo: «Mais seis estatuas de pedra marmore que ha noticia se acharão abrindo-se os alicerces da casa de Misericordia; columns, tumulos, frizos e alicerces que ainda se achão»¹. Estas noticias deu officialmente este prior de Mertola, narrando o estado em que ficou a sua freguezia depois do terremoto de 1755.

D. José Cornide² transcreveu seis inscrições achadas em Mertola, cujas copias foram desenhadas por Felix Caetano da Silva e d'alli mandadas para Lisboa em 1794. O arcebispo Cenaculo recebeu-as em desenhos do tamanho dos originaes, e o doutor Emilio Hübner as reproduziu pelas que achou na bibliotheca de Evora³, publicando uma nas *Noticias Archeologicas de Portugal* e todas posteriormente no *Corpus Inscriptio-num Latinarum*⁴, onde nota em alguns d'esses monu-

¹ Dr. Leiria, *Dicc. Geogr.*, mss., tom. 22, verb. Mertola. Arch. Nac.

² Cornide, *Inscrip. Eapid.*, etc. mss., Bibl. Nac. Lisboa, B. 6,28.

³ Hübner, *Not. Archeol. de Portug.*, pag. 34.

⁴ Hübner, *Corp. Inscript. Lat.*, vol. II, pag. 5, 1869.

mentos a fôrma de dolium adherente a uma base quadrada.

O doutor Hübner recopilou os auctores que fallaram do municipio myrtilense, e em relação ás inscripções, reuniu as seguintes notas no *Corpus Inscriptionum* já citado, e por isso escusado é extractarem-se agora os manuscritos, que ha muitos annos conheço, de Cornide e do padre Salgado.

«... Inter Myrtilenses, diz o dr. Hübner, primum inveniuntur lapides sepulcrales forma dolii lignei circulis cincti et supra plinthum quadratum iacentes (n.º 16) titulo superne inscripto; cujus formæ prorsus singularis harumque regionum, quod sciam propriæ infra complura exempla redeunt inter titulos Pacenses et in campo Pacensi repertos.»

«E muris oppidi removit, ut Cenaculo miteret, Vidal quidam desembargador; sed remansit in portu «Faro» Corn.

EX · D · D · M · ES · M · MYR . . . S
PER · C · IVLIVM · MARINVM
C · MARCIVM · OPTATVM · H · VIR

«Cenaculo 1,13 (inde Cornide ms. Matrit. Est. 18,37 ms. Olisip. B, 3, 41¹) Edidi act. Berol. a. 1861 p. 753. Lectio certa est; quid M · ES significet nescio, nisi cum Mommseno (act Berol. 1. c.) de insolito M (unicip) ES vocabuli compendio cogitaveris.»

É este por emquanto o mais notavel monumento descoberto em Mertola e o unico que designa os M (unicip) ES M (unicipii) MYR (tilensi) S, como leu o sabio Mommsen². Só este padrão epigraphico seria porventura sufficiente para indicar a situação de Myrtilis.

D. Fr. Amador Arraes³, notando parecer de origem grega o nome de Myrtilis, que seria derivado de Myrtilo, filho de Mer-

¹ A marcação moderna d'este ms. na Bibl. Nac. é B, 6, 28.

² Mommsen, citado por Hübner, *Not. Arch. de Port.*, pag. 34., trad. por A. Soromenho, 1871.

³ Arraes, *Dialog.*, cap. vii., fl. 86 v.

curio, diz: «... e eu vi em Mertola, em hũa sepultura romana, o nome de Myrtilus»; mas não se sabe se allude a esta inscripção, que já então estivesse visível em alguma muralha, ou a outro monumento, de que não ficasse noticia, como melhor se pôde julgar, por não ser verosimil que tão illustrado escriptor e abalisado latinista confundisse um monumento publico do municipio myrtilense com um simples epitaphio.

Agora segue o dr. Hübner reproduzindo a leitura do monumento da fórma de dolium, que fr. Vicente Salgado¹ descobriu na Torre de Valredondo, em frente da ermida da Senhora das Neves, corrigida por Cornide, por não ter Salgado percebido as siglas D · M · S, e em vez d'ellas haver escripto DIMIS, tomando os dois pontos intermedios por dois II, e finalmente rectificada ainda por Hübner, que emendou a penultima linha, escrevendo NIGEL em lugar de NICEL. Em Mertola não ha encontrar quem indique a chamada Torre de Valredondo; mas este monumento, apesar de eu o ter procurado no revestimento do baluarte e da muralha que mais defrontam com a ermida da Senhora das Neves, situada no pincaro de um outeiro, deve ainda buscar-se de novo, por ser possivel que haja escapado á minha observação, não obstante ser um tanto verosimil que d'alli fosse parar á collecção que o illustre Cenaculo reunira no seu paço episcopal de Beja.

D · M · S
A E M I L I A E
L M A
T R I · S E R T O
R I V S · N I G E L
L I O · P O S V I T

Eis-aqui as notas do dr. Hübner a esta inscripção:

«Salgado ms. 2 p. 42, 97, Algarve p. 30 (inde Sanchez Sobrino p. 50; Levy, 206, 465) Inveni præterea exemplum ms. accuratè exceptum inter schædas epigraphicas in mu-

¹ Salgado, *Mem. Eccl. do Alg.*, pag. 49 e 50.

nophylacio bibliothecæ publicæ Olisiponensis servatas, quod sequor in rebus minoribus. 1 DIMIS omnes excepto Sanchez Sobrino, qui D · M · S correxit. 5 NICELLIO Salg.»

Ácerca da inscripção seguinte diz Hübner: «Myrtili Olisiponem misit Vidal Corn. Cenaculo, 1,13 (inde Cornide ms. Olisipo B, 3,41).»

L · FIRMI DIVS
PEREGRINVS
VTICENSIS
VIXIT · AN · LX
H · S · E · S · T · T · L

Este L. Firmidius Peregrinus era natural da celebre Utica em Africa, e que esta inscripção alludia áquella cidade já o tinha notado o dr. Hübner nas *Noticias Archeologicas de Portugal*, pag. 34, traduzidas pelo mallogrado epigraphista Augusto Soromenho e publicadas pela academia real das sciencias de Lisboa em 1871. E mui provavelmente não seria Lucio Firmidio o unico incola myrtilense, oriundo da republica de Carthago, poisque nas cidades da Lusitania era quasi geral a mescla punica nas populações, mui principalmente antes da instituição do imperio romano.

Na inscripção seguinte escreveu Cornide na quarta linha FEIX, mui provavelmente por lapso. Hübner corrigiu, escrevendo FELIX, e interpretando assim a ultima linha: «OSP (iti) MER (enti) POS (uit):

D · M · S
HERENNIA SE
CVNDINA VIXIT
AN · LV · PVB · FELIX
OSP · MER · POS

Cornide, julgando conterem grandes erros as copias de que se serviu, transcreveu a subsequente inscripção com algumas incorrecções, que o dr. Hübner corrigiu d'este modo,

com as seguintes notas: «Cenaculo 1, 13 (inde Cornide ms. Olisip. B, 3, 4) · 4 · SLX 5 ILO traditur.»

D · M · S QVIN
TVS · IVLIVS
LVP · VIX · ANN · III · M ·
eNSIBVS SeX FiLVME
na FILIO PIENTISS
imo posVIT · HSE · TTL

A ultima está mutilada no acabamento de algumas linhas. As notas do dr. Hübner são estas: «Cenaculo 1, 13 (inde Cornide ms. Olisip. B, 3, 41). A manu dextra lapidem fractum esse indicavi ego; ceterum certa lectio non suppetit.» 6 *hec s, t. t. l, hæc sit tibi terra levis, Mommsenus ferendum esse existimat.*»

D M · S
KAM LEN
IV · VIXS
ANO · I · M
5 HIC SITV
HEC · S · T · T · L

Na copia de Cornide não ha na terceira linha ponto algum depois do X. É possível que em latim um tanto archaico estivesse escripto no monumento VIXS (IT). A inscripção não deixa ver quantos mezes sobre um anno viveu a pessoa a quem foi dedicada, nem o nome, que não parece latino começado por um K; o que mostra mais um indicio de população estranha ou antiga em pleno dominio romano.

Não se póde saber se o dr. Leiria, prior de Mertola, fallando em 1758 de umas inscripções que alli tinham apparecido, fez referencia a estas, que foram copiadas em 1794, ou a outras, cuja memoria se perdesse.

Nas minhas investigações achei ainda em 1877 dois fragmentos de inscripções, pertencentes a monumentos destruidos.

Para formarem o flanco do arco da Misericordia do lado do rio houve artifices de tal rudeza, que cortaram um monumento de bello marmore granolamellar com manchas cinzentas, levando-lhe n'um rectangulo vertical de 0^m,18 de largura o seguimento de todas as linhas da sua inscripção, deixando-o reduzido á largura de 0^m,40, á altura de 1^m,09 e á espessura de 0^m,46. Sendo pois collocado em sitio de tanta passagem, o attrito produzido na sua superficie tem sido causa de se apagarem os restantes caracteres, dos quaes apenas divizo os seguintes:

. . . . N
 V
 . A \ . V
 A L I S
 . D

Confesso que não sei reconstruir conjecturalmente esta inscripção, e hesito em que fosse sepulchral. A ultima sigla significa certamente uma *dedicação*. É mui provavel que quasi no fim da linha tivesse outra igual, porque de outro modo seria o D gravado mais para o centro.

N'um baluarte do castello com frente para SO., a segunda pedra, a partir do angulo; pertencente á nona fiada horison-tal, contando de cima para baixo, tem gravadas umas letras, por mim observadas em 1877 com o auxilio de oculo pela muita altura em que estão. Dentro do castello este baluarte é o que fica mais proximo da cisterna, e tendo os parapeitos arrazados, é mui perigoso intentar-se qualquer exame por este lado, o qual por isso só se pôde fazer pelo de fóra. Com facilidade lá se chegaria, levantando-se um andaime em anda-res, porque ainda quando houvesse escada de tal altura, a sua affixação n'uma rampa tão ingreme, seria mui pouco segura. Não pude, pois, em rasão da distancia, perceber se aquelle rectangulo teria encimado algum edificio publico, onde se memorasse o nome de Marco Bruttio Marcello, ou se de algum monumento funerario, cortado em zonas horison-

taes (o que não parece tão verosímil) seria destacado com o sobredito nome, gravado em caracteres grandes do typo latino, que pela fôrma dos MM e dos AA podem talvez pertencer ao primeiro seculo.

Emfim, o que julgo ter lido é o seguinte :

M · BRVTTIVS MARC

Se um dia houver melhor meio de observação, se rectificará algum lapso que se encontre na minha leitura.

D'este monumento não havia a minima noticia, e mais nenhum me foi possível descobrir, que deva ser inscripto na epocha romana.

O que não constava ter-se ainda verificado dentro da villa era um qualquer edificio a *fundamentis* com característicos de tal epocha. Notando eu porém que perto do caminho para o cemiterio publico havia umas paredes antigas, que poderiam ter sido construidas para contraforte da rampa que chega até á muralha, se não pertenciam a uma casa destruida, mandei a pouca distancia fazer um córte entre o dito caminho e a muralha, e levando-o até á profundidade de 2^m, 63, por isso que a terra manifestava fragmentos de materiaes de construcção e de louças, cheguei a um plano horisontal resistente, que verifiquei ser o pavimento de uma casa, ricamente forrado de fino mosaico de côres, do genero *opus vermiculatus*, com um bello ornato e o desenho de uma tartaruga ou cágado no centro, sendo notavel que os artistas que tal figura alli estamparam, lhe dessem a côr amarella (est. 2).

Como este pavimento estava muito estragado, tentei mandar levantar aquelle retalho para com elle comprovar o meu descobrimento, tendo o cuidado de o estampar primeiramente em desenho; mas todo se desfez, não podendo aproveitar-se mais que uns fragmentos do ornato marginal, que logo fo-



(Est. 2)

ram assentes em argamassa dentro de duas caixas, pertencentes á collecção existente na academia real de bellas artes, onde maiores estragos ainda soffreram.

A est. 3 dará uma ligeira idéa do lavor ornamental do mosaico.

Ora este pavimento de mosaico deve, a meu ver, representar um edificio, que mui facilmente agora se poderá desentulhar até á muralha, porque já ficou conhecida a profundi-



(Est. 3)

dade a que chegaria a excavação geral. E fazendo-se d'aqui ponto de partida, não se achariam outros edificios? Aucto-ri-se este trabalho; mandem-se officialmente pôr á vista

todos os vestígios das antigas civilizações myrtilenses, e ver-se-ha então até que ponto a critica archeologica pôde ministrar ás sciencias historicas os documentos de que ellas carecem para não andarem envolvidas n'um turbilhão de absurdas fabulas, de caprichosas concepções e inteiramente deslocadas das suas bases fundamentaes.

Na pequena excavação que precedeu o descobrimento do mosaico, que julgo romano, appareceram varios fragmentos de louças e de vasos de vidro. Os vidros são de contextura e fórmãs semelhantes aos que geralmente se acham nos campos de construcções averiguadamente romanas e em que não apparecem indicios de outras nacionalidades. Não assim as louças, que no castello de Mertola, sobretudo, não sendo bem estudadas as condições locaes dos depositos, podem suscitar duvidas invenciveis, ou incertezas pouco susceptiveis de averiguação, como são os fragmentos da collecção, comprehendidos entre os n.ºs 40 e 49, achados a curta distancia do pavimento de mosaico: e tudo isto pelo muito atrazamento em que ainda se acha a classificação dos padrões ceramographicos propriamente peninsulares.

Já antecedentemente apontei a grande quantidade de fustes de columnas, de bases, de capiteis, e de numerosas peças de marmores, calcareos, granitos e outros varios materiaes de construcções architectonicas, que a todo o passo se observam no grosso e no revestimento das muralhas, da chamada ponte, das igrejas e até das habitações particulares, como indicando sumptuosos edificios destruidos por grandes cataclismos, ou por aguerridas invasões.

Notou o grande historiador e abalizado critico Alexandre Herculano uma triplice construcção no castello de Mertola, deixando assim presumir que aquelle recinto fortificado não era todo originariamente arabe, mas parcialmente anterior. É possivel, se bem que mui difficil seja, confirmar-se este presupposto. Ha, com effeito, alguns lanços de muralha, em que o apparelho externo revela uma regularidade exemplar, mas só até certa altura um tanto limitada, e ahi não ha ver uma pedra com indicio de ter sido utilizada em diversa con-

strucção. N'outros logares, logo a pouca altura dos entulhos, que em rampa mais ou menos abrupta vão de encontro ás muralhas, começam a manifestar-se no revestimento externo varias pedras, incluindo bellos marmores, que bem significam haver pertencido a nobres edificios. Quasi toda a cortina adherente ao baluarte fronteiro á ermida da Senhora das Neves é abundante d'esta mescla, incluindo espaçosas pedras rectangulares de granito, que necessariamente vieram de grande distancia e não para construcção de muralhas. Ha tambem nas cortinas e nos baluartes uma derradeira sobreposição, de apparelho irregular, occupando espaços de alturas variaveis e em parte misturada de marmores e pedras de apurado trabalho, que parece obra muito posterior, e que por isso é de crer que pertença á classe dos reparos exigidos por destruições parciaes.

Não ousarei dizer, nem mesmo insinuar, que um castrum romano foi alli aproveitado e ampliado pelos arabes, do mesmo modo que se pôde afoitamente afirmar, que quasi todas as muralhas dão indicios e até provas incontestaveis de reedificações posteriores, certamente portuguezas, como em seu logar mostrarei.

Para melhor porém se examinar, se de feito ha algumas secções na muralha com o typo fundamental de algum dos apparelhos romanos no seu revestimento, seria preciso desobstruil-a dos espessos amontoamentos de entulho que d'ellas descem em ladeira por vezes precipitada, porque o que está á vista é em meu entender mui insufficiente para uma tal verificação.

O castello de Mertola occupa o plan'alto de um elevado monte sobranceiro á margem direita do rio Guadiana e á esquerda da Ribeira de Oeiras n'uma cota de nivel de 71 metros. Em todos os tempos seria a sua privilegiada posição reconhecida como muito apta para defender uma população de qualquer ataque intentado pelo rio, ou por via de terra; pois os montes, que o excedem em altura, nenhum damno poderiam causar ao recinto fortificado, sabendo-se quaes eram as maquinas de guerra d'aquelles tempos. Assim pois como os

arabes conceberam a necessidade de se fortificarem n'aquelle ponto, em que já acharam uma cidade antiga, porque não occorreria esta mesma necessidade aos fundadores d'ella, e mui nomeadamente aos romanos, que em tanto cuidado tiveram sempre a segurança das suas cidades, que, até para melhor as defenderem, ao longo das estradas levantavam importantes fortificações? As conjecturas favorecem as presumpções do illustre historiador, mas não ha por emquanto provas archeologicas que sufficientemente as confirmem.

O que historicamente está averiguado e confirmado pela critica archeologica é que a villa de Mertola occupa pelo menos uma grande parte da area da antiga Myrtilis, porque desde a baixa do Tamujo até á Misericordia, d'alli ao castello, de todo o recinto fortificado ao Rocio do Carmo, abrangendo a rampa que desce até á ermida de Santo Antonio, e contando ainda com o campo mortuario de S. Sebastião, onde talvez venham a descobrir-se vestigios mais antigos, são numerosos e de grande importancia os seus caracteristicos, sobretudo capitulados por aquelle monumento epigraphico em que se designam os municipes do municipio myrtilense.

Existia portanto alli esta cidade. Necessariamente os seus habitantes aproveitariam os terréneos susceptiveis de cultura e com preferencia os marginaes, por serem os menos interrompidos pelas afflorescções dos schistos que constituem o typo dominante da formação geologica local; fabricariam os materiaes de barro cozido para as suas construcções, de que achei muitos fragmentos, como o deixam perceber alguns vestigios de fornos, e as louças mais precisas para os seus usos domesticos, grosseiras pela maior parte, como as que deixei exemplificadas na collecção que organizei na academia real de bellas artes, entre os n.^{os} 3 e 62; e exerceriam outras muitas industrias indispensaveis em todos os centros de população, embora não tenham ainda apparecido os seus testemunhos.

Os edificios arrazados, entre os quaes não se tem achado um unico indicio de construcção sumptuosa, verificados no Barranco do Azeite, no sitio da Bombeira, na Vargem da Va-

queira e na Vargem de S. Braz, poderão, quando muito, representar sédes de estabelecimentos industriaes, de colonias agricolas (villæ), ou vicus, dependentes de Myrtilis.

Do Barranco do Azeite a louça que me resta é a que mostro na est. 4.

Pretendi emprehender o levantamento da planta de todo o espaço marginal entre o Barranco do Azeite e a Vargem de S. Braz na escala de 1 : 50.000, para que melhor se percebessem as relações de mutua dependencia que poderiam ter havido entre a séde da cidade e cada um d'esses pontos, se-



(Est. 4)

gundo a sua respectiva feição archeologica ; para porém chegar a este definitivo resultado, era mister abrir larga exploração em todos elles e obter primeiro que tudo as plantas parciaes em escalas muito maiores ; mas um trabalho d'estes, n'uma linha approximadamente de 15 kilometros, obrigado ao mais escrupuloso cuidado para não se confundirem os criterios materiaes das diversas epochas alli mais ou menos bem caracterisadas, devêra absorver um praso muito maior do que o que me fôra designado e reclamaria um conjunto de recursos, que de certo não poderia ter obtido. Restringi-me a mandar levantar a planta da secção limitada pela chamada ponte da villa e pelo campo mortuario de S. Sebastião, aggregando-lhe o desenho de uma parte central do pavimento de mosaico que havia descoberto no castello por-

que é dentro d'aquelle espaço que se têm achado vestígios romanos mais significativos, assim como de outros povos. A estampa d'esta planta vae no fim.

• A Cerca de S. Sebastião está orientada, no sentido do seu limitado comprimento, de SO. para NE. confina a NO. com a região montanhosa e a SE. com o rio, pela perpendicular levantada ao centro da linha de extensão.

Na ocasião em que a planta d'este campo foi levantada, estavam simplesmente perceptíveis dezesete sepulturas, mas nenhuma em estado de se poder examinar; apenas se conhecia com alguma difficuldade a direcção em que tinham sido excavadas. Uma d'estas sepulturas, achando-se arrombada n'um angulo, me permittiu observar que estava coberta por uma lage delgada de marmore granolamellar cinzento, semelhante a outras antecedentemente d'ali extrahidas, que o sr. Lança Cordeiro teve a condescendencia de me mostrar. Constatou-me que os jazigos eram abertos na rocha do subsolo, mas como não os vi, não o posso affirmar. N'uma carta datada de 20 de dezembro de 1876 communicou o sr. Mello Garrido ao nosso commum amigo Augusto Soromenho, cuja prematura perda será por muito tempo irreparavel, terem alli apparecido duas moedas de cobre, uma imperceptivel de pequeno módulo e um grande bronze tambem em mau estado de conservação, deixando porém divisar no anverso a figura de um peixe. N'aquella ocasião acharam-se n'outros logares proximos algumas moedas geographicas de Myrtilis com um peixe para a direita sob a legenda, semelhantes aos typos da est. LIII do *Nuevo Método de Clasificacion* de D. Antonio Delgado. Se mais algumas d'estas moedas fossem alli achadas e tanto mais nas sepulturas, este facto daria áquelle campo uma significação mui diversa da que pôde ter em vista dos objectos colligidos com os n.º 53 a 60, já descriptos; mas não tendo havido exploração alguma, abstenho-me de aventurar arriscadas conjecturas, que tendam a indicar a Cerca de S. Sebastião como campo mortuario exclusivamente romano, ou de origem mais antiga, embora posteriormente aproveitado.

Numerosas moedas consulares e imperiaes appareceram nos terrenos de Mertola logo após a passagem das cheias do inverno de 1876, e diversas pessoas as colligiram. Cheguei a ver muitas, que poderia ter logo classificado e restituído aos seus possuidores, se para este fim m'as tivessem confiado. Lembro-me de ter visto alguns medianos bronzes do alto imperio e muitos pequenos bronzes do terceiro seculo até Arcadio. Talvez que a reunião de todas aquellas moedas podesse constituir uma serie chronologica assás notavel. Não incluo no numero dos collectores remissos os srs. Mendonça e Mello Garrido, porque quantas tinham reunido tiveram a extrema franqueza de me offerecer; e eu desejando augmentar os monumentos de Mertola, sem a minima reserva as reuni á collecção, onde estão depositadas.

O sr. Mello Garrido offereceu-me dois denarius de prata consulares, um de familia incerta e o outro da familia Minucia. Este ultimo diz H. Cohen ter sido cunhado entre o anno 188 e 164 antes de Christo.

O sr. Mendonça offereceu-me seis pequenos bronzes, tres de Constancio II, um de Valentiniano, um de Theodosio e outro de Arcadio.

Esta pequena serie de oito moedas romanas, já descriptas no catalogo, limita um periodo de quasi cinco seculos. As outras moedas que recebi, arabes e portuguezas, tambem já ficaram descriptas e não vem a proposito serem aqui nomeadas.

A urna cineraria extrahida de uma sepultura na Cérca de S. Sebastião, e que me offereceu o dr. Brito, é a que represento com a seguinte estampa.



(Est. 5)

É indubitavelmente romana, e identica na fôrma a outras que em 1876 foram achadas, perto de Alcacer do Sal, nas ruinas de Balsa, perto de Tavira, e n'outros logares.

Não estava, porém, em sepultura, mas isoladamente soterrada no campo mortuario.

Recapitular finalmente todos os vestigios romanos que pude observar desde o Barranco do Azeite até á Vargem de S. Braz e as noticias que colligi, seria repetir o que fica expellido.

Se um dia houver exploração n'aquelles tão promettedores terrenos, a que me seja licito assistir, poderei então preencher muitas lacunas que deixo agora em aberto, e que de modo algum me proponho supprir com forçadas conjecturas, porque estes assumptos não admittem improvisos.

III

EPOCHA WISIGOTHICA

Invasão da Hispanha romana pelos chamados barbaros do norte, no anno 409. — Occupação da Lusitania pelos alanos. — Walaia, rei dos godos, derrota os alanos. — Auctor que julga a Lusitania evadida d' esta raça no anno 419. — Outro auctor que julga os territorios meridionaes da peninsula de novo dominados pelos romanos, que os suevos expulsam de Mérida, no anno 439. — Testemunho historico que dá Myrtilis entregue aos saevos, no anno 440. — Ampla predominio do elemento wisigothico sobre o suevo, no anno 465. — Duvidas sobre se seriam os suevos ou wisigodos os instituidores do christianismo em Myrtilis, ou se esta crença já teria antigo culto n'aquella cidade sob a influencia da iggeja ossonobense. — Vestigios do elemento christão dentro do castello de Mertola. — Presumpção de que os monumentos da forma de *dolium*, descriptos no capitulo antecedente possam significar já instaurado em Myrtilis o elemento christão ainda em plena epocha romana. — Monumentos christãos descobertos entre o Rocio do Carmo e a ermida de Santo Antonio. — Interpretação das suas inscripções. — Noticias relativas á sua acquisição. — Prova-se com alguns d'estes monumentos, que havia um templo em Myrtilis, que foi servido por alguns presbyteros, cujos nomes são hoje conhecidos, desde o seculo v ao vii. — Symbologia d'estes monumentos. — Descripção das sepulturas exploradas. — Vestigios de construcções antigas junto d'estas sepulturas. — Noticia de haverem sido achadas em Mertola varias moedas wisigothicas. — Necessidade de novos trabalhos no castello e em todo o campo indicado na planta junta, comprehendido entre o Carmo e Santo Antonio.

É a decadencia condição necessaria de todas as grandezas; nenhuma instituição social pôde escapar-lhe, e foi o que succedeu ao maior potentado que ousou subjugar as mais soberbas nações.

Roma tinha-se arrogado a prerogativa de predestinada capital do mundo inteiro; embalou-se e creou-se no berço da monarchia, medrou e robusteceu-se nos regaços da republica, exaltou-se e caiu com o solio do imperio.

O capitolio, o senado, o forum, as basilicas, os templos,

os circos, os amphitheatros, as thermas, os palacios, todos os monumentos, emfim, que podiam assignalar as mais audaciosas manifestações da opulencia, tinham os seus alicerces assentes sobre a cratera de um mysterioso vulcão.

A altiva cidade dos reis, dos consules e dos cesares começára logo a ser minada pelas cryptas e catacumbas dos martyres.

Póde assim dizer-se que havia duas Romas, uma alumida pelos astros da idolatria, outra simplesmente pela luz da fé; e foi esta luz poderosa que abraçou os templos, os idolos e todas as raias que poderiam embaraçar o peregrino andamento da nova idéa, da nova crença e da palavra inspirada, que foi mensageira da verdade e viva protestaçoão do resgate humano.

Este germen de reacção, que já affrontava as instituições antigas, tinha-se radicado no torrão peninsular, mas precisava ainda um abrigo seguro contra os assaltos da perseguição.

A sociedade pagã ia como lentamente caminhando para uma inevitavel transformação: até as siglas dos seus laboros e estandartes eram substituidas pelo monogramma de Christo; as proprias moedas do imperio cediam a este symbolo os emblemas allegoricos dos triumphos e victorias, e foi o signal, a tessera, a tenção dos que vieram propagar a já plantada arvore do christianismo n'estes ultimos recessos do occidente, logo após a quéda do imperio, arvore que já era secular na famosa Ossonoba, sempre vicejante, vigorosa e tão robusta, que com a força das suas raizes alluia e derribava os templos idolatras, e tão fecunda, que com a fragrança das suas flores attrahia e captivava os espiritos, com o sabor dos seus fructos alimentava os paladares mais embotados, com a doçura da sua seiva inexgotavel sanava os sequiosos, e com a sua frondosa côma açoitava e repellia as tempestades. Na Lusitania não havia outra que a assombrasse.

A propagação d'esta essencia dependia apenas de um impulso externo e este impulso não tardou.

Das regiões do norte desciam ondas de invasões armadas

sobre o imperio romano. Após umas succediam logo outras, e tantas e tão diversas o foram invadindo e senhoreando, que já não havia resistencia que as combatesse.

Não podia a Hispanha eximir-se do quinhão que lhe estava reservado. Apareceu tambem com diferentes mesclas e em diversas occasiões. Não tratarei de historiar o que não é reclamado pelo assumpto que tenho em vista indicar a quem melhor do que eu o possa um dia desenvolver com maior numero de provas; quero apenas restringir-me a enumerar os vestigios que pude descobrir, na villa de Mertola, de uma sociedade christã, que parece ter sido numerosa e opulenta logo pouco depois da decadencia do imperio romano, sob o dominio wisigothico.

Os alanos, os vandalos e os suevos, abandonando as Gallias, transpózeram os Pyrenéos no anno 409 e invadiram a Hispanha. Dois annos depois, referem os historiadores do tempo, repartiram a terra conquistada, a Gonderico com os seus vandalos e a Ermerico com os suevos coube a Galliza, indo os vandalos silingos para a Betica, e a Ataces com os alanos pertenceu a Lusitania. Poucos annos depois Wallia, rei dos godos, exterminou os vandalos silingos e em tal derrota deixou os alanos, que os poucos que lhe escaparam tiveram de se incorporar aos vandalos da Galliza. Fr. Henrique Flores¹ considera a Lusitania inteiramente limpa de alanos no anno 419.

A guerra era a vida normal. A Betica ficára sem vandalos silingos e em seguida vão occupal-a os vandalos da Galliza. Alanos já não havia na Lusitania; mas retirando-se Wallia para a Galliza, que elemento estranho a ficou dominando?

A este respeito diz Antonio Caetano do Amaral² que «... pelo modo, por que falla Idacio, se pôde julgar, que nas terras, que os vandalos aqui despejaram, tornaram a entrar os romanos, até que no anno 439 os lançou de Mérida o rei

¹ Florez, *Esp. Sagr.*, tom. iv. pag. 396. (Nota á *Chron. de Idacio*.)

² Amaral, *Mem. de Litt. Port.* vi, pag., 133.

suevo Richilla. Na mesma chronica (de Idacio) e na de Santo Isidoro, acrescenta, se vêem as guerras que os suevos tiveram com os godos, por cujo rei Theodorico foram tão enfraquecidos e divididos, que pareciam uma colonia dos godos: e elles ao contrario ficarão tão poderosos, que sem embargo de conservar ainda o imperio romano algum poder nas provincias tarraconense e carthaginense (onde pelos annos de 465 tinham um duque chamado Vicente) não foi ao imperador romano Severo, a quem os gallegos n'esse tempo se dirigiram para pedir auxilio contra os suevos, mas ao godo Theodorico, do qual tambem receberam legados.»

À *Chronica de Idacio* se refere igualmente Florez¹, dizendo que no anno 440 ainda Myrtili era cidade de conhecida importancia, como se depreheende d'este trecho:

«Censorius comes, qui Legatus missus fuerat ad Suevos, residens Mirtyli, obsessus à Rechila in pace se tradit².»

Foi então esta cidade sitiada e ganha pelos suevos, a cujo rei fôra enviado como embaixador o conde Censorio, ou Certorio³, que n'ella residia.

O rei suevo expulsou pois de Merida os romanos no anno de 439; mas em 465 os godos já são poderosos eram, que os suevos, no proprio territorio onde tinham radicado o seu dominio, apenas pareciam uma colonia sua.

Cousa notavel é, que d'este mesmo anno apparecêra em Mertola um monumento epigraphico christão, como adiante mostrarei.

Se o elemento christão foi alli introduzido pelos suevos, pelos wisigodos, ou já anteriormente sob a influencia do proselytismo ossonobense, por isso que todo o territorio d'aquella parte da Lusitania pertencia á famosa Ossonoba, cujos pastores evangelicos já eram celebres nos concilios da Hispanha, não o posso por emquanto affirmar, porque faltam provas, que talvez venham ainda esclarecer este assumpto, se algu-

¹ Flores, *Esp. Sagr.*, xiv pag. 238.

² Idatti *Episcopi Chronicon*, olymp. cccv, pag. 23, 4619.

³ Delgado, *Nuevo Método*, etc., tom. II, chama-lhe Certorio.

ma vez se fizer uma exploração bem dirigida em toda a rampa que desce do Rocio do Carmo até á ermida de Santo Antonio, incluindo a Cérca de Maria Mendes e o Campo do Curral, que represento na planta junta, pois n'esse espaço foram descobertos todos os monumentos de que adiante darei noticia e os vestigios de um edificio, que parece ter sido um templo, de que não havia memoria, nem tradição local.

No castello tambem achei um fragmento de lapida, como se póde ver na collecção sob n.º 64, envolto nas terras que cobriam o pavimento de mosaico já descripto; e julgo que teve inscripção, porque mui distinctamente mostra duas linhas parallelas, marcadas á régua, entre as quaes eram gravados os epitaphios, como o exemplificam alguns monumentos da propria collecção de Mertola, sendo assás significativo, a meu ver, achar-se com este fragmento de marmore uma pequena pasta de argilla alvacentas, de fórma circular, com 29 millimetros de diametro e 9 de espessura comprehendida entre seus planos parallelas, sendo liso o da base e tendo no superior gravado um symbolo, que ora parece o manogramma do X ligado com o P e o T, ora simplesmente X.

A estampa é assim :



(Est. 6)

Em qualquer dos casos, interpreto este objecto como sendo uma tessera monogrammatica.

Na primeira hypothese não haveria duvida, por ser aquella uma das fórmas mais communs do manogramma de Christo, como se póde ver em Muratori, 4.º vol., no *Elucidario* de Viterbo, em muitas obras que tratam da symbolologia christã, e mesmo nos monumentos de Mertola.

Na segunda hypothese convem advertir que o X é a fôrma mais simples do monogramma, a mais antiga e usada nos primeiros tempos do christianismo, como dizem Giorgi¹, Martigny², auctores de firmada auctoridade, acrescentando Buonarruoti, De'Rossi e outros, que foi Constantino Magno o primeiro imperador christão que usou este signal nos seus lábaros.

O original fica na collecção com o n.º 63. A fôrma e o symbolo do objecto, repito, emquanto outra interpretação de melhor conceito não apparece, deixam-me presumir que seria uma tessera, ou signal secreto, de que se serviriam os christãos de Myrtilis, antes da decadencia do imperio, talvez, para se fazerem reconhecer e auxiliarem-se como irmãos na crença do arcano, ou simplesmente um signal, que já em pleno dominio christão franqueasse a entrada em algum estabelecimento publico, ou a livre passagem por logares reservados. A estas hypotheses acresce ainda a de que poderia tambem ter sido uma tessera (nummaria?), representando o valor de um denario (X), ou, invertida a gravura, o numero XL, das que nos tempos romanos eram muitas vezes distribuidas á plebe, até em solemnidades publicas, para com ellas receber certos donativos, já dos magistrados, já de pessoas particulares, e a que o povo estava tão habituado, que nos ultimos tempos do imperio, inertes e adormecidos os antigos brios da patria, apenas pedia «pão e circo».

Entretanto, preferindo uma das duas primeiras (X, ou [XPT]) hypotheses, conservarei o mencionado objecto no logar em que o deixei, até que uma opinião auctorizada lhe designe outra mais propria collocação; porque, para mim, a collocação dos monumentos n'um museu archeologico é obri-gatoria, tanto em relação á epocha a que pertencem, como ao grupo em que podem ter significação.

Para melhor se comprehender quão dilatado espaço occu-

¹ Giorgi, *De monogra. Christ.*, c. II.

² Martigny, *Dicc. des A. Chrét.*

pa o cemiterio christão de Myrtilis, bastará observal-o na planta. Ahi foi, como disse, que se encontraram todos os monumentos da collecção.

Outro descobrimento importante verifiquei no Rocio do Carmo.

A pouca distancia do quintal de Manuel de Oliveira, parecendo-me ver vestigios de uma parede arrazada, mandei fazer uma ligeira excavação, e achei em profundidade de 0^m,50 uma base de columna de marmore branco, ainda firmada em cimento de cal, medindo em cada lado 0^m,59, no plano circular em que assentava o fuste 0^m,51 de diametro, sendo de 0^m,27 a sua altura total. Não a pude desenhar, nem me recordo do seu numero de tóros, escocias e ástragalos para indicar a ordem a que pertence. Logo em seguida appareceu tambem um grande fragmento de gradaria, ou de janella, tambem de marmore, com aberturas recortadas em fórma de folhas, dispostas em cruz, e observei igualmente uns restos de grossa parede, e muitos pedaços de varios materiaes de construcção. Foi junto deste edificio, que julgo ter sido um templo, que Manuel de Oliveira, residente no Rocio do Carmo, achou um monumento assás valioso, cobrindo a sepultura de um presbytero que havia governado a sua igreja (in presbyterio) durante treze annos e que fallecêra na era de 527, correspondente ao anno de 489, como em seu logar mostrarei, e como se póde ver na collecção sob n.º 4.

Com todos estes vestigios penso ter existido em Myrtilis uma grande população christã, pelo menos desde o anno de 465 até o de 706, comprovada pelos monumentos que coligi.

Seja-me agora licito expender n'este logar uma presumpção, que já deixei apontada, quando me occorreu que a influencia christã de Ossonoba poderia, desde o terceiro seculo, fazer-se sentir entre os habitantes de Myrtilis.

Na secção respectiva á epocha romana reproduzi seis inscripções que haviam sido descobertas em Mertola em 1794 e dois fragmentos de duas que alli verifiquei em 1877.

Com relação áquelles, cujos desenhos consta existirem na

bibliotheca de Evora, notou o dr. Hübner, *Corp. Inscrip. Latin.*, II, p. 5, a mais singular fôrma de uma dos monumentos, em que se acharam gravadas, ser a de uma pipa horizontalmente adherente a um plintho de base quadrada, semelhante a outros achados nos campos de Beja¹: «Inter Myrti-lenses primum inveniuntur lapides sépulcralis forma dolii lignei circulis cincti et suprapliathum quadratum iacentes (n.º 16, que é o da Torre do Valle Redondo) harumque regionum, quod sciam propriae infra complura exempla redeunt inter titulos Pacenses et in campo Pacensi repertos».

O referido monumento da fôrma de pipa, do qual deram noticia o arcebispo Cenaculo, Salgado, Sanchez Sobrino, D. José Cornide, Levy Maria Jordão, e o doutor Hübner, foi sempre considerado como romano e pagão. Que elle seja romano, não o duvido; mas se ao mesmo tempo representa um enterramento pagão, não é cousa tão averiguada.

Eu desejaria dar a este assumpto o desenvolvimento que elle exige, se a indole d'esta rapida reseña das antiguidades de Mertola o permitisse; entretanto julgo conveniente premunil-o do conceito, ou antes da presumpção que me suggere.

A fôrma de pipa é considerada como symbolica nos monumentos christãos dos primeiros seculos. Com assás singulares significações são estes monumentos interpretados por auctores da maior auctoridade. «A pipa vasia symbolisa o corpo separado da alma².» Pretende-se, por analogia, que assim como na pipa o vinho representa o espirito e no corpo humano a alma é o principio activo de todas as nossas acções, do mesmo modo a pipa sem o valor do espirito significa inerte massa, comparavel ao corpo separado da alma.

O poetico idealismo christão foi achar no dialogo entre os esposos, no *Cantico dos Canticos*, cap. II, v. 4 a significação do dolium, deduzida da *cella vinaria*, de que falla Salo-

¹ A quinta de Marim, perto de Olhão, abunda em monumentos d'esta fôrma, os quaes colligi.

² P. Lupi, *Dissert.* tom. I, p. 205.

mão, querendo que a igreja represente a *cella* e as pipas a união dos fieis. Por isso, pois, pretende que o dolium sobre uma sepultura seja a imagem do corpo, que um dia ha de voltar á casa de Deus para réceber o espirito da resurreição.

A pipa interpretava-se ainda de outro modo. Compondo-se de diferentes peças unidas e apertadas por seus arcos, symbolisava a caridade e união que devêra haver na sociedade christã, que o sangue dos martyres cada vez mais engrandecia e firmava, e que S. Cypriano, o mestre de Santo Agostinho, e tambem martyr no terceiro seculo, comparava ao vinho generoso que se escapa do seu receptaculo: «Vini vice sanguinem funditis», como diz Martigny. E mais ainda se arraigou este conceito, achando-se em algumas sepulturas das catacumbas uns vasos de vidro da fôrma emblematica de barris, onde julgam alguns auctores que fosse recolhido o sangue dos que padeciam a pena do martyrio. É esta a significação que Mamachi attribue a estes frascos: «*Doliorum* figuram inter duum præse ferebant vascula vitrea, quibus sanguinem SS Martyrum Christiani veteris includebant¹.»

Examinadas estas interpretações, ainda se propõe uma outra, como para substituir as antecedentes, que, pretendendo achar uma certa relação entre o substantivo dolium e o verbo dolere, apresenta os monumentos de tal fôrma como symbolos da dôr, fundando-se na lapida, que Mamachi (tom. III, p. 91), acima citado, reproduziu, em que se observam duas pipas em relevo, horisontalmente alinhadas, sob a inscriçãõ IVLIO FILIO PATER DOLIENS, em vez de DOLLENS, termo que n'outros epitaphios christãos se acha referido a parentes das pessoas sepultadas.

Acresce a tudo isto uma observação de Rich², que parece deixar perceber que a palavra dolium, com a significação de barril ou pipa, era mais usada pelos christãos dos primeiros seculos do que pelos pagãos; pois diz que o dolium propria-

¹ *Orig. et Antiq. Christ.*, tom. III, p. 102, 34.

² *Diction. des Antiq. Rom. et Grecq.*, verb. *Dolium*.

mente dito era um grande pote de barro cozido, de muita espessura, e da capacidade de dezoito amphoras, de que achei no Algarve copiosos fragmentos em numerosos logares.

Mas, porque nunca suscitou o monumento de Mertola= MATRI SERTORIUS = a minima suspeita de poder caracterisar o elemento christão n'aquella antiga cidade antes da decadencia do imperio? Mui provavelmente porque o seu estylo epigraphico é rigorosamente romano, e porque as suas siglas D (iis) M (anibus) S (acrum), admittidas como consagração de origem pagã, não deixaram lembrar, que tambem estão comprovadas em muitos monumentos christãos. De'Rossi, *Inscrip. Rom.*, I, n.º 1192, mostra n'uma inscripção romana inédita (a de LEOPARDVS), em que se acha a formula rigorosamente christã DEO REDDIDIT SPIRITVM SANCTVM, as siglas D (iis) M (anibus). Ora, para que estas siglas não tenham a interpretação de D (eo) M (agno), como pretenderam dar-lhes alguns epigraphistas, cita-se nos *Epitaphios* de Lupi, pag. 105, uma inscripção christã, tendo superiormente por extenso DIS · MANIBVS¹, e Perret, na sua collecção de epitaphios, transcreve o de uma christã (VITALIS), cuja primeira linha tem as siglas D. M. (✱) S., isto é, com o monogramma de Christo entre as duas ultimas, o que seria sufficiente, como diz Martigny, para esclarecer todas as duvidas.

Maior estranheza causam hoje estas siglas quando se acham em monumentos christãos, do que no proprio tempo em que foram usadas; pois que apenas se consideravam como formula simplesmente funeraria, sancionada pelo uso e observada com indifferença, do mesmo modo que muitos nomes pagãos foram tomados pela gente christã junto da piscina sagrada do baptisterio.

O cavalheiro De'Rossi refere a uma epocha anterior ao se-

¹ Fabretti, na inscripção LV de pag. 572 da sua obra *Inscrip Antiq.*, Roma, 1699, leu as siglas DM P por Deo Magno Christo; o que é repellido por outros auctores.

culo iv todos os monumentos christãos com estas siglas, como são os de cemiterio de Santa Catharina de Chiusi, cuja origem é attribuida ao tempo dos Antoninos; pois apenas no seculo v raros casos são notados, por excepção, com esta consagração aos Deuses Manes, certamente muito impropria dos que só adoravam o Deus Redemptor.

Vê-se portanto, que as siglas D. M. S. não dão seguro caracteristico de ser pagão o monumento de Mertola, tanto mais gravadas n'aquella fôrma de dolium já reconhecida como symbolo christão. Será pois este monumento uma revelação do proselytismo ossonobense entre a população de Myrtilis?

Fica por emquanto registada esta aventureosa presumpção até apparecerem novos e mais significativos factos, que a confirmem, ou inteiramente a destruam.

Não havendo pois sufficientes provas, que manifestem a existencia do elemento christão em Myrtilis antes da decadencia do imperio romano, vou comproval-o com uma serie de monumentos, a partir da segunda metade do seculo v até o oitavo anno antes da irrupção mussulmana, começando chronologicamente por aquelles cuja data se pôde perceber; e não é preciso alistar-os em ordem geographica, porque todos foram extrahidos do campo, figurado na planta, entre a igreja do Carmo e a ermida de Santo Antonio, como já disse.

O mais antigo é representado na collecção por um fragmento de campa de marmore granolamellar azulado, contendo simplesmente os caracteres que se encontram na est. 7.

Não percebo que palavra poderia terminar no R da primeira linha, certamente segunda ou terceira da inscripção. As letras VI, que se lhe seguem, julgo formarem a primeira syllaba da palavra VIXIT. As quatro da segunda linha, pertencem á palavra REQVIEVIT. Na terceira está visivel uma parte do algarismo romano ----V, que designa, sem duvida, o dia dos IDVS do mez em que fallecêra a pessoa, a quem fôra dedicada esta memoria. A ultima linha mostra

que antes da sigla numerica D (500) havia um A, em que terminava a palavra ERA. Depois do D não mostra a pedra vestigio algum de outro algarismo romano, e por isso a data do monumento seria a da era de 500, correspondente ao anno de 462.

N.º 1.



(Est. 7)

Não posso fazer toda a leitura conjectural da inscrição. O nome da pessoa fallecida não tem vestigios. Deveria estar

nas duas primeiras linhas que faltam. A recomposição parcial, que me occorre, é esta :

.....R·VI·XIT ANNOS (quantos ?) RE-
QVI EVIT IN-PACE D (ie) V IDVS (mez ?) ERA D.

Manuel de Oliveira, excavando o seu quintal no Rocio do Carmo, achou este monumento e mais alguns, que irei citando; e querendo resguardar a sua terra, construiu um muro de pedra secca no alinhamento da casa. Apesar de ter a poucos passos de distancia uma pedreira capaz de fornecer material para a edificação de uma cidade, preferiu reduzir a pedaços os monumentos de marmore que achou e com elles foi fazendo o muro, exceptuando um, «que não teve animo de partir, por ser uma lage muito perfeita, com um grande letreiro, e que por isso a poz na lareira da chaminé» ! Fui ver esta pedra e tive então noticia das outras, que não foram condemnadas ao fogo, mas que não poderam escapar ao enfurecido camartello d'este barbaro do sul, que um fatal destino encarregára de aniquilar as ultimas reliquias dos barbaros do norte.

— Pago todas as pedras que me apresentar com lettras, disse eu a Manuel de Oliveira. Este promettimento animou o cuidadoso destruidor dos monumentos christãos a declarar que tinha muitas no muro do quintal; e com effeito, o muro foi revistado e em parte demolido para se poderem extrahir. Manuel de Oliveira tinha porém escondido as maiores, que só apresentou, uma de cada vez, depois de ter vendido as que julgava insignificantes. E ainda assim fez um grande serviço ás lettras, apesar de as tratar a ferro e fogo, porque ninguem ousará disputar-lhe a gloria de ter sido o descobridor de tantos monumentos. O nome, no numero dos barbaros, d'este representante do ultimo alano, que escapou á espada de Walia, ou do unico vandalo-silingo, que Richilla não pôde exterminar, será sempre lembrado por toda a gente que olhar para os padrões epigraphicos da Myrtilis christã.

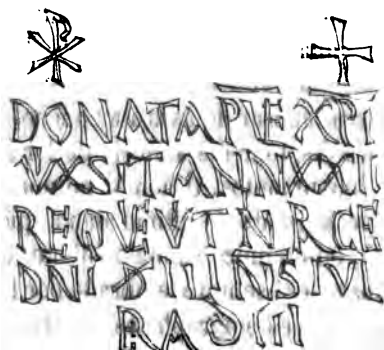
Não obstante as muitas diligencias que empreguei, não

me foi possível obter mais alguns fragmentos pertencentes á inscripção que fica descripta; mas provavelmente tinha-os o dono do muro em logar, que não lhe conveiu demolir.

No dia 11 de março de 1877, estando já pregadas e com sobrescripto endereçado ao sr. ministro do reino seis caixas com os monumentos que havia colligido em Mertola e nos logares designados no catalogo d'esta collecção, procurou-me um homem do campo para me vender uma bellissima lamina de marmore granular branco, de notavel translucidez, que me disse ter tirado de uma sepultura junto á valleta da estrada, onde tambem achou um anel de dedo muito delgado, que deitou fóra «por ser de cobre»! Comprei-lhe a pedra: media 0^m,45 por 0^m,41 e de espessura 0^m,03. Foi introduzida e cuidadosamente acondicionada na caixa n.º 1 com outra quasi das mesmas dimensões, que havia comprado a outro homem.

Estas pedras, porém, já não existem, porque mandando o governo vir para a academia real de bellas artes os monumentos de Mertola, as caixas foram alli despejadas sem eu estar presente e d'aqui resultou desaparecerem com tres vasos inteiros de argilla e com alguns fragmentos de outros monumentos, que vinham unidos para se poderem concertar. Felizmente, antes de encerrar as duas mencionadas pedras, desenhei as suas inscripções. A de marmore branco, superiormente ornada com o monogramma de Christo á esquerda e com uma cruz grega á direita, tinha este epitaphio:

N.º 1-A.



DONATA P[RE] XPI
 VXSIT ANNO
 REQVEVT NR CE
 DNI D III NS IV
 RA OM

(Est. 8)

É muito fácil a interpretação ; está ao alcance de todos os leitores, porque não envolve particularidades epigraphicas, que possam suscitar duvidas.

Donata, serva de Christo, viveu vinte e dois annos. Descançou na paz do Senhor aos tres dias das nonas de julho (5 de julho) da era de 503, correspondente ao anno de 465.

Donata e Donatus são nomes muito conhecidos na epigraphia christã. Muratori colligiu algumas inscripções com estes nomes. Não só a designação dos annos, como o substantivo PVE (puella), manifesta a mocidade da sepultada. Os symbols, o estylo epigraphico, as abreviaturas e o caracter paleographico das lettras, não deixam duvida de que este monumento pertenceu a uma sepultura christã do quinto seculo. Lamento verdadeiramente o extravio d'esta bellissima lapida, cujo reverso mostrava ter tido um friso, indicando haver-se extrahido de um edificio antigo para se lhe gravar uma inscripção.

Do seguinte monumento colligi em Mertola mais dois fragmentos, que se perderam na academia real de bellas artes, e por isso apenas pude ligar os restantes do modo que se segue.

N.º 2



(Est. 9)

No estado em que ficou, não se presta a recomposições conjecturaes. Apenas deixa perceber, que a pessoa quem o monumento pertenceu, fallecêra no dia XVII das kalendas de ... (não diz de que mez), da era de D^L (501, ou 550?). Foi este epitaphio gravado n'uma lamina delgada de

marmore, tendo superiormente no centro uma cruz entre quatro folhas approximadamente spathuladas, e diagonalmente oppostas, sob um ornato de volta arredondada da fórma de cordão achatado. O monumento foi achado no Rocio do Carmo por Manuel de Oliveira, que o partiu por precisar de pedra miuda para o muro do seu quintal. Os dois fragmentos que faltam, ainda assim não completavam a inscripção.

O seguinte epitaphio está gravado n'uma lamina de marmore branco, tendo os mesmos symbolos já descriptos no de N.º 1-A. A pedra mostra ter tido uma anterior applicação, e foi mui provavelmente desarraigada de algum edificio romano. Estava sobre uma sepultura, descoberta na occasião em que se fez o córte da estrada de Mertola para Beja, junto á valleta e quasi em frente da ermida de Santo Antonio. Um trabalhador, que a achou, vendeu-a ao sr. Alonso Gomes, e este cavalheiro, sempre generoso e prestadio, como todos o conhecem, sabendo que eu me empenhava em colligir tudo quanto fosse possivel das antiguidades de Mertola, mui espontaneamente m'a offereceu, e por isso tenho a satisfação de reunir á collecção mais este valioso testemunho do elemento christão em Myrtilis, pertencente á segunda metade do quinto seculo. O nome do sr. Alonso Gomes fica escripto no rotulo d'este monumento e é repetido no catalogo da collecção, para que não se perca a lembrança da sua valiosa offerta, mui digna de especial agradecimento, porque tudo quanto seja engrandecer as collecções destinadas ao estudo da sciencia, é um serviço publico, que sempre se deve registrar.

A inscripção é assim :

N.º 3.



(Est. 40)

«Orania, serva do Senhor, viveu tres annos. Descançon em paz no dia dos idos de novembro da era de 544.» Esta era corresponde a 13 de novembro de 473.

Não deixa de encerrar alguma singularidade o texto d'esta inscripção. A abreviatura da segunda linha PML, com quanto a inicial seja um P, parece significar *famula* e não *puella*, em que não ha a consoante M. O *quadratararius* escreveria *phamula* em vez de *famula*, ou o P por um F, e não seria talvez este o unico lapso que commetteria nas suas gravuras epigraphicas, porque mesmo n'esta (3.ª) linha escreveu TES em lugar de TRES. A expressão *Famula Domini* para significar um anjo, que apenas tres annos vivêra na terra é na verdade pouco apropriada; só o uso, applicado sem attenção á idade, a pôde justificar. Não menos impropria, re-

forida á quadra da mais angelical innocencia, parece ser a afirmação **REQVIEVIT IN PACE**; pois que marca o repouso na paz do sepulchro a quem ainda não tinha a minima idéa das tempestades da vida mundana. Tal era o imperio da formula funeraria, e tal a força de significação christã que se dava, desde os primeiros seculos, á bella expressão **IN PACE**, embora de origem hebraica, que até se acha nos epitaphios relativos a creanças de poucos mezes!

O monumento, que vou agora reproduzir, tem mais alguma importancia do que os antecedentes. É o que Manuel de Oliveira achou junto ao seu quintal, no Rocio do Carmo, quasi a um metro de fundura, e que logo destinou para a lareira da chaminé! Uma grande e espessa lage de marmore com manchas azuladas e manifestos signaes de ter sido arrancada, talvez da soleira de uma porta, cobria a sepultura de um homem de estatura corpulenta. É todo symbolico o lavor d'esta lapida. Parece figurar o portico de um templo com duas columnas, cujos capiteis, tendo por ornato o monogramma de Christo em fôrma de X, de todos o mais simples e antigo, são ligados por um arco de volta redonda. Outro qualquer interprete, sabendo quanto a gente christã dos primeiros tempos era fecunda em symbolisar por todos os modos possiveis as suas reconditas intenções, tambem julgaria que aquellas columnas, com taes capiteis, poderiam representar os umbraes da eternidade sustentando a abobada celeste; pois tudo então era mysterioso, emblematico, e parabolico, como as proprias palavras da linguagem mystica e prophetica dos que escreviam e oravam entre os auspicios da inspiração divina. Sob o arco, mui vulgar n'outros monumentos, mas sem columnas e como figurando estar suspenso no espaço, vê-se gravado um duplo monogramma, o composto de **XP** (✠), as duas primeiras letras do nome grego de Christo, e o da fôrma biblica com as letras primeira e ultima do alphabeto grego, **A** e **Ω**, ambos reunidos, como os mostra a est. 44.

D'este segundo faz menção o Apocalypse no seu ultimo ca-

pitulo (XXII — 43): «Ego sum A et Ω, primus et novissimus, principium et finis»; o que na versão do padre Antonio Pereira significa: «Eu sou o Alpha e o Omega, o primeiro e ultimo, o principio e o fim». A inscripção termina com uma cruz ladeada na base pela repetição dos caracteres A e Ω.

N.º 4.



(Est. 41)

Este epitaphio traduzo eu assim :

«Ao presbytero Satirio. Governou no presbyterio treze annos. Descançou na paz de Nosso Senhor Jesus Christo no

sexto dia das nonas de março (2 d'este mez) da era de 527 (anno de 489). Lembra-te de nós. Descança.¹

Veu este monumento revelar, que no anno de 476 havia em Myrtilis uma igreja christã ; pois foi n'aquelle anno que o presbytero Satirio começou a governal-a, sendo mui provavel que já anteriormente existisse, tanto mais que o epitaphio não designa como primeiro este presbytero.

Achou-se este monumento junto ao logar em que descobri uma base de columna de marmore assente em cimento de cal e um grande fragmento de gradaria, ou de janella, tambem de marmore, com aberturas em fórma de folhas lanceoladas, dispostas em cruz ; o que me deixa presumir, que na propria igreja fosse sepultado o presbytero que a governou treze annos.

Não parece, pois, duvidoso ter o templo existido alli, a pouca distancia da igreja do Carmo, e que dentro e em torno d'elle se faziam os enterramentos. A população, tendo-se em vista o pavimento de mosaico, que descobri no castello, é mui provavel que aproveitasse os edificios romanos que haveria entre a igreja e o espaço occupado pelo castello até á margem do rio.

Um pedreiro de Mertola, n'uma excavação que fez perto do curral do concelho, entre o Rocio do Carmo e a ermida de Santo Antonio, achou uma estreita lamina de marmore sobre um jazigo, que continha ossos, e notando que na pedra havia um letreiro, levou-a para casa.

No meu regresso para Lisboa, passando por aquella villa em 1 de janeiro d'este anno (1879), aproveitei ainda o dia para novas indagações, e comprei este monumento, que reuni á minha collecção sob n.º 5.

Diversos symbolos christãos compõem o seu emblematico ornamento.

¹ A ultima palavra da 6.ª linha e a ultima linha poderiam ler-se em latim barbaro: *memor nos requiescet*, ou *requiesce*, em vez de *memor nostrum requiescit*, e assim interpretar-se *descança*, lembrando-se de nós, ou *lembra-te de nós, descança*.

Representa-se o mundo, figurando o *principio* e o *fin*, o alpha e o omega, entre os quaes se vê estampado o monogramma de Christo. O globo é timbrado pela cruz da redempção, cujos braços beijam duas pombas, que do Oriente e do Occidente vieram saudar o trophéu sagrado, como divinas mensageiras da paz, *divinae pacis praeo*.

A pomba de Noé passou a ser um dos emblemas mais antigos do Christianismo. Representando o proprio Redemptor, o Espirito Santo, e os Apostolos, ficou a sua imagem sendo ao mesmo tempo o hieroglyphico da simplicidade christã, da innocencia, do pudor, da mansidão, da humildade, da contemplação, da caridade e do amor. Por isso, desde os primeiros seculos se acha estampada nos baptisterios, nos tumulos, e em diversissimos monumentos. A epigraphia, a sigillographia e a glyptica transmittiram á posteridade toda a expressão iconographica da pomba, com que a igreja dos tempos modernos symbolisa o Espirito Santo, e o idealismo poetico a pureza.

Não podia imaginar-se um symbolo mais apropriado á candura de Mannaria, da joven serva de Christo, que apenas viveu nove annos e quatro mezes, descansando em paz no decimo sexto dia das kalendas de abril (17 de março) da era de 532, correspondente ao anno de 494, como diz o seu epitaphio.

N.º 5.



(Est. 12)

Agora que vou reproduzir a inscripção de outro monumento de marmore, achado em sepultura junto á valleta da estrada e quasi em frente da ermida de Santo Antonio, não

ha a lamentar um fallecimento prematuro, como foi o da innocente Mannaria ; mas o de uma septuagenaria, cujo nome não se pôde proferir, porque foi levado por um fragmento que se destacou da pedra em que ficou gravada a sua memoria.

Achou-se este monumento quando se abriu a estrada de Mertola para Beja ; comprou-o um cavalheiro sympathico, muito conhecido e estimado n'esta capital pelas prendas do seu elevado character. Refiro-me ao sr. Domingos Martins Peres, que só não tem por amigo quem o não conhece ; e como sabia que se tratava de colligir os monumentos de Mertola para representarem as antiguidades d'aquella outr'ora celebre cidade n'um futuro museu nacional, logo entendeu, como deveriam entender os monopolistas d'esta tão disseminada riqueza archeologica, que outro mais util destino não podéra ter este e outro padrão epigraphico, que offereceu com a sua costumada generosidade.

Na serie dos monumentos myrtilenses é este o primeiro do sexto seculo. Não se sabe, como disse, o nome da pessoa a quem foi dedicado ; apenas se pôde affirmar que aquella «serva de Deus viveu setenta annos, P (lus) M (inus) pouco mais ou menos e descançou na paz do Senhor no dia antes das kalendas de fevereiro (31 de janeiro) da era de 556», que corresponde ao anno de 518.

A inscripção é assim :

N.º 6.



(Est. 13)

Na ordem chronologica tem aqui logar o monumento immediato, que tambem é de marmore. Foi achado por Manuel de Oliveira junto á sua casa no Rocio do Carmo, e portanto era contiguo aos vestigios do templo que parece ter alli havido. Já estava mettido no muro, partido a martello para melhor se ageitar ás necessidades d'aquella construcção, e d'alli saiu, faltando-lhe um fragmento, que não foi possivel encontrar-se, em que estava designado o mez do fallecimento da pessoa a quem fôra dedicado.

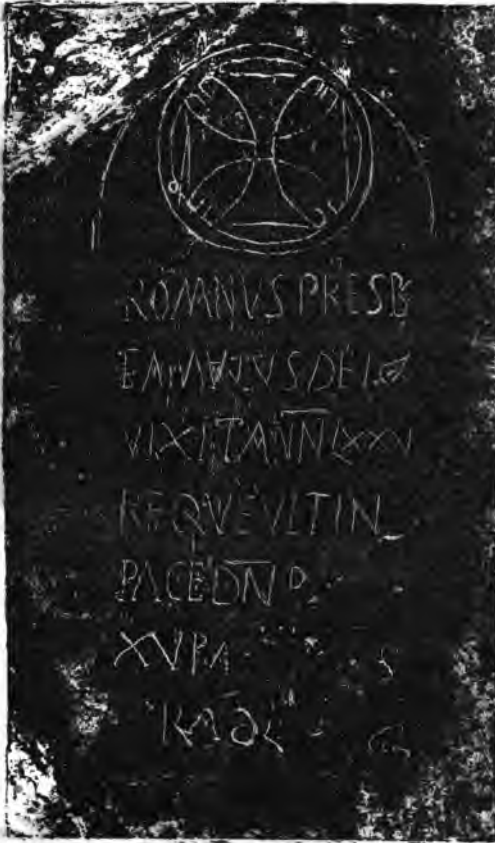
Tem sobre a inscripção um arco aberto, cingido dois circulos concentricos, em que se acha inscripta uma cruz, que figura nos angulos quatro folhas diagonalmente oppositas, de fórma spathulada e fendidas ao meio da aresta superior, resultantes da configuração da cruz.

Veu este padrão epigraphico denunciar mais um presbytero da egreja de Myrtilis, que sobreviveu a Satirio trinta e tres annos, fallecendo com setenta e cinco de idade.

Chamava-se Romano aquelle servo de Deus, que descansou na paz do Senhor aos quinze dias das kalendas (falta o mez) da era 560 (?), correspondente ao anno 522. Tinha pois nascido no anno de 447, talvez já na propria terra em que os seus malaventurados ossos 1429 annos depois vieram parar ás mãos de Manuel de Oliveira, que nada mais quiz do que a pedra que mui piedosamente os tinha resguardado dos proprios sarracenos.

A inscripção está quasi completa, como se vê na estampa seguinte:

N.º 7



(Est. 14)

A seguinte inscripção foi uma das ultimas que Manuel de Oliveira achou no Rocio do Carmo, cobrindo uma sepultura em que havia ossos, e não a partiu, porque aquelle tempo já tinha feito o muro em que mettea as outras. Falta-lhe apenas um fragmento no angulo esquerdo superior, que lhe levou uma parte da primeira letra, que mui claramente se re-

conhece ter sido um A. Esta lamina de marmore teve elle o cuidado de esconder dentro de uma arca antes de eu revisitar o muro, reservando-a para a vender por melhor preço depois de ter obtido pelas mais pequenas tudo quanto lhe foi possivel. O epitaphio é dos mais perceptíveis: «Alandario,

N.º 8.



(Est. 15)

servo de Deus, viveu pouco mais ou menos trinta e oito annos e descansou na paz do Senhor ao terceiro dia das kalendas de junho da era de 604», que corresponde á data de 30 de maio de 566.

A inscrição seguinte foi esculpida em lamina de marmore muito delgada e cobria uma sepultura no Rocio do Carmo. Manuel de Oliveira tirou-a partida, e mettu no muro os pedacos que achou. O muro revistei eu pelo lado da rua e em toda a volta interna do quintal e apenas encontrei um fragmento que reuni a mais dois que já tinha recebido; mas nenhum dos tres se podia ligar ao maior, em que se vê gravada uma cruz semelhante á do monumento n.º 7 de Romanus, nem ao que mostra um resto da palavra HONESTA, (talvez FEMINA HONESTA), que me parece ser um qualificativo da pessoa soterrada, sendo mui provavel que no grosso do muro, se fosse demolido, se achasse o que falta.

Reuni então todos os fragmentos que tinham apparecido e acondicionei-os na caixa n.º 2, em que vinham os monumentos arabes, para não se confundirem com os outros das sepulturas christãs. Chegaram porém á academia de bellas artes, onde se perderam precisamente os tres ultimos que a tanto custo havia adquirido para poder recompor a inscrição. Os que escaparam são insufficientes. Na primeira linha ha vestigios de um I ou L, letra inicial do nome da pessoa sepultada; na segunda, a primeira letra é um F, mui provavelmente a inicial da palavra *Femina*, ou *Famula*, e termina com as letras DNESTA, que dão idéa, como acima disse, de um qualificativo honroso para a memoria do nome e das prendas moraes da pessoa a quem o monumento fôra dedicado. Aos caracteres dispersos pelas outras linhas não posso ligar a minima significação. Se tivesse havido o preciso cuidado de não se confiarem estas cousas a pessoas incompetentes, existiriam ainda os fragmentos que fazem falta agora para ao menos conjecturalmente se restaurar o texto epigraphico d'este monumento, infelizmente reduzido aos poucos vestigios que reproduzo na est. 16.

N.º 9.



(Est. 46)

Do monumento n.º 10 appareceu apenas um fragmento, que mostra ser antiga a destruição que soffreu. Manuel de Oliveira, ao que parece, teve famosos predecessores. Mas este mesmo fragmento é quanto basta para caracterisar um monumento christão dos muitos que existiram no Rocío do Carmo; pois conserva gravada uma pomba beijando o symbolo da cruz, como se vê na est. 17.

O fragmento seguinte, achado tambem no Rocío do Carmo, é imperceptivel; tem apenas os caracteres . . . OLVS

que ao doutor Hübner ocorreu poderem significar os restos do nome (V)OLVS(ianus).

Não permite melhor percepção o seguinte, de igual proveniência, e também de marmore branco como o antecedente, porque só contém vestígios de tres caracteres.

O fragmento n.º 13 pertenceu a uma lapida de marmore

N.º 10.



N.º 11.



N.º 12

N.º 13.

(Est. 17)

azulado muito delgada, achada em excavação no Rocio do Carmo, mostrando porém que a destruição fôra antiga.

Não deixa duvida de que era christão o monumento de

que se destacou, como o persuadem os seus poucos caracteres, pela maior parte incompletos, mas perceptíveis. Na primeira linha d'este fragmento ha restos da palavra REQ(ui)EVIT e na segunda allude ao dia primeiro das nonas de...

A estampa anterior representa este e os tres antecedentes fragmentos.

Tem n'este lugar cabimento a inscripção da lamina de marmore azulado, que inclui com a de n.º 4-A na caixa n.º 4 e que se extraviou na academia real de bellas artes. Felizmente antes de encerrar a pedra desabei a lapis o seu epitaphio, que é interessante para a historia da antiga igreja christã de Myrtilis, porque nos dá a conhecer mais um presby-

N.º 13-A.



AFRANIVS PRB
 DECESSIT IN PA
 CEADN N IHSXPI
 DVIDS FEBR ER
 OCOXLIII
 M B

(Est. 18)

tero e nos mostra que aquella igreja ainda existia poucos annos antes da irrupção arabe. O monumento tinha simplesmente gravada uma cruz sobre a inscripção. «O presbytero Afranio morrea na paz de Nosso Senhor Jesus Christo aos cinco dias dos idos de fevereiro da era de 744 (correspondente a 9 de fevereiro do anno de 706).» Na ultima linha

havia duas siglas, a primeira M e a segunda R ou B. Na primeira hypothese significariam M (embra) R (equiescant), por cobrir aquella campá os restos mortaes do presbytero, e se eram MB, poder-se-iam interpretar M (*emoriae*) B (*onae*), de *boa memoria*.

Confrontada esta data de 706 com a de 462 do monumento n.º 1, vê-se que entre ambas decorreram 244 annos, que é a duração que teve aquelle campo mortuario, deduzida dos monumentos existentes.

Se a igreja Myrtilense pôde manter-se durante o dominio arabe, como outras que foram toleradas por aquella civilização, não será facil saber-se, sem que appareçam provas que abonem esta presumpção, que os documentos historicos parece querem confirmar.

Resta-me fallar de outro monumento achado quasi em frente da ermida de Santo Antonio, junto á valleta do lado opposto da estrada de Mertola para Beja na occasião em que se faziam os desaterros para a execução do traçado d'aquella estrada. É uma lamina de marmore granolamellar cinzento com inscripção gravada em caracteres gregos, que devêra terminar n'um fragmento que inferiormente falta na pedra, podendo conter mais uma ou duas linhas. Diz-se que um trabalhador vendo aquelle marmore com letras de um lado e filetes e caneluras no outro, o guardou e foi vender a um agente da casa do sr. Domingos Martins Peres, e que o tirára de uma das muitas sepulturas que os trabalhos publicos completamente destruíram.

É indubitavelmente christão este monumento, pois lá tem gravada uma cruz no principio da primeira linha. Deve ser do quinto ou sexto seculo, do mesmo modo que os outros seus companheiros n'aquelle campo mortuario, e pertenceria a uma familia grega domiciliada em Myrtis.

Está muito abatida a gravura. A photographia poz porém á vista a fórma paleographica dos seus caracteres, como o mostra a est. seguinte.

Não entendi esta incompleta inscrição; mas o doutor Hübner, com a sua mui festejada competencia em epigra-

N.º 14.



(Est. 19)

phia hellenica, resolveu todas as duvidas, transcrevendo-a em caracteres gregos correntes e interpretando-a. A inscrição em grego barbaro é assim:

ἐθα | κατάκι | τε Ζούσι | μος ἕει | ὃς Πολυ | νίκου ἐρ

Ou em grego corrente:

ἐθα κατάκειται Ζώσιμος υἱὸς Πολυνίκου ἔρ

Agora veja-se a traducção do sabio epigraphista prussiano:

Aqui morreu Zózimo filho de Polynios . . . Unicamente as duas ultimas letras ἐρ (er . . .) ficam sem explicação. Pertencem provavelmente ao latim er(a) . . ., de fórmula que a ultima linha continha a data.

O sabio hellenista, apesar de achal-a escripta em grego bar-
baro, proprio de tal tempo, julga-a comtudo mui interes-
sante como testemunhando o elemento bysantino, de que dão
prova alguns portos de Hispanha e Portugal, até á epocha do
imperador Justiniano, que morreu no anno 565.

Foi este um dos valiosos brindes com que o sr. Domin-
gos Martins Peres engrandeceu a collecção dos monumentos
de Mertola, como ficou indicado no rotulo e no respectivo
catalogo, sendo-lhe por isso devidos muitos agradecimentos.

N'um limitado reconhecimento que emprehendi junto á
valleta da estrada, quasi em frente da ermida de Santo An-
tonio, onde me constou terem sido achados os tres já indi-
cados monumentos, offerecidos pelos srs. Martins Peres e
Alonso Gomes, para examinar o typo e construcção dos ja-
zigos, verifiquei em seis d'estes depositos sepulchraes as se-
guintes circumstancias.

As sepulturas foram abertas por excavação, tendo algu-
mas atacado parcialmente o subsolo da rocha schistosa. Duas
manifestaram revestimento interno de parede delgada, con-
struida de pedra assente em terra amassada. O fundo era
tambem revestido de pedra miuda, cravada em terra molha-
da. Havia outra que tinha perpendicularmente erguida no
topo da cabeceira uma pequena lage delgada de marmore
branco. As primeiras cinco eram quasi perpendiculares ao
rio, apontando para SE. a extremidade inferior.

1.^a Mediu de comprimento 1^m,55, na cabeceira 0^m,40, no
meio 0^m,53, e no topo inferior 0^m,32. Já tinha perdido por
excavação uma parte da sua profundidade, ficando assim re-
duzida a 0^m,30. Continha muitos ossos, mas um tanto desor-
denados, e o craneo inteiramente esmagado. Não se lhe en-
controu objecto algum de arte.

2.^a Achou-se cortada pela valleta da estrada, e apenas
conservava um craneo esmagado, alguns ossos do torax,
uma só clavicula, o humerus do lado esquerdo e algumas
vertebras. O córte da estrada tinha levado todos os outros
ossos.

3.^a e 4.^a Estas duas estavam intactas. Eram excavadas e

internamente guarnecidas de parede de pedra e terra amassada. Continham os esqueletos na sua respectiva posição, estando porém os ossos em adiantada ruína. Os craneos acharam-se cheios de terra, mas fracturados a ponto de caírem os fragmentos logo que eram tocados. Estes dois enterramentos manifestaram terem os cadáveres sido depositados com os braços estendidos, como se fossem de gente pagã, pois as phalanges dos dedos das mãos tinham-se espalhado entre os phemures e os lados dos jazigos, estando n'um rigoroso alinhamento ascendente os cubitus, os radius e os humerus. Os ossos da do lado de SO. eram de menores dimensões; talvez fossem de mulher, ou de pessoa de mediocre estatura. Cada um d'estes jazigos era resguardado por uma cobertura longitudinal de alvenaria, ligeiramente convexa. A 3.^a mediu 1^m,92 de comprimento, 0^m,45 na maior largura, 0^m,37 na extremidade inferior e 0^m,40 de fundura. A 4.^a deu 2^m,02 de comprimento, 0^m,50 e 0^m,35 de largura, e 0^m,43 de profundidade.

5.^a Tinha esta a mesma construcção das antecedentes, mas com cobertura de alvenaria á similhaça de abobada um tanto abatida. Continha os ossos de uma pessoa adulta já muito deteriorados, e aos pés uma defeza de cabra, parecendo intencionalmente ali collocada como objecto de superstição, e por isso foi colligida e depositada na collecção com o n.º 67; o que não deve admirar, sabendo-se quanto são antigas as superstições christãs, pela maior parte transmittidas pelo paganismo, e ainda hoje existentes n'esta capital, onde não é raro ver-se ao pescoço das creanças uma caterva de amuletos, em que se acha o crescente da lua, o signo de Salomão, a bota de azeviche, a figa de coral e um chifresinho da propria materia, de marfim, prata ou ouro, que sobre todos os mais preservativos contra as influencias do astro melancolico, dos feitiços, dos maus olhares e do quebranto, parece ser o mais vigoroso na efficacia da sua salutar virtade, per cujo motivo ainda ahi ha muitas padarias antigas, cocheiras e outros estabelecimentos, preservando-se, não sei se do quebranto, ou se de mal intencionados

olhares, com uma tremenda armadura de carneiro espetada n'uma escapula. Por isso, pois, devem os leitores ser indulgentes, poupando aos seus motejos estas preocupações da antiguidade, lembrando-se que são duplamente reprehensíveis no seculo em que vivemos, e sobretudo n'este centro da civilização nacional, onde as proprias pedras das ruas fazem muitas vezes escorregar os incautos á força de serem demasiado *polidas*.

6.^a Foi esta a ultima sepultura que mandei abrir n'aquelle alinhamento. Tinha sido excavada n'um sentido quasi perpendicular ás outras e orientada entre NNE. e SSO. Não tinha revestimento interno nem cobertura de alvenaria. Os poucos ossos que encerrava, estavam pela maior parte apodrecidos. Mediu 1^m,85 de comprimento, 0^m,38 de largura e 0^m,29 de fundura. E tive de levantar mão d'este trabalho, porque outros sitios exigiam ao mesmo tempo ser observados.

Acima d'estas sepulturas notei vestigios de paredes antigas e um tanque com revestimento interno de cimento romano, medindo 2^m,32 de comprimento, 1^m,01 de largura e 0^m,69 de fundura, estando porém superiormente cortado. Seria talvez uma piscina de banho pertencente a um domicilio particular, e anterior, certamente, ao tempo dos enterramentos n'aquelle campo, porque não é tão provavel que fosse tanque de salga de peixe n'um logar 68 kilometros desviado do oceano, como indubitavelmente foram os muitos que verifiquei em toda a costa meridional do Algarve.

Em mãos de pessoas particulares vi duas moedas de ouro wisigothicas e consta-me que mais algumas têm apparecido em Mertola; mas na occasião em que as observei, não me foi possivel classificar-as, e por isso não posso affirmar se pertencem, como é provavel, ao periodo comprehendido entre as datas dos monumentos.

Parece-me sufficientemente comprovada a existencia do elemento wisigothico em Myrtilis, ficando porém muitas lacunas a preencher, por não ter podido desenvolver um systema geral de exploração, como o estão exigindo tantos e tão preciosos vestigios de grandiosas antiguidades.

IV

EPOCHA ARABE

Causas que trouxeram á Peninsula o dominio arabe.—Duvidas sobre se o castello de Mertola é originariamente arabe.—Trabalhos que fôra mister emprender para se intentar esta averiguação.—Indícios de construcções subterraneas no castello.—A boca do inferno.—A porta falsa.—Varios typos no apparelho revestidor das muralhas.—Columns de marmore e diversas peças de sumptuosas construcções architectonicas, mettidas no grosso e no revestimento das muralhas como material de construcção.—Este mesmo caracteristico na chamada ponte, que antes parece ter sido um caes fortificado.—Presumpção de que este caes não seja primordialmente arabe, mas reconstruido pelos arabes com materiaes bem aparelhados de edificios romanos.—O foral antigo e varios auctores fallando de uma ponte em Mertola.—Fundamentos com que se refuta esta noticia.—A cisterna do castello, sua planta e descripção.—Monumento epigraphico arabe, que existiu junto ao convento de S. Francisco, á direita da Ribeira de Oeiras, e sua interpretação por um academico portuguez.—Noticia e copia de outro monumento epigraphico arabe, achado em Mertola, e agora existente no templo de Diana em Evora.—Fragmento de cornija de marmore branco com restos de uma inscripção de caracteres cúficos em duas linhas, extrahido da torre do castello.—Epitaphio arabe, esculpido em marmore cinzento, extrahido da mesma torre, e sua interpretação.—Fragmentos de vasos ceramicos arabes, achados no castello.—Moedas de prata de módulos quadrados, descobertas na villa.—Testemunho de um geographo arabe do seculo XII, ácerca do castello de Mertola.—Presumpção de que o elemento christão devêra subsistir durante o dominio arabe.

Cessaram as provas monumentaes do elemento christão, porque ainda não foram procuradas no amago da terra, onde devem existir os seus mysteriosos criterios; mas esta falta é parcialmente supprida pelos documentos historicos.

A corôa do imperio wisigothico estava em litigio. Os filhos de Witiza pretendiam arrancar-a da cabeça de Ruderico. Julian, o bispo de Ceuta, mettêra hombros a esta empreza, solicitando o auxilio musulmano, e este *auxilio* não tardou

em vir disputar essa corôa, que a espada de Tarik prostrou na decisiva batalha de Guadálete.

Musa, o emir de Africa, não quizera deixar ao seu general maior gloria que a d'essa batalha, e assim, á frente de um novo exercito, entrou na Hispanha, tomou Sevilha e dirigiu-se para a Lusitania. É n'esta impetuosa jornada que Mertola recebe o dominio mahometano.¹

Haveria já algum castello, que defendesse a cidade? Se os primitivos fundadores, ou pelo menos os romanos, não escolheram aquelle ponto para o cingirem de muralhas, que o abrigassem da investida dos inimigos, que rasões de preferencia teria elle em relação a muitos outros dos que seguem d'alli até á Ribeira do Vascão, para lhe edificarem uma cidade? Teriam porventura tal aptidão agricola os terrenos adjacentes á antiga Myrtilis, que se julgassem superiores aos que acompanham a corrente do rio?

Ninguem o affirmará.

O que talvez se deva presumir, é que se procurou aproveitar n'aquella margem o monte de maior altura, o mais propinquo ao rio e o mais susceptivel de se fortificar, para manter a posse d'esse rio até onde poderia ser sulcado por barcos de grande possança; pois pouco a montante de Mertola toda a navegação é impraticavel.

Aquelle mesmo isolamento de uma cidade, por assim dizer, abandonada á margem de um extenso rio, sem a minima possibilidade de ser promptamente soccorrida, se em si propria não tivesse a precisa defeza, persuade que tão incautos não seriam os seus guerreiros habitadores, guerreiros como todos os povos de taes tempos, que n'ella vivessem expostos ao inopinado assalto das invasões.

Um trabalho, que pozesse á vista as primitivas bases da

¹ Conde, *Hist. de la domin. de los arabes en España*, cap. xiii, pag. 21, 1840: «Llevava Muza en su bueste... y pasó á la Lusitania... Se le entregaron al paso las ciudades de Libla, Ossonoba, Myrtilis, Beja, y outras, e llegou sin dar batalla alguna á la grande ciudad de Merida».

A. Herculano, *Hist. de Port.*, tom. i, pag. 51, ed. de 1846.

fortificação, poderia esclarecer este assumpto, que já deixou duvidas ao mais critico investigador historico dos monumentos nacionaes, quando na sua *Historia de Portugal* notou haver uma triplice construcção no castello de Mertola, como já citei.

Assás curioso seria pois emprehender-se o reconhecimento da primitiva planta do castello arabe, pois talvez fôra largamente retribuido com outras interessantes revelações; mas no estado actual das muralhas, e á simples vista, não me parece cousa facil.

Os antigos portuguezes conservaram em algumas terras o perimetro das muralhas que acharam, restringindo-se apenas ás reparações exigidas pelos estragos do tempo e das guerras, como se verifica em Alvor; n'outros pontos ampliaram-n'as de modo tal, como em Lagos, que só um estudo muito minucioso e privilegiado poderia hoje estremar a obra mahometana da que é posterior; n'outros sitios, como em Cacella, ainda não ha bem um seculo abandonou-se uma grande parte do castello antigo e deturpou-se outra porção, para se construir um forte, que desfigurou, não só a muito gabada fortificação de Hisn-Kastala, como os restos dos elementos romano e wisigothico, que alli pude distinguir n'uma area de notavel grandeza.

Para o reconhecimento archeologico do castello de Mertola não basta proceder-se ao desaterro das muralhas; é preciso atacar as construcções dos planos inferiores e achar as suas respectivas communações. N'este caso está um longo corredor coberto de abobada com uma abertura rente ao solo, a que chamam «bocca do inferno».

Desci a este subterraneo; achei-o muito enthulado mas não tive tempo de o mandar desobstruir. Occorreu-me que tivesse sido um deposito de provisões, ou celleiro, e não posso affirmar se a sua entrada seria pela parte superior, por meio de escada portatil, como devêra ser a das matmoras mouriscas, de que ha famosos typos no castello de Silves, ou se haveria porta em algum dos topos d'aquelle espaço rectangular, que o communicasse com outras casas

inferiores. A extracção dos entulhos poderia esclarecer estas d vidas e mesmo fornecer fragmentos de louças e outros objectos dignos de estudo.

A chamada porta falsa, rematada em arco de volta redonda, tendo nas pedras alguns signaes gravados e entre elles uma chave de f rma um tanto singular, dava sahida para a precipitada encosta do flanco esquerdo da Ribeira de Oeiras. Est  inteiramente entulhada e por isso conviria desobstruirl-a e reconhecer o trajecto d'essa communicac o, que p de ter subido em rampa, como se v  na porta falsa dos castellos de Faro e Castro Marim, ou ligar-se com algumas passagens subterraneas.

Quasi todo o lanço da muralha em que se acha aquella porta   construido com muita perfeic o. Conviria desentulhal-o para se examinar, se n'um plano mais inferior teria a mesma feic o o apparelho do seu revestimento; pois se houve fortificac o anterior   do dominio mahometano, aquella ponto n o podia deixar de ser amuralhado. Compare-se essa cortina com a que parte da quadrella em frente da ermida da Senhora das Neves, que assim se perceber o melhor as notaveis differencas existentes no typo do apparelho revestidor. N'esta ultima abundam ricos materiaes de construc o, incluindo grandes peças quadradas de bem trabalhado granito, reconhecidamente extrahidas de nobres edificios destruidos, e na do lado da porta falsa um apparelho regular de pedra intencionalmente preparada para o seu revestimento.

Quando se entra pela porta principal, numerosos fustes de columnas de marmore se observam mettidos no grosso da muralha, assim como diversos materiaes de bom trabalho antigo, empregados at  uma limitada altura, em que n o parece ter havido reconstruc es; e por isso se p de julgar que os arabes destruissem sumptuosos edificios romanos, ou que das ruinas que d'elles achassem, extrahissem todo aquella magnifico material para com maior promptid o edificarem o seu castello.

A chamada ponte, que mais parece ter sido um extenso caes fortificado de singular aspecto, manifesta ainda em

maior escala o emprego de calcareos compactos de fino trabalho e bellos marmores de grandes dimensões; e é em razão d'este desconcertado aparelho externo, composto de preciosos materiaes visivelmente destacados de edificios romanos, em que não ha um typo de revestimento regular e definitivo, que incluo este notavel edificio na epocha arabe, suppondo que os arabes, quer fossem os auctores d'aquella obra, *a fundamentis*, quer se limitassem a reconstruil-a, ou a repararem os estragos que lhe encontrassem, como fizeram em muitos outros pontos maritimos da peninsula, aproveitariam dos edificios antigos aquellas famosas pedras por já estarem preparadas e não exigirem mais que o trabalho do transporte, semelhantes ás que se observam nas muralhas do castello.

Os romanos, como é sabido, empregaram sempre nas obras hydraulicas dos seus portos um cunho de solidez e de luxo artistico, que não as deixa facilmente confundir senão com aquellas que posteriormente se fizeram pelos seus modelos, e comquanto em algumas d'essas construcções, que poderia citar, não haja o chamado grande aparelho, havia geralmente um outro typo revestidor quasi sempre uniforme, em que não se tem notado, ou pelo menos não era frequente, o aproveitamento de materiaes já servidos n'outras obras senão no grosso dos muros e nos jazigos, como algumas vezes tenho verificado.

É possivel, e até mui provavel, que os arabes já achassem n'aquella cidade um caes, a que aportassem os barcos do seu antigo commercio fluvial, porque não se póde pensar que n'aquelle rio não houvesse navegação antes da irrupção mahometana, quando a propria symbologia marítima das moedas myrtilenses a está manifestando.

O que mais verosimil parece é ter havido alli uma reconstrucção arabe, em que se empregaram, do mesmo modo que nas muralhas do castello, muitos materiaes reconhecidamente extrahidos de diversas obras de arte muito mais antigas.

Se a Myrtilis pagã foi cidade fortificada, como já fica pre-

visto que mui provavelmente o seria em rasão do seu isolamento, e da distancia que a separava das outras cidades, a idéa de um grandioso caes fortificado, como seria o de Mertola, parece inherente á mesma hypothese, tanto mais sabendo-se que desde tempos ainda anteriores ao dominio romano costumavam ser fortificadas não só as cidades como as suas raias maritimas.

Na epocha romana muitos portos chegaram a ser fechados á feição de docas, sendo as suas gigantescas muralhas algumas vezes ornadas de pilastras, robustecidas por espessos contrafortes e guarnecidas de bancadas de pedra. Á entrada tinham geralmente pharoes, torres de defeza, pequenos templos consagrados á deusa protectora dos navegantes e estatuas colossaes.

Os paredões dos caes salientes, ou molhes, eram construidos com a mesma solidez e magnificencia; e cousa notavel é, que na peninsula, onde tudo que se acha destruido se attribue immediatamente aos mouros, muitas obras d'este genero, incluindo pontes e aqueductos, se ainda existem, é porque os mouros as repararam, como ha pouco ainda o affirmou um distincto engenheiro francez, o sr. Alfredo Leger¹, notando que ao passo que na Italia e nas Gallias as grandes obras romanas desapareciam arruinadas pelas mãos dos barbaros, ou se extinguíam á falta de cuidado em meio da anarchia e da indifferença dos homens, absorvidos pelas guerras estrangeiras e intestinas, na Hispanha, os arabes se dedicavam a uma habil reparação dos monumentos da sua conquista: «... les ponts, diz o sr. Leger, étaient reconstruits ou réparés, les aqueducs rétablis; ils (os arabes) dotaient ce pays d'importations toutes nouvelles: pour la première fois, on voyait, par leurs soins, des irrigations entreprises sur une échelle absolument inconnue, alimentées, par de gigantesques barrages élevés au travers des vallées, comme on en retrouve encore dans la province de Valence; toutes

¹ A. Leger, *Les travaux publiques, etc. aux temps des romains*, pag. 326.

les forces productrices du pays étaient développées avec une intelligence admirable. En même temps se fondaient par milliers les palais, les mosquées, les hospices, les écoles, les bains publics, et des merveilles, comme le palais Al-Zehra ou la mosquée de Cordoue. En prenant la place des Arabes, les Maures continuèrent pendant trois siècles la même tradition, en laissant après eux comme témoins de leur génie, l'Alhambra, les Alcazars de Grenade, de Segovie et de Tolède, et la Gyralda de Séville.»

Com relação á chamada ponte de Mertola, muitas são as incertezas em que a critica investigadora tem de laborar. Deixa pensar que seja obra arabe toda aquella parte do revestimento em que se observam marmores e outras pedras de rochas não pertencentes á constituição geologica do valle de Guadiana, e parece ser trabalho mais antigo todo aquelle em que o empedramento foi extrahido dos schistos locais, sem comtudo se poder dizer que foi disposto em ordem de aparelho propriamente romano. Ora, esta mescla permite a presumpção de que estejam alli representadas, pelo menos, duas civilisações distinctas.

E quem sabe quantas mais lá se deixaram assignaladas?

Olhem attentamente os leitores para os monumentos christãos que lhes descrevi no capitulo antecedente, que em toda a collecção não hão de achar uma só inscripção, que não esteja gravada n'uma chapa de marmore já anteriormente servida. Analyse bem essas lapidas, que logo reconhecerão que foram uma a uma desarraigadas das obras grandiosas do decaído imperio, e d'este modo ficarão entendendo que em materia de destruição de monumentos romanos os arabes já acharam aberto o exemplo. Pois assim como para perpetuar a memoria de Donata, de Orania, de Satirio, de Mannaria, de Romanus, de Alandarius, de Afranius, e de tantos outros se arrancaram os marmores polidos dos edificios que os vencidos tinham legado ás gerações vindouras (o que ficou comprovado desde o seculo v), porque não se ha de julgar, a ser primordialmente romano o edificio de Mertola, que os mais antigos reparos d'esse edificio, em que abundam tantas pe-

dras visivelmente destacadas de obras anteriormente sumptuosas, fossem começados por essa raça invasora, que no seu vasto campo mortuario ainda se deixou memorada no principio do oitavo seculo?

É mui provavel, como disse, que os arabes fossem os maiores reconstructores, por isso que as suas muralhas mostram um revestimento semelhante ao do extremo pilar da chamada ponte; mas ainda assim já podiam ter achado algumas reparações com materiaes de obras romanas, de que carecesse aquelle caes, molhe, ou ponte, durante os trezentos annos do dominio germano-gothico em Myrtilis.

A tradição local chama ponte ao edificio a que me refiro e ponte lhe chamam tambem alguns escriptores portuguezes. O documento mais antigo que assim o denomina é o foral que á villa de Mertola foi outorgado em 1254 pelo mestre da ordem de Santiago, D. Paio Peres Corrêa: «Della ponte a suso quem ahy quizer pescar auenhasse com o comendador do lugar.»¹ Isto dizia-se dezeseis annos depois da conquista d'aquelle importante castello.

Brandão² conhecia certamente o foral e alem d'isso algumas noticias teria obtido d'aquelle monumento, porque diz: «ainda ha vestigios de hũa ponte sobre o Goadiana, obra de maravilhosa grandeza». Jorge Cardoso³ emprega quasi as mesmas palavras: «Comtudo ainda ha alguns (vestigios) de hũa celebre ponte sobre o dito rio (Guadiana), obra de maravilhosa grandeza & architectura excellente, manifesto signal do muito caso que os romanos faziam d'esta colonia (aliás municipio)». E d'este modo entendeu Cardoso que a obra era romana. O padre Antonio Carvalho da Costa⁴ copiou Cardoso e Brandão, servindo-se d'estes termos: «Ouve grandes memorias d'esta villa do tempo dos romanos, & ainda durão vestigios de hũa ponte sobre o Guadiana, obra

¹ Arc. Nac., *Liv. dos Mestrados*, fl. 172 v.

² Brandão, *Mon. Lusit.*, liv. xiv, cap. xviii, pag. 143.

³ J. Cardoso, *Agiol. Lusit.*, pag. 206.

⁴ Carvalho da Costa, *Corogr.* II, pag. 508.

de maravilhosa grandeza, etc.». E já se vê que também se inclinou ao conceito de que era romana aquella memoria. Vae porém mais longe que todos os precedentes auctores João Baptista de Castro¹, descrevendo d'este modo uma imaginaria estrada militar de Beja para Mertola, seguindo um trajecto, que não pôde deprehender-se das medidas itinerarias de Antonino e de que o anonymo de Ravenna não deixou noticia: «Depois (de Beja) hía á Villa de Serpa, e d'ahi fazendo caminho pelo adro da freguezia de Santa Iria passava a Mertola, passando pela parte do Sul na ponte sobre o Guadiana, que ainda conserva seis arcos grandes e quatro pequenos; pois os outros os lançaram abaixo os arabes, e por isso a tal ponte não tem serventia. N'ella em tempo do bispo de Portalegre D. Fr. Amador Arraes, ainda existiam umas taes estatuas, de que elle se lembra nos seus Dialogos.» Isto, porém, não é exacto, porque D. Fr. Amador Arraes², embora falle de seis estatuas achadas nos fundamentos da misericordia, não diz que tivessem decorado a ponte. As unicas rasões que poderiam suscitar esta presumpção, seriam a proximidade que ha entre as ruinas da tal ponte e a igreja da misericordia, e o saber-se que as pontes romanas, assim como outras sumptuosas construcções dos seus famigerados portos maritimos, eram ornadas de estatuas, columnas, templos, pharoes, e defendidas por parapetos.

Com effeito, quem olha para aquellas ruinas, e tanto mais com a prevenção proferida por tantos auctores, afigura-se-lhe ver os restos de uma ponte, que partia da muralha para terminar sobre uma saliente penedia na opposta margem, n'um dos pontos em que o rio mais aperta a sua corrente.

Observando, porém, attentamente aquella construcção, pareceu-me que não tivesse sido uma ponte corrida sobre o rio, mas um extenso caes, ou molhe, adherente á muralha e limitado por um reducto fortificado, tendo pouco acima da

¹ J. B. de Castro, *Roteiro terr. de Port.*, pag. 26.

² Arraes, *Dialogos*, cap. vii, fl. 86 v., 1589.

elevação normal das aguas do rio uma porta de arco, em que estão internamente abertas duas cavidades de cada lado, como para ser trancada.

Notei mais, que sendo planos os pés-direitos dos pilares entre si, só o ultimo, onde estava a porta, terminava em curva convexa até ao terrado, que parece ter sido cingido de parapeito da mesma configuração, sem comtudo haver na secção comprehendida entre o arco da porta e a superficie do terrado o minimo indicio apparente de nascimento de arco apontado para a margem fronteira, de que dista 38 metros. Esta circumstancia já deixava presumir que o extremo limite do edificio fôra aquelle.

Além disto, o pilar de base circular não se vê empregado desde a epocha romana até á idade média nas grandes pontes e aqueductos : se algum exemplo se podesse apontar, seria excepção á regra geral n'estas construcções. Na ponte romana de Fréjus é certo que os talhantes eram de fôrma hemicycular, mas os pilares, a que adheriam, tinham a base rectangular.

Medindo o rio 38 metros de largura entre o ultimo pilar e a margem esquerda, para se admittir que o mencionado edificio tivesse sido ponte, e que os arabes destruisssem os outros arcos, como pretende o auctor do *Roteiro terrestre de Portugal*, sem nos dizer quem lhe transmittiu tão particular noticia, ou onde a viu escripta, era indispensavel que esse edificio firmasse uma das suas extremidades na outra margem, para assim não ficar interrompida aquella estrada romana, de Serpa a Mertola, que só o padre João Baptista de Castro conheceu, e tão bem, que até não lhe escapou que passava pelo adro da igreja de Santa Iria, sendo notavel que tal maravilha não fosse revelada por Laymundus, ou por Pedro Alladio a Fr. Bernardo de Brito...

Os arabes de Mertola, segundo affirma o auctor do *Roteiro de Portugal*, destruíram os arcos que faltam, porque aos arabes era costume dos escriptores attribuirem todas as destruições. Esta, porém, se fôra verdadeira, seria de todo o ponto justificada; porquanto, estando situado a poucas horas de jor-

nada o castello de Serpa, tres vezes tomado pelas armas christãs, o de Mertola ficaria por aquelle lado muito exposto ás correrias dos monges-cavalleiros, se não lhes cortassem a passagem no rio. Eram pois tão amestrados na arte de destruir, que para não impedirem a curta navegação que restava a montante do rio, carregaram, não se sabe para onde, com todo o material de uma construcção de 38 metros de comprimento e de grande altura, e com tal perfeição, que os barqueiros de Mertola não dão noticia de obstaculo algum na passagem do alinhamento da ponte. Ora este cuidado, ainda assim tão trabalhoso, teria uma explicação comprehensivel; mas que necessidade levaria os mouros a arrazarem na margem esquerda os vestigios da ponte com tanto esmero, que não ha ver alli um unico signal de edificio antigo? Viria depois a acção erosiva das grandes cheias do Guadiana completar pelo decurso dos seculos a obra da demolição, a ponto de que a 1 metro de profundidade, onde em frente da tal ponte, mandando fazer dois côrtes transversaes e parallellos, não me foi possivel achar nos penedos e no terreno um só fragmento de material de alvenaria, ao passo que as cheias, tendo tantas vezes passado pelos pilares ainda existentes na margem direita e por uma rede de alicerces de varias obras romanas contiguas á raia molhada, ainda deixaram tudo isto em estado de se poder observar?

Discutindo este assumpto com pessoas illustradas e conhecedoras do logar, occorreu-lhes que a ponte poderia ter-se completado em tempos antigos com um só arco, comprehendido entre o pilar de base circular e a margem opposta. Mas para esta hypothese dá-se o mesmo caso de não apparecerem vestigios que auctorisem tal presumpção, e tambem o facto de não serem vulgares em obras de tanta antiguidade, sobre tudo nos rios, os arcos das pontes com tão larga abertura, comquanto se possam citar os dois maiores do viaducto da celebre cidade de Narni sobre o Néra¹, distante 16 leguas a

¹ *Itinerario de Italia*, por G. Vallardi, pag. 271., *Dicc. geogr. de Brouckner*.

NE. de Roma, um com 40^m,15 e outro com 42^m,40 e poucos mais. Estes arcos, porém, eram sempre de rigoroso pleno cimbrío (*arcus hemicyclicus*)¹, e portanto o seu raio, ou frecha, igual á metade da corda medida entre o assentamento nos pilares; o que, applicado á ponte de Mertola, daria em resultado uma elevação de 19 metros sobre o terrado do pilar de base circular, por isso que só d'ahi poderia começar o seu lançamento, vistoque ainda muito acima da porta o revestimento do apparelho é perfeitamente uniforme, sem o minimo indicio de curvatura, ou de recompostura menos antiga. A isto redarguem ainda as opiniões contrarias, presuppondo que o revestimento do pilar, quasi formado de materiaes de edificios romanos, poderia ter sido feito pelos arabes depois de destruirem o grande arco da ponte.

Mas um arco com 19 metros de raio sobre a altura do pilar externo é de todo o ponto inadmissivel, porque em relação á altura da muralha, onde tinha começo o edificio, o centro d'esse arco ganharia uma tão grande elevação, que daria á ponte um aspecto quasi pyramidal, e á viação publica, em cada lado, uma rampa de difficil accesso, e estas deformidades de construcção nem mesmo muito de leve se podem attribuir aos romanos e aos arabes, que tantos documentos deixaram da sua sapiencia architectonica. Á idéa do arco com 38 metros de abertura oppõe-se tambem o curto diametro do pilar indicado; porquanto, se elle sustentava uma das raizes do grande arco, a largura da ponte ficaria fóra de todas as condições de solidez em vista da sua muita extensão.

Abandonando porém a idéa de que o arco fosse de pleno cimbrío (*arcus hemicyclicus*), para lhe preferir um arco abatido (*arcus delumbatus*), que nunca vi exemplificado em obras hydraulicas romanas, perguntarei primeiro que tudo, em que pontes ou aqueductos mesmo, anteriormente ao se-

¹ O pleno cimbrío tambem era empregado em pontes de pilares muito mais proximos, e sirva de exemplo a famosa ponte de Rimini, descripta por André Palladio, cujos tres arcos centraes medem na sua corda 8^m,77.

culo XII, estão verificados estes arcos com 38 metros de corda e principalmente em rios como o Guadiana, cujas máximas enchentes tantas vezes têm coberto os pontos mais culminantes d'aquellas ruínas? O *arcus delumbatus*, tendo tido por base o último pilar da chamada ponte, poderia harmonisar com a altura total do grande edificio, mas seria vigorosamente combatido pela impetuosa passagem das cheias, de que têm sido testemunhas presencias os habitantes d'aquella villa, como anteriormente o seriam todos os povos que alli existiram, para que não lhes possâmos attribuir uma obra de tão arriscada duração.

Poderia ainda imaginar-se o *arco diminuido*, isto é, de um raio menor que metade da sua abertura, de que os romanos também usaram, como era o central da perfeita ponte de Vicenza sobre o Bacchiglione, o qual, tendo 11^m,90 de corda, apenas eleva a sua frecha a 3^m,80. Este mesmo arco, e ainda mais aberto, empregavam os romanos nas pontes mixtas, de madeira sobre pilares de alvenaria com revestimento de grande aparelho, como bem o mostra a columna de Trajano, figurando os arcos da audaciosa ponte do Danubio, na proporção da sexta parte da corda, ou da terça do raio.

Nenhuma d'estas hypotheses acha porém, a meu ver, sufficiente fundamento na disposição das ruínas d'esse outr'ora soberbo edificio de Mertola; mas quando mesmo se pudesse levar á evidencia o que refere João Baptista de Castro, de terem os mouros destruido os outros arcos, e acceitar a presumpção de que o revestimento arabe do último pilar, feito com materiaes romanos, fosse posterior á dita destruição, então a ponte já não existia quando o mestre dos spatharios deu o seu foral a Mertola, e d'este modo mui impropria é a expressão do foral, mandando que se avenham com o commendador do logar os que quizerem pescar a suso da ponte.

Ao passo que o foral de D. Paio nomeia uma ponte em Mertola, o que el-rei D. Manuel reformou em 1512, dizendo ser o de D. Diniz, que em meu conceito nunca existiu, mas apenas a sua confirmação ao que poucos annos antes fôra outorgado pelo mestre dos spatharios, não falla em tal ponte

quando sob a epigrapha de «Coutada do Rio» demarca os limites d'esta coutada, pertencente á ordem, *entre as poutas para cima* (talvez o lugar do ancoradouro das barcas) e o *pégo*.

El-rei D. Manuel, renovando, pois, o foral de D. Diniz ou antes o de D. Paio, confirmado por D. Diniz, o que deixa inteiramente conhecer, é que desde tempos antigos havia entre as duas margens do rio, junto a Mertola, uma carreira de *barca e batel*, obrigada a uns impostos, pagos mui provavelmente á ordem de Santiago, e tão antigos eram, que d'elles apenas havia tradição em 1512; o que fez com que o real outorgante do foral reformado, no capitulo denominado «Passaje da barca», ordenasse aos juizes, almoxarife e officiaes da fiscalisação dos direitos reaes, que, inquirindo os homens antigos, soubessem qual fôra o *preço e contia* que verdadeiramente se pagava desde tempos passados, até á era de 1500, de *passagem e registo da barca e batel*, a fim de que taes impostos se renovassem pela pratica primitiva, tanto *para os vezinhos e comò para os nã vezinhos, assim hyndo o Ryo na madre como fora da madre*.

Ha muitos foraes de D. Diniz com varias datas e entre elles acham-se alguns com a de 1311. Suppondo que fôsse esta a do citado foral de Mertola, ou a da confirmação do de D. Paio, dado aos *pobrades* d'aquella villa em 1254, a conclusão que poderia tirar-se de tudo isto, admittindo que existisse a ponte, a que allude este ultimo foral, é que esta ponte foi destruida durante os cincoenta e sete annos decorridos desde 1254 até 1311, porque se ella existisse entre a data do foral de D. Diniz e a da confirmação feita por el-rei D. Manuel, como explicar o serviço da barca e batel para o transporte de um para o outro lado do rio, tanto das pessoas e animaes, como das mercadorias? E se a ponte existia ao tempo em que D. Paio deu foral á villa de Mertola, como acreditar, que tivesse sido destruida pelos mouros, segundo refere Baptista de Castro? O que todas estas contradicções persuadem, como já se terá percebido, é que a denominação de ponte, que se acha no primeiro foral, seria applicada ao edifi-

cio, de ha muito em ruinas, por chegar até á corrente do rio com duas ordens de arcaria, sustentada a inferior em pilares de agudos talhantes, á feição dos das pontes propriamente ditas, e que bastou o foral antigo chamar-lhe ponte para como tal ser nomeado pelos escriptores modernos, desde Brandão até João Baptista de Castro. Este escriptor, porém, para que não se alterasse o costume de se lançar á conta da barbaridade dos mouros todas as destruições encontradas nos monumentos publicos, logo imaginou que só elles podiam ter dado cabo da ponte de Mertola, cortando-lhe quasi metade!

Os padres portuguezes, a quem as sciencias, as letras, e o mundo inteiro devem serviços valiosissimos, para incuti-rem no espirito nacional a aversão contra a seita mahometana e fazerem realçar a verdadeira religião, não precisavam apresentar como barbaros os arabes que dominaram a peninsula hispanica, porque d'este modo mentiam á consciencia e maculavam a verdade historica; bastaria combaterem a sua errada doutrina, sem comtudo esconderem o elevado grau de civilisação a que chegou aquella gente; nem os conquistadores christãos necessitavam destruir os typicos monumentos d'essa epocha para consolidarem a sua abençoada conquista e darem maior firmeza ao estandarte da cruz, como talvez fizessem em Mertola, quando metteram na construcção da sua torre as lapidas sepulchraes do cemiterio arabe.

O que finalmente me parece, apreciando apenas o que existe, é que o edificio de Mertola, avánçando da muralha para o rio e terminando n'um reducto atravessado por um corredor abobadado, cingido de parapeito e fechado por porta trancada, deve ter satisfeito a diversos destinos. Serviria para proteger a acquisição da agua indispensavel para o consumo da população; para fiscalisar e impedir, quando preciso fosse, a passagem de barcos a montante do rio, para vigiar e repellir qualquer invasão tentada pelo rio ou pela margem opposta; para o embarque, desembarque e despacho dos generos do commercio em transitio fluvial; para au-

xiliar a saída de forças militares e a sua reunião com as que podessem descer da porta-falsa pelo flanco esquerdo da Ribeira de Oeiras no intuito de collocarem os sitiantes entre dois ataques simultaneos, e para em caso extremo facilitar a evasão d'essas forças e dos habitantes do castello.

Serviria portanto de caes, ou molhe fortificado, e em caso de grande necessidade, por meio de pranchas amarradas a algumas barcas, franquearia uma rapida passagem para a margem esquerda, se é que em tempos mais antigos o que falta agora áquelle edificio, para se lhe poder chamar ponte, não foi supprido por uma corredoira de madeira assente sobre estacaria, á feição da ponte de Cesar sobre o Rheno, ou da ponte *Sublicius*, representada na columnna de Antonino; pois eram usadissimas e ficaram memoradas com grande celebridade as pontes de madeira, muitas vezes até improvisadas no decurso de um dia, como se diz ter sido aquella de Cesar, com 500 metros de extensão por 10-metros de largura, para a immediata passagem do seu exercito, cuja construcção é miudamente descripta nos *Commentarios*; e cita-se como idéa altamente extravagante o projecto que teve Marco Terencio Varrão de pretender ligar a Italia á Grecia por uma ponte de madeira do comprimento de 13 a 14 leguas correspondentes ás de 5 kilometros!

Desejei fazer um estudo minucioso nas ruinas da chamada ponte, porque na verdade ficam por expender certas particularidades interessantes, respectivas á forma, á construcção e ás proporções, que só poderia ter examinado levantando a planta e os alçados do que existe, para assim melhor se perceber o que falta; mas não tive occasião de emprehender este trabalho, e por isso as minhas conjecturas, faltando-me esta base fundamental, poderão ainda ser modificadas.

Outro edificio, que julgo ser obra arabe, embora não tenha um tal character de estylo architectonico, que não deixe duvidas, é a cisterna do castello, unico reservatorio de agua de que ha noticia dentro do circuito fortificado e de que certamente não poderiam prescindir os defensores da cidade, ainda mesmo aproveitando, como é de suppor, a agua do rio,

cuja aquisição a fortificação do caes teria por fim muito especial defender e facilitar.

Quando em março de 1877 alli estive, não tive tempo de observar detidamente a cisterna; mas em 1 de janeiro d'este anno (1879) levantei-lhe a planta, passando por aquella villa e bem a meu pesar deixei de investigar, se a montante do caes, entre as ruínas de antigas construcções, que se estendem por toda a baixa do Tamujo, haveria restos de reservatorios para o depuramento das aguas do rio, como é de crer que existissem, se aquella obra é originariamente romana.

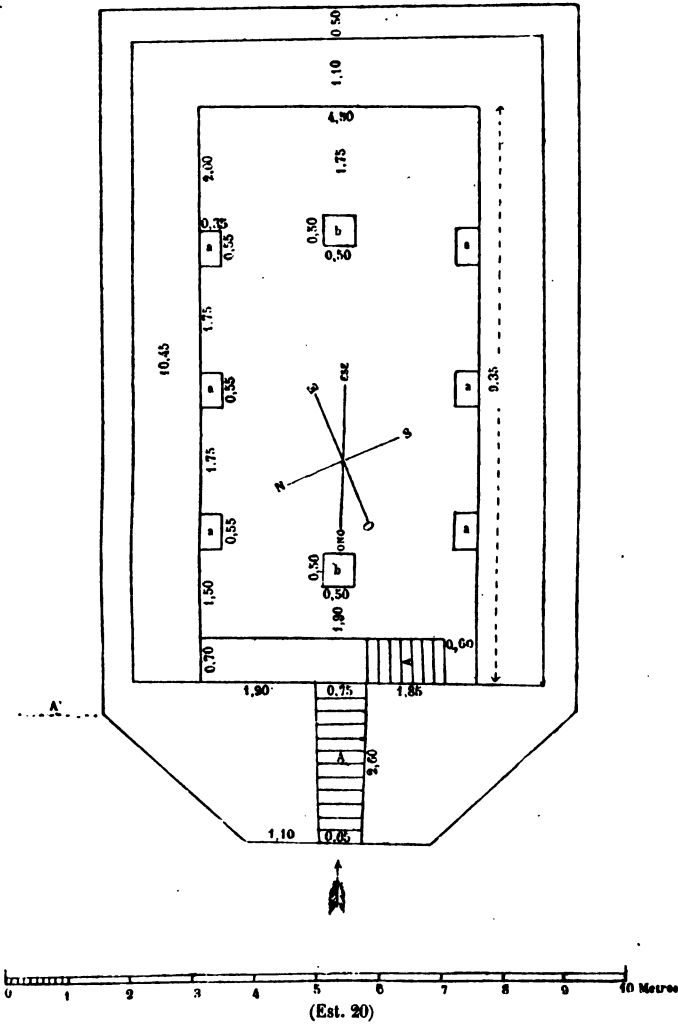
A cisterna é construida n'um espaço subterraneo da profundidade de 4^m,20, tendo 9^m,75 de comprimento e 4^m,50 de largura. O seu plano rectangular é formado por paredes verticaes, revestidas de consistente argamassa, em que comtudo não se verifica a existencia do cimento romano. Não tem os angulos occultos por caneluras concavas ou convexas, como constantemente se encontram nos grandes reservatorios de agua, nos tanques de officinas campestres, nos de salga de peixe, nas piscinas e lavacras de alvenaria, de obra romana. As paredes lateraes são divididas por tres pilastras de angulos rectos com saliencia de 35 centimetros, que lhes servem de contrafortes e sustentam tres arcos paralelos sobre os quaes corre uma abobada proxivamente semicylindrica.

As pilastras acham-se collocadas em distancias desiguaes com intervallos de 1^m,50, 1^m,75 e 2 metros, sendo a sua largura de 55 centimetros. Tem o eixo longitudinal orientado de ONO. a ESE. N'esta primeira orientação foi aberto o seu primeiro lanço de escada com doze degraus; occupa um espaço externo de 2^m,60 de comprimento com entrada da largura de 65 centimetros por porta de arco, donde nasce uma abobada rampante (*fornix declivis*), que o cobre, terminando n'outro arco 10 centimetros mais largo, que communica com o lanço interno de sete degraus até o pavimento, da largura de 70 centimetros, a que o primeiro é perpendicular. Sobre o eixo da abobada ha duas aberturas quadradas de 50 centimetros por lado. Entre a parede da escada interna (se-

gundo lanço) e a linha de prumo lançada da primeira abertura foi medida a distancia de 90 centímetros, desviando-se a segunda da parede do fundo 1^m,75. Estas duas aberturas serviriam para a extracção da agua e ventilação da cisterna, cujo terrado superior era guarnecido de muros. No lado de NNE. ha vestigios de uma escada externa por onde se faria a subida para o terrado, que talvez fosse fechado para melhor se fiscalisar o serviço do consumo da agua. Na planta junta vão cotadas as dimensões principaes. Esta cisterna, tanto externamente como no seu interior, mostra ter tido reparações, parecendo mesmo que uma d'ellas seria a de um reboco geral, e por isso é excellente o seu estado de conservação.

Merecia, pois, que a camara de Mertola, geralmente composta de bons amigos da sua terra natal, a aproveitasse, preparando-a convenientemente para poder receber e manter um grande numero de metros cubicos de agua, que não seria cousa superflua para os habitantes da villa.

Eis-aqui a planta :



A Escada para o interior da cisterna.

A' Escada exterior, já destruída, para o terrado da cisterna.

a Pilastras dos tres arcos paralelos, em que assenta a abobada.

b Aberturas na abobada por onde se extrahia a agua.

De outros edificios, que possam ser attribuidos aos architectos mussulmanos, não achei indicios bem capitulados. Teve-os, e muitos, certamente, e ainda não poucos existiriam por largo tempo depois da conquista portugueza, porque, embora os conquistadores destruisssem as mesquitas, como é provavel, e arrancassem os monumentos funerarios e outros igualmente epigraphicos, de que descobri dois no revestimento da torre que fizeram em 1292, não se ha de suppor que arrasassem todos os edificios, precisando d'elles para sua habitação e para a dos escravos vencidos, enquanto não eram vendidos em hasta publica como animaes brutos e irrationaes ; pois que constituiam uma propriedade da ordem de S. Thiago e de outros senhores, segundo se depreheende do foral de D. Paio, dado aos *pobradores* de Mertola em 1254, quando diz : «De mouro que venderem em mercado hum soldo : de mouro que se remir a dizima : de mouro que taliat com seu dono a dizima».

Mas a conquista christã n'uma e n'outra margem do Guadiana é referida ao anno de 1238, e por isso é notavel que em pouco mais de seis seculos se operasse uma tão radical transformação, ou ainda em muito menos tempo, porque já o bispo de Portalegre, D. Fr. Amador Arraes, tendo visto em Mertola as estatuas achadas nos fundamentos da misericordia, como diz nos seus *Dialogos*, impressos em 1589, não falla de monumento algum arabe, sendo tão minucioso na sua locução.

Alem da causa intencional, que apontei, houve porém outras, em meu entender, que apagaram os typicos vestigios da mui fastosa e elegante architectura mahometana n'aquella antiga e celebre cidade.

Poderá suppor-se que os edificios mouriscos iriam sendo successivamente modificados, a ponto de perderem todo o seu estylo primordial, se é que algum cataclismo não deu em terra com a maior parte d'elles, como supponho ter acontecido á sé de Silves, (talvez pelo grande terremoto de 1370), cujo cruzeiro e capellas terminaes pertencem indubitavelmente a um periodo não anterior a D. João I nem posterior

ao reinado de D. Affonso V, como o estão attestando, contra todas as mais absurdas tradições, os escudos portuguezes lavrados nos florões das suas magestosas abobadas, os quaes só por si deixam perceber que aquella reconstrucção se fez entre os ultimos treze annos de D. Fernando (1370 a 1383) e o reinado de D. Affonso V, certamente antes de serem alteradas por D. João II em 1484 as armas do reino e de ser sepultado na capella-mór em 1495; o que demonstrarei quando descrever os mui complicados característicos d'essa opolenta cidade, que foi capital do principado de Al-faghar, mais rica então e mais sumptuosa do que Lisboa. E não só a sé de Silves, em que quasi toda a gente julga ter preexistido uma mesquita (mas que de arte mahometana não revela um unico lavor) me arraigou a convicção de que foram os terremotos uma das causas poderosas que abateram os maiores monumentos da antiguidade; mostral-o-hei tambem quando me referir, se a vida para tanto me chegar, ás preciosas reliquias da grandeza ossonobense e aos numerosos estabelecimentos maritimos que guarneceram a costa meridional desde Cacella até Sagres, entre os quaes será para este fim especificado o que explorei na margem direita do rio de Portimão, cuja planta pertence á collecção que entreguei com a *Carta Archeologica do Algarve* no ministerio do reino poucos dias depois do meu regresso a esta capital.

Na obra das *Antiquidades Monumentaes do Algarve* darei noticia dos principaes terremotos, a que com muita probabilidade pôde ser attribuida em grande parte a destruição das antigas cidades e monumentos do territorio d'aquella provincia, com preferencia ao presupposto até hoje emitto de terem sido as successivas invasões armadas a causa exclusiva d'essa total destruição. Notarei como facto assás significativo a quèda das columnas e das paredes de alguns edificios das vastas ruinas do Milreu (Ossónoba) n'uma determinada direcção, deixando assim perceber, que uma força superior á de todas as invasões humanas foi que prostrou aquelles famosos edificios, actuando mais poderosamente no sentido dos desabamentos, indicados pela orienta-

ção marcada nas plantas que mandei levantar. Ora, a celebre Ossónoba ainda existia no fim do seculo x com assignado esplendor, como refere Rezende, *De Antq. Lusit.*, pag 180, ed. ebor., citando Rasis (Ar-Rázi), que então a descreveu, chamando-lhe a melhor cidade do mundo: «Civitas inter eadem magnitudine pares de melioribus totius est orbis.»

Depois de Ar-Rázi relatar a grandeza e fertilidade de Ossónoba, reconstruía-se em Sevilha a parte superior do alminar da mesquita dos emires Abbaditas, *por ter sido destruida pelos frequentes terremotos, prolongados no primeiro dia da lua de Rabié*, primeira do anno da hegira 472, correspondente ao de 1080 de Christo, como o testifica a seguinte inscripção, lavrada em caracteres cúficos, que se diz existir no interior da torre da moderna collegiada de S. Salvador, interpretada por D. Pascual de Gayangos, n'um fac-simile do original, enviado á real academia de historia de Madrid pelo academico D. José Maria de Alava, e publicada por ordem da mesma academia no tomo segundo do *Memorial Historico Español*, pag. 396 a 400, sendo ultimamente revista e reproduzida com escrupulosa critica e profundo conhecimento da lingua arabica por D. Rodrigo Amador de los Rios no seu mui precioso livro das *Inscripciones Arabes de Sevilla*, pag. 105, impresso em Madrid em 1875, concebida n'estes termos:

¹ O insigne Gayangos refere este successo a 31 de agosto de 1079, reinando Al-motamed, terceiro rei de Sevilha, da dynastia dos Abbaditas, que subiu ao throno por morte de seu pae Al-motadhed no anno 461 da hegira, e foi desthronado pelos almoravides no de 484.

EN EL NOMBRE DE ALLÁH, EL CLEMENTE, EL MISERICOR-
 DIOSO: LA BENDICION DE ALLÁH [SEA] SOBRE MAHOMA, | SELLO
 DE SUS PROFETAS Y EL MEJOR Y MÁS PERFECTO DE SUS ESCOGI
 DOS, Y SOBRE LOS SUYOS, LOS BUENOS | Y LOS JUSTOS. SALUD
 Y PAZ. MANDÓ AL-MOTAMID-ALAY-L-LÁH¹, AL-MUYYED-
 BI-NASSRI-L-LÁH² ABU-L-CÁSIM MOHÁMMAD-BEN-ABBÁD |
 (PERPETUE ALLÁH SU IMPERIO Y SEÑORÍO, Y CONTINUELE SU
 PODEROSO AUXILIO), | CONSTRUIR LA PARTE SUPERIOR DE ESTE
 ALMINAR. Á FIN DE QUE NO SE INTERRUMPA EL LLAMAMIEN-
 TO | Á LA ORACION, POR HABERSE DESTRUIDO DE RESULTAS DE
 LOS FRECUENTES TERREMOTOS, | PROLONGADOS EN LA NOCHE
 DEL DOMINGO, PRIMER DIA DE LA LUNA DE RABIÉ PRIMERA |
 DEL AÑO CUATROCIENTOS SETENTA Y DOS (1080 J. C.) CONCLU-
 YÓSE [LA OBRA] | CON EL BENEPLÁCITO DE ALLÁH Y SU AUXI-
 LIO, EL ÚLTIMO DIA DE LA LUNA MEMORADA. | PREMIE ALLÁH
 EN EL OBRA TAN MERITORIA, Y DÉLE POR CADA PIEDRA | COLO-
 CADA EN ELLA, UN ALCÁZAR EN EL PARAÍSO PARA SU REGALO Y
 SU MORADA (sustento), | DE LO QUE HIZO ABÚ-IBRÁHIM-BEN-
 AFLÁH, EL MARMOLISTA, BAJO LA INSPECCION DEL JEFE PRINCI-
 PAL DE LOS HABICES³ AHMED-BEN-HIXÉM (PROSPÉRELE ALLAH)⁴.

Esta inscripção já deu que fazer á *santa* inquisiçáo de Sevilha, cujo interprete a *traduziu* do modo mais disparatado e absurdo, como o mostra o sabio Gayangos. Póde ver-se no citado II tomo do *Mem. Hist. Esp.* de pag. 396 a 400.

A respeito do chamamento á oraçáo, linha 10.^a, diz Gayangos: «Los moros no tienen campanas: la convocacion ó llamamiento á lá mezquita se hace por medio de un *muedzen* (en castellano antiguo *almoedano*), que subido en lo alto de una *soma* ó torre, entona una especie de cantinela, volviéndose sucesivamente hácia los cuatro puntos cardinales.» *Mem. Hist. Esp.* II, pag. 397.

As seguintes notas á inscripção são do sr. D. R. A. de los Rios:

¹ *Confiado em Alláh.*

² *El favorecido con la proteccion de Alláh.*

³ Mandas ó rentas piadosas para atender al culto e conservacion de las Mezquitas.

⁴ Insertóla con algunas variantes el sr. Gayangos en el tomo II del *Memorial Historico Español*, pag. 396.

Do muito que em Mertola se poderia ainda apurar, pouco resta já da epocha arabe.

Citarei primeiramente um monumento encontrado junto ao convento de S. Francisco, que a ribeira de Oeiras separa da villa de Mertola. Não sei que destino teve a pedra, cuja inscripção em caracteres cûficos foi transcripta em arabe moderno e traduzida por fr. João de Sousa n'uma memoria publicada entre as do quinto volume de litteratura portugueza pela academia real das sciencias em 1793. Procurei este monumento, rodeando todo o convento e buscando-o nos logares mais proximos; fallei n'elle a varias pessoas antigas da villa e indaguei se teria sido removido para a collecção de D. fr. Manuel do Cenaculo; mas não o achei nem pude obter informação alguma relativamente ao destino que teve; e assim se vão perdendo os mais preciosos padrões das antiguidades do nosso territorio, porque a ignorancia dos que deviam velar pela conservação d'estas cousas, que em todos os paizes do mundo civilizado são apreciadissimas, pelo factó de haver quem as entenda e estime, faz que se olhem com a mais supina indifferença!

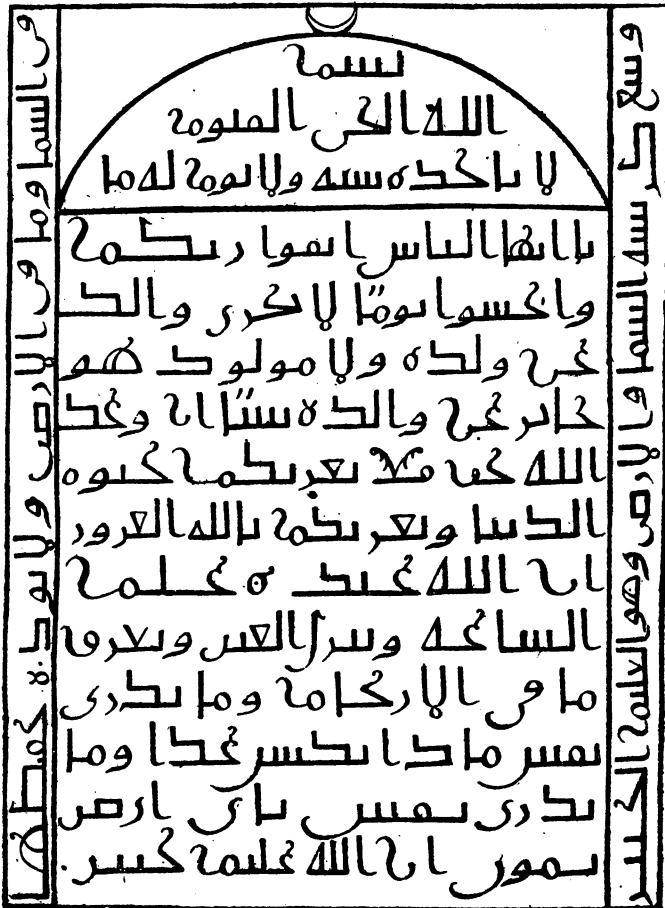
Grande responsabilidade cabe pois aos governos, que deixam perder estas venerandas reliquias das civilizações que estanciam no territorio nacional, reliquias importantes, valiosos e authenticos documentos para a historia critica da nação e typicos testemunhos de epochas ainda deficientemente estudadas e mal conhecidas, de que não ficaram registros nos archivos publicos!

O traductor não descreveu o monumento, nem d'elle deu noticia alguma; incumbiu-se unicamente da sua interpretação epigraphica, e já não fez pouco.

A inscripção original em caracteres cûficos é assim :

Mertola.

Convento de S. Francisco.



(Est. 24)

Mem. da Litt. Port., tom. v, pag. 373.

A transcrição em arabe corrente é d'este modo:

وما في الارض ولا يورثه حفظه وسر الكريمة	بسم الله الحي القيوم لا تاخذه سنة ولا نوم له ما في السموات	السماوات والارض وما بينهما
	يا ايها الناس اتقوه ربكم واخشوا يوماً لا يجزي والد عن ولده ولا مولود هو جاز عن والده شيئا ان وعد الله حق فلا تعرنكم حياة الدنيا ولا يغرنكم بالله الغرور ان الله عنده علم الساعة وينزل الغيث ويعرف ما في الارحام وما تدري نفوس ماذا تكسب غدا وما تدري نفس باي ارض تموت ان الله عليم خبير	

As primeiras tres linhas e as dos lados da pedra, segundo as entendeu fr. João de Sousa, significam o seguinte:

«Em nome de Deus vivo, e permanente; o qual não dormita, nem o acommette a somnolencia. D'elle é tudo o que ha no céu e na terra. O ambito do seu throno occupa os céus, e a terra. Elle é o Sabio, e Magnifico. Alcorão, capitulo-2.º, v. 256».

O resto da mesma lapida contém o que se segue:

«Oh vós homens (os crentes) temei o vosso Deus: e aquelle dia, no qual o pae não paga pelo filho, nem este por seu progenitor. Por certo a promessa de Deus é verdadeira. Não vos engane a vida mundana, nem vos entregueis ás persuasões do tentador (Satanás); pois pretende separar-vos da lei do vosso Deus, o qual só conhece a hora do dia (do Juizo). Elle é que faz cair a chuva, e o que penetra o mais occulto das entranhas. O homem ignora o que poderá lucrar no dia de

âmanhã, nem sabe em que terra será sepultado ; pois só Deus é sabio, e plenamente instruido. Alcorão, capitulo 31, v. 33.»

Poderá suppor-se que esta inscripção pertenceria a um edificio publico, e talvez a uma mesquita, por isso que o seu conteúdo encerra simplesmente dois trechos do Koran.

A villa de Mertola tem sido fecundo manancial de valiosos monumentos, e foi o arcebispo D. fr. Manuel do Cenaculo Villas Boas o primeiro letrado que lhes deu consideração, como grande conhecedor da sua importancia.

O benemerito arcebispo, além de colligir as copias das inscripções romanas, que já deixei reproduzidas, obteve tambem um fragmento de inscripção arabe esculpida em marmore branco, o qual existe hoje no templo de Diana em Evora entre outros monumentos do denominado *Museu Cenaculo*, como se vê no catalogo, sob n.º 46, que em 1869 foi mui habilmente elaborado pelo distinctissimo archeologo o sr. dr. Augusto Philippe Simões, a quem a archeologia peninsular deve serviços da maior importancia.

Por intervenção do ministerio do reino alcancei uma copia desenhada d'essa inscripção, infelizmente mutilada, mas que ainda assim deixa conhecer que pertenceu a um edificio notavel.

Á imitação de algumas das celebres inscripções arabes de Sevilha e de Cordova, e mais particularmente das de Almeria e Toledo, publicadas pelo sr. D. Rodrigo Amador de los Rios, esta de Mertola representa com os seus elegantes caracteres paleographicos monumentaes o ornato de um portico de duas columnas, fechado em arcó de ferradura, de arte genuinamente mahometana, cuja copia é a seguinte :



(Est. 22)

Eis-aqui uma prova da destruição por que passaram os monumentos da *macbora*, ou cemiterio mussulmano de Mir-tolah, e da qualidade e luxo artistico de um dos padrões epi-graphicos d'esse campo mortuario, a que pertenceu igualmente outro monumento, que extrahi do revestimento da torre, que o mestre dos spatharios, D. João Fernandes, mandou fazer em 1292.

Seriam os terremotos, anteriores ao fim do seculo XIII, que despedaçaram as lapidas funerarias d'aquella população mahometana, ou os conquistadores portuguezes, que fossem mui intencionalmente buscar esses marmores para com elles fazerem crescer os trabalhos da reparação das muralhas, temendo a investida das forças militares de Al-faghar (Algarve), ou alguma expedição de Sevilha, que atravessasse o

Rio Tinto, o Odiel e a serra de Arache, para cair sobre o seu castello? Nada se pôde affirmar; mas, n'este caso, as suspeitas parecem querer apontar os monges-cavalleiros como profanadores das cinzas mussulmanas.

Desde a data de 1238, em que foi tomado o castello, até á da eleição de D. Pero Estaço em 1316, ultimo grão mestre que governou em Mertola e que d'ali transferiu o convento para Alcacer, decorreram setenta e oito annos. A torre foi feita, como fica dito, em 1292, isto é, cincoenta e dois annos depois da posse do castello. D'entre as pedras do apparelho revestidor da torre extrahi eu um monumento funerario arabe, assim como um fragmento de outro, que não parece funerario, de que adiante fallarei. A deslocação e destruição dos monumentos arabes deixam assim presumir que se fizesse no indicado periodo comprehendido entre 1238 e 1316, começado pelo governo do commendador Gonçalo Peres e acabado no do grão mestre D. Pero Estaço, meu ascendente, que Gaspar Estaço¹ julga ser neto de outro D. Pero Estaço, rico-homem, que assistiu com el-rei D. Affonso III á conquista de Faro.

Ora o monumento que esteve junto do convento de S. Francisco, traduzido por fr. João de Sousa, foi sem duvida deslocado e para ali transportado, talvez pelos frades, porque n'aquelle ponto, já longe do circuito fortificado, não é de crer que os arabes fossem erigir edificios, que não podiam guardar e defender. Não succede outro tanto com relação ao fragmento existente no templo de Diana em Evora com o n.º 46, porque, não se sabendo em que logar e condições archeologicas se achou, mal se pôde julgar se seria intencionalmente deslocado e partido, para que o seu apparatuso lavor artistico não mantivesse em memoria o povo infiel e odiado. O que se sabe é que era um precioso monumento de

¹ Gaspar Estaço, *Trat. da Linhag. dos Estaços*, pag. 30 a 32 (Var. Antig. de Port.) com as citações de Duarte Nunes de Leão, de Fernão Lopes, Jeronymo Romano, João de Mariana, etc.

aprimorado trabalho, e tão elegante no seu typo epigraphico como os mais bellos da mesma região.

D. Rodrigo Amador de los Rios viu um desenho d'este fragmento e ácerca d'elle escreveu duas cartas no volume vi da *Revista de Archivos, Bibliothecas y Museos*, publicado em Madrid em 1876, a primeira a pag. 332 e a segunda a pag. 349. Este distincto epigraphista foi achar na collecção do seu amigo e confrade D. José de Medina, residente nas proximidades de Almeria, uma inscriçãõ arabe sepulchral, que só differe da de Mertola em ser dedicada á memoria de outro individuo, e é a que primeiramente publicou sob n.º xiv na estampa II da sua monographia, inserta a pag. 138 do VII volume do *Museo Español de Antigüedades*, intitulada *Lápidas arabigas existentes en el museo arqueológico nacional y en la real academia de la historia*, obra que eu já conhecia havia muito tempo. O fragmento de Mertola é um tanto semelhante, na fórma ornamental, ao monumento n.º VIII, desenhado na estampa II da citada publicação, colligido em Cordova pelo sr. Villaceballos, e ultimamente reproduzida pelo sr. Amador de los Rios no seu famoso livro das *Inscripciones Árabes de Cordoba*, pag. 314 a 318, publicado ha poucos mezes em Madrid.

Com a devida venia transcrevo pois da referida *Revista* (pag. 350) a leitura e a restituição do que falta na inscriçãõ de Mertola, que em caracteres arabes correntes é assim:

C

كفروا وجاعل الذين اتبعوك

A

بسم الله الرحمن الرحيم
صلى الله على محمد وآله

B

يا ايها
الناس ان وعد الله
حق فلا يغيرتكم الحياة
الدنيا ولا تغرتكم بها...
[لله الغرور ان الله عنده
[علم السامة وينزل الغيث
[ويعلم ما في الارحام وما تد...
...ري نفس ما ذا تكسب عد...
...[ما تدري نفس باي ارض
تهوت ان الله مليم خبير
هذا قبر.....
.....
.....
.....

C

فوفرو الذين
كفروا وال
يوم القيامة ثم الى
مرجعكم فانكم...

O ilustrado interprete declara pertencer este monumento de caracteres cûficos ao seculo vi da hegira, correspondente ao xii de Jesus Christo, durante o governo dos Abbaditas. A traducção do fragmento vae marcada entre linhas, e assim a transcripção, comprehendendo o que resta da orla, ou *arrabâ* da esquerda.

A

En el nombre de Alláh el Clemente el Misericordioso :
la bendicion de Alláh (sea) sobre Mahoma y los suyos.

B

¡ Oh vosotros

hombres! (Creed) que las promesas de Alláh (són) ciertas, y no os dejeis arrastrar por los placeres del mundo, ni os apartéis de A...

... (llá)h por los engaños (de la carne)! Porque ciertamente en Alláh (está el cono)cimiento de la hora (de la muerte) y envió la lluvia; y (sa)be lo que (se oculta) en las entrañas (de los hombres) y no sa...
...be nadie lo que alcanzará mañana,
ni en qué logar de la tierra

morirá: que Alláh es sábio, conocedor de todo ¹.

Esto (es) el sepulcro de.....
.....
.....
.....

C

.....
.....
..... no creen y coloca á aquellos que te sigan

C''

sobre los que— no creen, hasta el dia de la resurreccion. Despues a mi —vendreis y conoceré ... etc. ².

O fragmento de Mertola não deixa pois conhecer o nome da pessoa a quem foi dedicado o monumento, nem a data em que falleceu, mas pertence ao seculo XII, como fica dito; e como do fim da seculo XII até á data da conquista christã vão apenas trinta e oito annos, è mui provavel que só depois da conquista fosse despedaçado.

Como já disse, descobri no revestimento da torre dois monumentos arabes com inscripções, que durante seculos esca-

¹ Korán, sura xxxi, aleyas 33 y 34.— Do traductor.

² Id., sura III, aleya 48. Esta aleya se expresa en estes terminos: « Despues dijo Alláh: Oh Jesus! lo soy quien te dá la muerte, quien te eleva hasta mi, te libra de los que no creen y coloca a los que te sigan sobre aquellos que no creen, hasta el dia del juicio final. Despues á mi vendreis y conoceré entre vosotros lo que hay de diferencias ». Do traductor.

param á observação dos visitantes; um estava sobre a porta e o outro no lado de NE., e ambos aproveitados como materiaes de construcção. A torre é obra portugueza do anno de 1292, construida cincoenta e quatro annos depois da conquista de Mertola, e portanto bem conhecidos ficam os auctores da destruição dos monumentos arabes em que existiram aquellas inscripções. E estes e tantos outros vandalismos commetteram aquelles heroes, cujos chronistas não fallavam da gente mahometana sem a preceder do epitheto de barbara!

Transcreverei primeiro o que estava sobre a porta, lavrado n'um fragmento de cornija de marmore branco, o qual mandei extrahir, por não ser monumento documental, como o que lá deixei com a data da fundação e o nome do fundador d'aquella torre. Pertenceu indubitavelmente a um edificio, que o fanatismo religioso da epocha condemnaria ao arrazamento, sendo notavel que então se consentisse que tal inscripção, em que mui provavelmente seria invocado o nome do propheta, fosse collocada sobre a entrada d'aquella torre, mandada construir pelo primeiro mestre dos spatharios logo depois da sua independencia de Castella.

Este fragmento, que depositei na collecção dos monumentos de Mertola sob n.º 82, mostra conter o acabamento das duas linhas de que constava a inscripção, cujo começo de-vera estar n'outra pedra de que não ha noticia:

Os estragos da primeira linha não faltará quem os attribua ao camartello de algum dos piedosos destruidores dos monumentos arabes, pois mostram ser bastante antigos.

A inscripção parece ter sido esculpida na cornija de um monumento, como a que guarnece o arco do Mihrab da destruida mesquita de Tarragona, conservado no claustro da cathedral, referida ao anno 960 da nossa era, a qual se pôde observar na estampa junto á pagina 471, tomo III, do *Museo Español de antigüedades*.

A estampa seguinte representa o que está visível na pedra.

O sr. D. Rodrigo Amador de los Rios conforma-se com a minha idéa, de que este bello fragmento de cornija possa ter pertencido a um edificio religioso, e talvez a um mihrab, como o da mesquita de Cordova, contendo as primeiras palavras da aleya 27 da sura xxxvi do Koran:

و ما انزلنا على قومه من بعده من.....

«Y no enviamos contra su pueblo despues.....»

O illustre arabista julga poder referir-se este monumento, em vista dos seus caracteres cúficos, á epocha dos Abbadi-tas de Sevilha.



(Est. 23)

O monumento que estava encravado no revestimento do lado de nordeste é de marmore granolamellar cinzento. É completo e fôra collocado com as letras deitadas. Daria assim melhor geito ao artifice que, sem saber o que fazia, lhe perpetuou a memoria.

O sr. A. Erman, de Berlim, viu uma estampa d'esta inscripção, que na verdade não podera permittir-lhe uma leitura corrente e segura, porque a propria pedra tem alguns estragos, que só estando á vista poderiam ser bem suppridos por um habil arabista. Ainda assim muito adiantou o sr. Erman emprehendendo a transcripção e a interpretação em allemão, pois pouco differe da que ultimamente me enviou o sr. Amador de los Rios, que já a tinha publicado no tomo ix, pag. 333 do *Museo Español de Antigüedades* depois de ter visto o monumento na academia de bellas artes de Lisboa, e que n'esta occasião reproduz com ligeiras correccões, pela confrontação das novas provas que lhe remetti.

A estampagem photographica deu o seguinte resultado:

MERTOLA



(Est. 24)

O monumento é funerario, e corresponde a sua data (598 da hegira) ao anno de 1202, que vem a ser trinta e seis annos antes da conquista de Mertola.

A transcripção do sr. Amador de los Rios é esta:

بِسْمِ اللّٰهِ الرَّحْمٰنِ الرَّحِیْمِ
 صلی اللہ علی محمد وآلہ
 ہذا قبر الشیخ ابی.....
 یحیی بن عبد اللہ ابن
 الجوّاری ، توفی رجبہ
 اللہ ونصر وجہہ
 یوم.....
 ذی حجّۃ ثمان و
 تسعین وخمس مایسہ
 الی هذا کان مماتہ

 وحرس..... اللہ
 علی الامم اجمعین

A traducção é assim:

*En el nombre de Alláh, el Clemente, el Misericordioso
 La bendicion de Alláh sea sobre Mahoma y los suyos.
 Este es le sepulcro del Xequé Abú.....
 Iahya-ben-Abdu-l-láh ebn-
 Al-Chaguary¹. Murió (compadézcase de él
 Alláh y le proteja en su presencia)
 el día.....
 de Dzu-l-Hicháh (del año) ocho y
 noventa y quinientos (598 H.—1202 J. C.)
 Bajo esta (declaracion) ocurrió su muerte

 y bendiyo..... Alláh
 sobre el pueblo todo.*

¹ El labrador.

Nota do traductor.

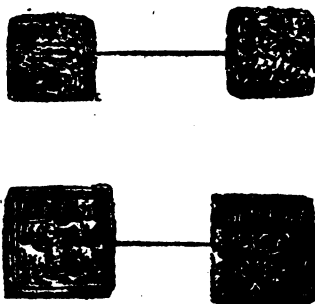
Ácerca da importancia d'esta lapida expende o sr. de los Ríos as seguintes considerações:

«Ofrece la lápida interés muy subido, no por el contexto de su inscripcion (la cual di al público en el *Museo Español de Antigüedades*, tomo ix, pag. 333) sino por corresponder, epigráficamente considerada, á una época de transicion, en la cual perdiéndose la tradicion de la escritura cúfica, que subsiste durante la dominacion de los almoravides y parte de la de los almohades, pone de relieve el canimo que hizo la escritura cursiva ó nerji ó mogrebina, para llegar en la Peninsula al grado de perfeccion que revelan los epigrafs granadinos de este género; la lápida de Mértola dá razon de la lucha entablada entre la tradicion cúfica y el nuevo método ó forma de escritura importado del Africa por las gentes de Abd-el-Mumen; y como Vd., mejor que yo, sabe que no se traduce en hechos innovacion alguna que no tenga su necesaria correspondencia ó, más propiamente, su origen en la vida de los pueblos, de aquí se deduce que el momento de labrarse esa lápida sepulcral, era momento de lucha social entre los elementos establecidos ya en la Peninsula desde la invasion de 711 y sucesivas inmigraciones, y los nuevos elementos étnicos aportados por los almohades.»

Ficam assim registrados os quatro mencionados monumentos epigraphicos arabes, outr'ora existentes no castello de Mertola.

Citarei agora, entre as muitas moedas da mesma epocha, alli achadas, duas de prata de módulo quadrado, que mé foram offerecidas pelo sr. Mendonça, proprietario n'aquella villa, as quaes são similhantes ás de Almodovar, batidas no seculo xii e descriptas por fr. José de Santo Antonio Moura nas *Memorias da academia real das sciencias de Lisboa*, no anno de 1800. Podem ser observadas estas moedas na caixa n.º 7, sob n.ºs 9 e 10, da collecção dos monumentos de Mertola.

Eis-aqui a sua estampagem:



(Est. 25)

As transcripções e traducções já ficaram na pag. 39 e por isso não as reproduzo aqui.

A ceramica arabe tambem deixou ver um limitado numero de fragmentos, envoltos nos entulhos do castello, dois dos quaes representam vasos de grandes dimensões com trabalho ornamental. Elles ahi ficam na caixa n.º 6 da collecção, com os n.ºs 84 a 88, assim como outros sem ornato, que de-claro incluir n'este grupo com bastante reserva, pois todos sabem quão arriscada é a classificação das louças lisas, e para peor achadas em logares onde ha caracteristicos de diversas epochas.

Eis-aqui a estampa. Não saiu como desejava, e por isso melhor será, havendo duvidas, recorrer-se ao estudo directo dos originaes.



(Est. 26)

O estudo da ceramica peninsular antiga, tanto mais do v ao xii seculo, é um dos mais atrazados.

Só os grandes monumentos ceramographicos de arte mahometana têm attrahido quasi exclusivamente a attenção dos sabios. Todos mais ou menos fallam da famosa jarra da Alhambra, mas deixam em esquecimento as louças que deveriam ser communs nos usos da vida domestica, que são, a meu ver, as que mais conviria colligir todas as vezes que os seus proprios fragmentos se manifestassem em condições propicias ao estudo, porque é do seu conjuncto que deve deduzir-se o typo artistico vulgar; o que infelizmente não se tem podido fazer em Portugal por falta de explorações, de

museus bem organizados, e mesmo de especialistas n'este ramo tão variado e difficil da sciencia archeologica.

Com relação á epocha do dominio mussulmano nada mais pude verificar n'aquella villa, propinqua ao rio Guadiana «*ad quod iacet castellum Myrtili munimine atque fortitudine celeberrimum*»¹, como ainda no seculo XII lhe chamava Edrisi na sua geographia.

E assim jazem quasi totalmente extinctos os vestigios de um povo guerreiro dos mais civilizados que dominaram a peninsula hispanica, onde a sua illustração instituiu notaveis escolas, o seu genio primorosamente artistico levantou soberbos monumentos, e onde a sua reconhecida tolerancia, quasi sempre mal interpretada, permittiu aos vencidos a conservação dos seus templos, o seu numeroso clero e o seu culto religioso.

Não é porém sabido se o elemento christão, mui provavelmente radicado em Myrtilis desde o seculo V, pelo menos, e ainda subsistente oito annos antes de Abi-Abderrahman-Musa-ben-Nosair tomar esta cidade foi aniquilado, se esmoreceu sob o predominio do koran, ou se proseguiu alumiado pela luz da fé e consentido pela tolerancia dos vencedores.

«Os hispanos-godos, diz o grande historiador Alexandre Herculano, subditos dos principes sarracenos, tinham conservado entre si as jerarchias sociaes, as riquezas, a liberdade de culto, e por isso um clero numeroso. No seculo IX, accrescenta o insigne historiador, o arabe era a lingua culta dos vencidos, não sendo os ecclesiasticos os menos peritos n'aquelle idioma, ao passo que rarissimas pessoas escreviam o latim de modo toleravel. A imitação dos costumes sarracenos chegára ao ponto de ser vulgar a circumcisão entre os mosarabes no seculo X. Que duvida póde haver, portanto, em admittir a hypothese de que muitos christãos adoptassem nomes arabicos; tanto mais que é indisputavel a existencia dos matrimonios mixtos, e que os filhos nascidos d'estas

¹ Geogr. Nubiensis, trad. do arabe, por Sionita e Hesronita, pag. 455, 4629.

uniões, sarracenos em tudo, só conservassem da antiga nacionalidade hispanhola a fê christã? ¹»

«Os arabes respeitaram na sociedade dos vencidos tudo o que não repugnava ao estabelecimento do proprio dominio ². Como já vimos, prosegue o sabio historiador ³, pelos territorios sujeitos aos sarracenos a indole da sociedade wisigothica sobrevivera á conquista em tudo o que era compativel com a nova situação politica da peninsula: a ingenuidade e a servidão, a nobreza e a inferioridade de casta, os direitos e os deveres que entre os individuos resultavam da organização da propriedade e da familia, tudo ficára subsistindo sob o governo arabe. O que se alterou fôra a contribuição e varias outras relações de direito publico.»

Os monumentos christãos até agora descobertos nos terrenos de Mertola não ultrapassam porém o começo do seculo viii, e por isso não podem ser invocados para a solução d'este problematico assumpto.

¹ *Historia de Portugal*, III, pag. 198 e 199.

² *Ibid.*, pag. 270.

Ibid., pag. 274.

EPOCHA PORTUGUEZA

Fundamentada presumpção de que o elemento christão se haja mantido em Mertola durante o dominio mahometano. — Facto que até certo ponto parece contrariar este presuppsto. — Falta de monumentos que esclareçam este assumpto. — Noticia, que carece de um rigoroso exame archeologico, de que as ermidas de S. Barão, S. Brisso e Santa Barbara, fóra da villa, já existiam em tempo dos godos e subsistiram no dos musulmanos. — Conquista de Mertola por D. Sancho II. — Amplos limites com que este castello foi doado á ordem de S. Thiago. — Condição que esta doação impõe á ordem para fundar em Mertola o seu convento. — Ignora-se, mas presume-se, em que tempo foi fundado. — Vestigios que a tradição local assignala ao convento e á igreja da ordem. — Foral de Mertola outorgado por D. Paio Peres Corroia. — Fundador e data da fundação da torre do castello. — Inscriptão que lhe serve de documento historico. — Mestres da milicia equestre que no castello de Mertola governaram a ordem. — Transferencia dos spatharios para Alcaçer do Sal. — Padrão heraldico da torre. — A actual igreja matriz; seu rapido exame; fundamentos com que se póde julgar ter sido edificada no mesmo tempo em que foi a torre para ser a igreja da ordem. — Reconstruções parciaes e reparos nas muralhas, que podem attribuir-se aos conquistadores portuguezes e aos seus successores. — Indicios de terem sido destruidos os monumentos arabes pelos conquistadores. — Moedas portuguezas do tempo da conquista, achadas em Mertola.

As normas do regimen politico, civil e religioso da sociedade arabe persuadem que o culto christão sobreviveu aos triumphos da conquista mahometana e que o presbyterio da Myrtilis romano-wisigothica não abateu as galas e alegrias da sua antiga pompa. Cessam porém as manifestações monumentaes d'esse templo, e de outros, talvez, como, no dizer de Jorge Cardoso¹, seriam as ermidas de S. Barão, S. Brisso e Santa Barbara, fóra da villa, que proclama já existen-

¹ *Agiologio lusitano*, pag. 207. Comm. ao xvii de março.

tes em tempo dos godos e dos arabes, assim como a igreja de S. Salvador, onde affirma haver uma cisterna em que os mouros lançaram S. Barão com outros dois companheiros, governando o conde D. Henrique; e pretende finalmente, que na ermida de Santa Barbara, noventa e nove annos antes da conquista de Mertola, repartira D. Affonso Henriques os despojos da victoria de Ourique. Eu porém não confirmo nem nego a antiguidade de taes templos, porque não chegou até elles o meu estudo.

Havendo pois as melhores presumpções em abono do proseguimento do culto christão na Mirtolah mahometana, não se ha de julgar que os seus symbolicos monumentos, ao menos os funerarios, não continuassem a cobrir aquelle solo, que tão diversos despojos humanos tem consumido.

O arabe seria já no seculo ix a lingua culta dos proprios ecclesiasticos, mas no rito religioso e na epigraphia lapidar não é de crer que a empregassem em substituição da sua rustica latinidade, embora nas cousas da vida social uma quasi completa assimilação fosse um facto consummado entre vencedores e vencidos.

Eis-aqui quando cresce de ponto a anciedade de revolver aquelles informes amontoamentos de entulhos, que alteraram o solo do castello de Mertola, para ahi se buscarem, como unico archivo possivel, as provas que a historia está reclamando para a solução d'este e de outros dificeis problemas.

O facto de se ter vulgarisado já no seculo x a circumcisão entre os mosarabes, que pela união do sangue das duas raças pareciam totalmente querer fundir-se na sarracena, deixa perceber que minguaria um tanto n'aquelle gremio christão, que da propria lingua adoptiva se tinha esquecido, a mesma pureza de culto que anteriormente sustentára com acrisolado fervor; mas apesar de todos estes desvios, não se pôde concluir que a fé propriamente dita se extinguisse n'aquelles corações, que a tinham recebido, como herança inalienavel, pelo sangue, pela patria, pela tradição; que fôra alimentada no regaço materno, nos usos, nas praticas e costu-

mes da vida íntima, e fortalecida pela lição dos livros sagrados, pelo preceito e pela oração.

Entre os degenerados haveria certamente quem mantivesse arraigadas as antigas crenças, porque este facto foi constante, atravessou as epochas da mais dolorosa perseguição, os dias mais luctuosos, as horas mais acerbas, enchendo de martyres as cryptas e as catacumbas, e a indole que era verdadeiramente christã ficou sempre triumphante. Não se apagou de todo, creio eu, o sentimento religioso, que os proprios inimigos não trataram de extinguir. Ao sopro das tempestades crestaram-se as boninas do prado, escadearam-se os arbustos, e agitou-se a rama da oliveira, mas esta arvore bemdita não caiu, porque ainda estava reservada para ser, mais uma vez, e para sempre, o emblema da paz.

Tardaram porém os mensageiros, mas chegaram. O esforçado rei D. Sancho II tinha traçado um largo plano de conquistas, e estas não lhe falharam. Haviam ellas começado rapidamente em 1238, refere o illustre historiador Alexandre Herculano¹, por uma e outra margem do Guadiana até às praias do mar oceano, caindo successivamente em poder do monarcha christão os castellos de Mertola, Alfajar de Pena e Ayamonte. O celebre e antigo castello de Mertola, prosegue o historiador, limitava o seu dominio ao noroeste e norte pelas ribeiras Cobres e Terges, ia entestar pelo nascente e sueste com os de Serpa, Alfajar e Ayamonte; e assim foi no anno seguinte doado a ordem de S. Thiago com o encargo de o defender e de estabelecer n'elle o seu convento, como logar mais proximo das novas fronteiras.

Aqui está pois a data da restauração christã em Mertola no anno 1238 e logo pouco depois a da doação do castello á milicia de S. Thiago em janeiro de 1239, então governada em Portugal pelo commendador mór Gonçalo Peres, e com a já dita clausula, de que os spatharios em Mertola *debent ibi tenere conventum suum*.

Fundariam logo os spatharios o seu convento?

¹ *Historia de Portugal*, tomo II, pag. 364.

Em 1758 dizia o prior de Mertola, doutor Bento José Sevilha de Leiria¹, que d'aquelle convento ainda havia vestigios dentro do castello. Eu apenas observei signaes de construcções que encostavam á muralha, a partir da torre no sentido da cisterna; mas nenhuma rasão encontro para affirmar que fossem do convento dos spatharios, porque tambem poderiam ser de quarteis, ou de quaesquer outras habitações internas. Entretanto, é possivel que cento e vinte annos antes esses vestigios se podessem ainda reconhecer. O que não se sabe ao certo é a data de tal fundação; é porém mui provavel que Gonçalo Peres, chefe da milicia equestre de S. Thiago em Portugal, fosse o seu instituidor, e talvez no intervallo que mediou entre a data da doação (1239) e a de 1246, em que apparece em Lisboa assistindo á entrada do conde de Bolonha, para o auxiliar na empreza da desthronação de D. Sancho II, a quem devêra as doações que haviam engrandecido a ordem, e finalmente com os monges-cavalleiros de Mertola, acompanhando na primavera de 1249 D. Affonso III na conquista geral do Algarve.

Em 1254 (era de 1292) o mestre D. Paio Peres Correia deu foral a Mertola, organisando pelo de Evora o seu municipio e applicando ao commercio pela foz do Guadiana os costumes maritimos de Lisboa², e tendo assim decorrido quatorze annos contados da data da doação, é mui provavel que a ordem já tivesse construido o convento e a igreja.

A igreja diz a tradição local que encostava á torre, e com effeito, no lado de sudoeste ha indicios de ter adherido um edificio que fôra coberto de abobada. Mas a torre mandou fazer D. João Fernandes, primeiro mestre da ordem em Portugal em 1292 (era de 1330), e para que não haja duvida, eis-aqui a sua inscripção collocada sobre a porta :

¹ *Diccionario geographico*, Ms. verb. *Mertola*. Archivo nacional.

² A. Herculano, *Historia de Portugal*, tomo III, pag. 39.



E(st. 27)

Como é pois que a igreja de S. Thiago encostava a esta torre, que só trinta e nove annos depois d'esta doação se construiu?

Ou a expressão da inscripção não é exacta, dizendo que foi a torre mandada fazer em 1292, quando talvez fosse apenas reconstruida, ou os vestigios da abobada que tem assignalados na face que olha para sudoeste não são os da igreja de S. Thiago.

D. João Fernandes, depois da ordem se ter separado de Castella, foi em Portugal o seu primeiro mestre, eleito no anno de 1291 no capitulo provincial celebrado em Lisboa no mosteiro de Santos, e apenas a governou anno e meio. Succedeu-lhe em 1292 D. Lourenço Anes, que começou a edificar o convento de Alcacer do Sal, e governou a ordem trinta e tres annos². Finalmente, foi D. Pedro Estaço o ultimo mestre eleito em Mertola em 1316, e d'ali removeu a séde para o convento de Alcacer².

¹ João Baptista de Castro, *Mappa de Portugal*, part. III, pag. 78, 1747.

² Duarte Nunes de Lião, *Chronica de D. Diniz*, pag. 40, 1774; Gaspar Estaço, *Tratado da linhagem dos Estaços*, pag. 30, nas *Varias antiguidades de Portugal*, 1625.

Parece assim, que durante o anno e meio do governo de D. João Fernandes se começou e concluiu a obra da torre, onde no dito lado de sudoeste e não no da porta, o que é notavel, foi mettido no revestimento, em grande altura, um escudo de pedra com a espada de S. Thiago (?), representada verticalmente no centro de ponta para baixo, dois escudetes com cinco arruellas em aspa superiormente, e outros dois atravessados por tres barras parallelas, ladeando a folha da espada, de modo que este escudo bastaria para indicar que a obra era portugueza, quando mesmo chegasse a faltar a inscripção, que muito de firme proposito lá deixei, porque entendo que ninguem deve arrancar monumentos para enriquecer museus, quando estejam documentando a historia dos edificios em que se achem, nem mesmo de outros logares, sem que esses logares sejam rigorosamente marcados em plantas referidas a pontos bem determinados. Julgo pois que D. Lourenço Anes, eleito na mesma data da inscripção, já acharia acabada aquella importante obra, e por isso dedicaria os seus cuidados á construcção do convento de Alcacer, para o qual o seu successor transferiu a ordem.

Fallarei finalmente, muito de passagem, da monumental igreja de Nossa Senhora da Annuniação de Entre Ambas as Aguas, actual matriz da villa de Mertola, que a tradição local diz ter sido mesquita mahometana, mas onde não ha ver um unico vestigio architectonico ou de lavor ornamental do estylo arabe; e não posso aventurar-me a descrever minuciosamente este magestoso templo, porque não me foi possivel levantar a sua planta. Restringir-me-hei apenas a indicar o que julgo sufficiente para o assumpto que pretendo esclarecer.

Tem aquelle templo cinco naves, formadas com quatro fileiras de robustas columnas, coroadas por capiteis de vario lavor. Já não existe o seu portico principal, que foi necessariamente aberto onde agora se vê o altar, do lado do baptisterio, occupando uma extremidade da sua antiga nave central, e portanto devêra no extremo opposto ter estado o altar mór. A abobada que cobre este templo é assente sobre

nervuras de pedra lavrada em successivo cruzamento, com raras variantes, como se observa na cobertura do topo da nave central, em que julgo ter estado o primitivo altar mór, porque ahí os triangulos curvilineos são, dos vertices para as bases, divididos por mais nervuras, como para distinguir dos outros aquelle espaço.

A porta que actualmente se observa n'esta desfigurada igreja é um verdadeiro enxerto, que inteiramente destôa, pela sua fôrma rectangular e por seus ornatos de baixo relevo, do estylo ogival primitivo, como obra do seculo xvi, a que tambem pertence o escudo coroadado das armas reaes, existente sobre o arco da Misericordia. Esta porta, mui posteriormente aberta n'uma parede lateral, veio inverter a primordial ordenança das naves, que foram cinco e que d'este modo ficaram parecendo quatro, duas á esquerda da que hoje é central e uma a direita; o que nunca poderia ter praticado o architecto fundador d'aquelle famoso edificio, porque um desconcerto tão grosseiro um simples artifice não ousaria commettel-o, e comtudo este erro, no meu entender, tem até certo ponto uma causa, que tende a explical-o.

O terreno do castello, com a quêda dos antigos edificios, parece ter descido ao ponto de inutilisar o antigo portico e as suas avenidas, e em vez de se proceder aos desaterros que fossem precisos ali para se desaffrontar o templo, preferiu-se destruir-lhe o portico e abrir-lhe uma nova entrada. D'aqui resultou a necessidade de se pôr a capella mór em frente d'esta entrada, e portanto rompeu-se tambem a outra parede lateral e fez-se um vão hediondo, em que se collocou o throno. No logar do antigo portico e no flia anterior capella mór erigiram-se retabulos com seus altares adherentes. Sobre a nova entrada arvorou-se o côro e abriu-se á esquerda um vão, em que ainda ha preciosos azulejos do seculo xvi, para ser collocado o baptisterio. Ficou por consequencia transtornada toda a configuração symetrica do interior do templo, a que externamente aggregaram um adro lageado de magnificos marmores, extrahidos de antigos edificios romanos.

Sabido tudo isto, indicarei agora uns escudos ou florões, que fecham o cruzamento de algumas nervuras das abobadas, com a mesma divisa heraldica que se observa no escudo da torre, que mandou fazer D. João Fernandes, e citarei outra circumstancia, que para mim não é menos significativa.

Nas misulas dos arcos em que assentam as extremidades do côro foram gravados dois letreiros de character oncial. O do lado do baptisterio está muito obliterado e não o percebi, comquanto me pareça não ser impossivel a sua leitura, mediante um estudo mais demorado, e no da parede, á direita, lê-se distinctamente IOANES. Ora este nome é o mesmo da inscripção da torre; o brazão do escudo da torre é identico ao dos florões da abobada da igreja; a igreja está situada dentro do castello, e o seu estylo architectonico primitivo não parece posterior ao seculo xii. Com estes fundamentos, pois, ousou pensar que D. João Fernandes, primeiro mestre dos spatharios de Portugal, foi o fundador primordial d'aquelle templo, que destinaria para vir a ser a igreja da ordem de S. Thiago, podendo comtudo ter havido anteriormente, emquanto esta igreja não se acabou, uma pequena capella n'outro ponto do castello para o serviço da ordem ali estabelecida. Se existisse o portico principal d'aquelle outr'ora magestoso templo, talvez se visse estampado no seu entablamento a mesma divisa heraldica que ainda hoje se vê na torre.

Manifestam a torre, quasi todos os baluartes e muralhas visiveis indicios de parciaes reconstrucções, que podem ser attribuidas aos spatharios e aos reinados comprehendidos entre o de D. Diniz e o de D. Sebastião. Nas reparações de feição mais antiga é frequente o emprego de marmores e de outros materiaes de nobres edificios; e não haverá escapado ás pessoas de atilado entendimento o facto de se terem achado na torre, que a inscripção diz ser de fabrica portugueza, dois monumentos epigraphicos arabes, assim como junto ao convento de S. Francisco, já longe do castello, o que foi traduzido por fr. João de Sousa, e na villa o fragmento de outro, ainda existente no museu de Evora.

Quem destruiu os monumentos arabes em que estavam estas inscripções para ellas poderem entrar como material de construcção no revestimento d'aquella torre, edificada em 1292? A meu ver, não podem eximir-se d'este grandio peccado artistico os monges-cavalleiros da ordem de S. Thiago.

E quem sabe se aquelles bilhões dos Sanchos e Affonsos, que juntei á collecção de Mertola, serviriam de premio aos que por fanatica bruteza prostraram os monumentos d'essa civilisação, que tantas vezes com excessiva severidade castigou os ultrages que alguns dos seus magistrados commetteram contra os christãos, que afoutamente viviam sob os auspicios da sua tolerancia?

E os chronistas portuguezes chamavam barbaros aos musulmanos que habitaram n'este paiz!

Não é assim que se escreve a historia.

O historiador não tem o direito de mentir á posteridade . . .

Não se tomem porém mais restrictas contas aos que já não podem defender-se; mas ainda assim é preciso não deixar sem o correctivo da critica sensata os factos que a rasão não póde justificar.

Muito mais poderia dizer com relação a cada uma das epochas, a que tenho referido as diversas antiguidades que observei e colligi nos terrenos de Mertola, sem comtudo preencher certas lacunas, que ficam em aberto, á falta de uma exploração regular e desenvolvida, como a reclamam e merecem os vestigios de tantas civilisações, que desde tempos remotos ali tiveram existencia; mas entendo não dever confiar ao conceito conjectural uma certa ordem de assumptos, que mais acertado é reservarem-se para quando um novo impulso, dirigido por pessoa de maior competencia, se possa dar ao estudo de toda aquella região geographica, que tantos mysterios ainda envolve, e usurpa á historia da celebre Lusitania.

DOCUMENTOS

**Doação que el-rei D. Sancho II
fez á ordem de S. Thiago do castello de Mertola
com todos seus termos, etc., 1239**

In nomine patris et filii et Spiritus sancti. Amen. Notum sit omnibus has litteras inspecturis quod Ego Santius secundus dei gratia Portugallie Rex de mea bona et libera voluntate et de consensu et auctoritate meorum procerum et magnatum et pro multo bono seruicio quod michi fecerunt Dominus Pelagius petri corrigia Comendator de alcazar et fratres eiusdem Castri ordinis milicie sancti Jacobi et pro Remedio anime mee et patris mei et matris mee et predecessorum meorum do et concedo eis et ordini milicie Sancti Jacobi et pro Remedio anime mee et patris mei et matris mee et predecessorum meorum do et concedo eis et ordini milicie Sancti Jacobi Castellum meum de mertola: cum omnibus terminis suis In primo per flumen de vascom ubi intrat in Odiana Et per ipsum flumen de vascom usque ad suas cimalias Et de ipsis cimaliis de vascom sicut potest venire uia directa ad mediam matam de almodouar et per mediam matam de almodouar sicut potest uenire directe ad primam alansadoriam de Riulo de Colubris et de alansadoira de Riulo de colubris sicut uenit aqua de riulo de colubris usque ad locum ubi intrat in terges de inde per mediam venam de terges usque ad locum ubi intrat in Odiana contra sergam et alfagiar de penna et aiamonte due partes de termino sint de mertola et tertia pars sit de predictis Castris. Do et concedo eis predictum Castellum cum istis terminis supra dictis et cum omnibus suis pertinentiis et cum omni iure Regali quod ibi habeo et habere debeo Et ipsi debent ibi tenere conuentum suum pro ad defensionem et tuicionem et quisicionem

regni mei et querere michi bonum sicut dominu naturali mando igitur et concedo ut habeant ipsum Castellum cum omnibus terminis et pertinentiis suis jure hereditario in eternum pacifice et quiete. Siquis nunc tam de propinquis meis quam de extraneis hoc factum frangere uel irrumpere uoluerit einullatenus concedatur sed pro sola tentacione ira et maledicio omnipotentis dei patris et filii et spiritus sancti et beate marie virginis gloriose et omnium sanctorum veniat super ipsum et cum juda traditore sepultus iaceat in inferno. Quicumque vero hoc meum factum quod bene et misericorditer factum est obseruare fecerit et uoluerit obseruare omnipotentis dei et beate marie virginis gloriose benedicionibus repleatur et cum sanctis et electis dei in Regno celesti accipiant portionem. Et ut hoc factum meum maioris roboris obtineat firmitatem istam cartam donacionis et perpetue firmitudinis meo sigillo feci sigillari et meis manibus propriis roborauit. autum ulixbone XVI die januarii. Era : M · CC : LXX : VII : Qui presentes fuerunt Ego domnus Martinus johanis Signifer curie. Confirmo Ego donus Rodericus Saneii. Conf. Ego domnus Egidius valasci. Ego donus Martinus Egidii. Conf. Ego donus april petri Conf. Ego donus Menendus garsie. Conf. Ego donus Joannes garsie. Conf. Ego donus Joanes martini. Conf. Donus Stephanus suerii. Donus Joannes petri rotundus. donus Petrus Joanis de portucarreiro testis. Ego Silvester archiepiscopus bracharensis. Conf. Ego Petrus portuensis Episcopus. Conf. Ego Pelagius lamecencis Episcopus. Conf. Ego Egidius visiensis. Episcopus. Conf. Ego vicencius Egi tanensis. Episcopus Conf. Ego Tiburcius colimbriensis Episcopus Conf. Suerius gunçalui super judex curie. Vincencius didaci. Alfonsus martini. testis. Ego Donus Durandus froiaz cancellarius curie. Ego dominicus Juliani scriptor curie notavi. Santius Secundus Illustis Rex Portugalensium.

Arch. nac., liv. dos Mestrados, fl. 172 v.

Foral que D. Paio Peres Correia deu á villa de Mertola em 1234

Ex quodam libro regestorum cartophylacii conventus equitum S. Jacobi oppidi de Palmella, qui titulum Livro dos Copos prae se fert, textum hujus foralis decerpsimus, cum non aliud invenissemus. Exscriptor aeram MCCLXII pro aera MCCLXXXII legit; sed perperam.

In nomine sancte et indiuidue trinitatis Patris et filii et spiritus sancti. Amen. Esta he a carta de foro qual encomendamos a fazer, Eu dom paay periz pela graça de deus Mestre da ordem de cauallaria de Santiago em sembra com Dom gonçalo periz Comendador de mertola e com ho conueento desse mesmo logo a vos pobradores de mertola assi aos presentes como aos que ham de viir: damos a uos foro e costume deuora por terra, e de lixboa pelo riio e pello mar. Foro deuora a tal é conuem a saber: que as duas partes dos caualleiros vão in fosado, e a terça parte premeescam na villa: E huuma uez façom fossado no ano: E quem nom for no fossado peite por foro cinco soldos por fossadeira. E por homeziio peite cem soldos a paaço: e por casa derrota com armas scudos e espadas peite trezentos soldos e seitima a paaço. E quem furtar peite por hum noue, e haja o ententor dous quinhões e as sete partes ao paaço: quem molher forçar et illa chamando disser que aquel he o forçador e el negar det illa outorguamento de tres homens taes qual el for e el iure com doze e se nom houuer outorguamento iure elle soo e se nom poder iurar peite ad illam III^o soldos e sete a paço. Testemunha mentirosa e fiel mentiroso peite LX soldos e sete a paço e dubre o hauer: e quem em concelho ou em mercado ou em igreja ferir peite LX soldos os medios ao

paço e medios a concelho e dos medios do concelho sete al palazo. Et qui in uilla pignos aflando e fiador e ao monte for penhorar dubre a penhora e peite LX soldos et sete al palazo: e quem non for a sinal do juiz e penhores sacudir ao saaiam peite hum soldo ao juiz; e quem nom for a apellido caualeiros e peões extre aquelles que seem in seruicio alieno o caualeiro peite dez soldos e o peon çinquo soldos ad vicinos: e quem houver aldeia e hum jugo de boys e des ouue-lhas e hum asno e dous leitos compre caualo: e quem quebrantar sinal com sua molher peite um soldo ao juiz: e molher que leixar seu marido de bençom peite III^o soldos e sete a paço; e quem leixar sua molher peite hum dinheiro ao juiz: e quem caualo alieno caualgar por hum dia peite hum terno e se mais peite ass angeiras por hum dia seis dinheiros e por huma noyte hum soldo: e quem ferir de lança ou despada pella entrada peite dez soldos e se passar da outra parte peite vinte soldos ao querelloso: e quem quebrantar olho ou braço ou dente por cada um membro cem soldos ao leidado e el dee as sete a paço: e quem molher alhea ante seu marido ferir peite xxx soldos e sete a paço: e quem mojon alieno in suo erro mudar peite cinco soldos e sete a paço: e quem linde alieno quebrantar peite cinco soldos e sete a paço: e quem com adjutorio alieno matar seu amo colha o homizio e dee as sete a paço: outrosy de seu ortolam e de seu quartoiro e de seu molineiro e de seu solarengo: quem houuer uasalos em solar ou em sua herdade nom sirua a outro homem dexada sua fazenda. Ventas e moinhos e fornos de homens de mertola sejam liures de foro: caualeiros de mertola sejam em juizo por pordestades e infações de portugal clerici uero habeant mores militum pedanos sint in iudicio por caualeiros uillãos doutra terra: quem uier nozeiro a seu uizinho por homem de fóra de uilla peite dez soldos e sete a paço: e homem que for gentile aut eredor non seat meirino: gado de mertola non seat montado em neuhuma terra: e o homem a qui se anaufregar seu adestrado quamuis haja outro e seja escusado ataa cabeça do anno: mancebo que matar homem fóra da uilla e fugir seu amo nom peite homizio:

por todas querellas de paço o juiz seja vozeiro : e quem em villa penhorar com saiom e sacudirem a el os penhores ou trougel sayon e prenda in concilio de tres collações e penhore : peite LX soldos medios ao conçelho e medios seam renchuroso. Varoes de mertolla nom seam em prestimo dados : e se homes de mertolla houuerem juizo com homens de outra terra nom corra antre elles firma mas corra por inquisa aut repto : e todos aquelles que quizerem pousar com seu gado em termo de mertolla pendant de illis montadigo de grege das ouelhas quatro carneiros e do busto das vacas huma vaca é est montadiguo tercia parte de conçelho e duas partes de heramen : e todos os caualeiros que forem in fossado ou em guarda todos os caualos que se perderem em algara ou em lide primis erectis eos sine quinta et postea det nobis quintam directam. Todo homem de mertolla que achar homens doutras cidades em seus terminos talhando ou leuando madeira de montes pendant totam quam inuererint sine calumpnia. De azarias e guardas quintam partem mos dâde sem nenhuma affeiçom : quem quer que gado casendeiro penhorar uel rapere fecerit peite LX soldos a paço e dubre o gado a seu dono. Testamus uero et perheniter firmamus ut quisquis mercatores vel uiatores christianos iudeos sine mauros penhorar se nom for fiador ou deuedor quemquer que o faça peite LX soldos ao paço e duple a ganança quam perdidit ad suo domino et insuper peite centum marabitanos pro couto que briton a ordem habeat medietatem et concilium medietatem. Siquis ad uestram uillam uenerit per uimi cibos aut aliquas reş accipere et ibi mortuus uel percussus fuerit nom peite pro co aliqua calumpnia nec suorum parentum homicide habeantur et si cum querimonia de ipso ad magistrum uel ad comendatarium uenit peite centum marabitanos medietatem ad ordinem et medietatem ad concilium: mandamus et outorgamos quod si aliquis fuerit latro et si iam per unum annum vel dous furare uel rapere dimisit si pro aliqua re repetitus fuerit quam comisit saluet se tamquam latro et si latro est et latro fuerit omnino pereat et subeat pena latronis: et si aliquis reperitur ser fur et non est

latro nec fuit respondeat ad suos foros. Si aliquis homo filiam alienam repere extra suam uoluntatem det illam ad suos parentes et peite ad illos III^o marabitos e sete a paço et insuper sedeat homicida. De portagem de trouxel de caualo de panos de lam ou de lino hum soldo: de trouxel de lam hum soldo: de trouxel de fustães cinco soldos: de trouxel de pano de coor cinco soldos: de carregua de pescado hum soldo: de carregua de asno hum soldo: de carregua de christianos de conelios cinco soldos; de carregua de mouros de conelios hum marabito: de portagem de caualo que uenderem em açouge hum soldo: de mulo hum soldo: de asno seis dinheiros: de boy seis dinheiros: de carneiro tres medaculas: de porco dous dinheiros: de forrom dous dinheiros: de carregua de pam e uinho tres mealhas: de carregua de peom hum dinheiro: de mouro que uenderem em mercado hum soldo: de mouro que se remir a dizima: de mouro qui taliat com seu dono a dizima: de coiro de uaca e de zeura dous dinheiros: de coiro de çeruo e de gamo tres mealhas: de carregua de çera cinco soldos: de carregua de azeite cinco soldos: esta portagem est de homens de fóra da villa a tercia parte de seu hospede e duas partes da ordem: aqieste he o costume e foro deuora. Agora se conta o foro e costume do mar e do rio o foro e costume de lisboa é taal assy per mar como pello rio conuem a saber: todo vizinho de mertola ou de fóra parte de toda aquella cousa que aduser pella foz a daar dizima senom a que quiser aduzir o vizinho da villa pera saa casa e nom pera uender nom daar ende a dizima, e aquelle que dizimar sacar ende outro tanto empreguado e nom fazer ende foro nem da saida nem hum visinho nem de fora parte se mais empregar caa aquello que aduzir da trintena do que quer que sace de mertola ou de seu termo pello rio. Todo homem que aduser madeira pera uender pelo rio dee a dizima e se a quizer pera saa casa e nom pera uender nom fazem foro nenhum. Todo o visinho de mertolla que aduser pam pello rio assy o vizinho como de fóra parte pera uender de dous alqueires dee medio e se for uisinho e o aduser pera saa casa e nom pera uender nom faça foro nenhum. Todo homem

que aduser uinho pello rio det do medio vno almude. Todo pescador dee a dizima de foro. Della ponte a suso quem ahy quiser pescar auenhasse com o comendador do lugar. Decaruam e de alhos e de cebollas e de junça e de cortiças e de junco que uenba pello rio se o uender dará dizima e se o aduzer pera saa casa e nom pera uender nom faça foro nenhum: e quem comprar pescado e asacar pello rio quer da villa quer de fóra det dizima. E todo pescador que matar pescado e o aduser a villa uender ataa ora de terça ao conçelho e de suso de terça uender a quem quizer: e o pescador nom uenda por almotaçaria: e reguateira de pescado uenda por almotaçaria, e a que for de fóra parte e que o comprar ante da terça peite cinco soldos ao conçelho: e toda madeira laurada assy louça comô outra qualquer uenba aa villa daar a dizima: é este foro que ham de fazer pello rio e pello mar aa ordem. Facta carta mense Decembri. Sub era mil e duzentos e sessenta e dous (sic). De toda mercadoria que aduserem nauios ou outras barcas pello maar ou pello rio daram a nós o direito como o dam a elrey em Lisboa ¹.

¹ *Portugaliae Monumenta*, vol. 1, pag. 645, (Mertola, 1254).

Foral da villa de Mertola dado por el-rei D Diniz

Dom manuel per graça et. § Pollo dito foral foy imposto o drito da portagem da terra pollo foral deuora e as cousas do mar pollo foral de lixboa. E allê destas cousas que adiante hyram de craradas tem a ordem na dita villa termo terras proprias que o comêdador laura por sy ou as da a (1) (1) quem quer pollos preços cõ quesse auem como cousa propria da hordem que he.»

De todallas cousas que vem aa dita villa per Entrada p. agoa agoa se pagara dizima saluo do pam vinho ou vinagre dos quaes soomête pagam a trintena que sam dous alqueires por moyo. E do mais e menos neste respeito A qual tritena se pagara yssos mesmo das ditas cousas aa sayda do dito logar quando se carregã por agoa pã qual q̄r parte pera onde vam. E a dita dizima da emtrada nã pagarã os moradores e vezynhos da dita villa de quaaes q̄r cousas q̄ lhe vierem pera fazimento e repario de suas casas.

E quando as outras cousas se carregarẽ na dita villa p̄ agoa pagaram dellas e de cada hũa odrito q̄ se dellas manda pagar deportagẽ pollo foral que adiante vay em que vam de craradas as cousas de portagem q̄ pertêcem ao foral de lixboa p̄ mar. E isto se emtendera das cousas que se carregarem pera nossos regnos e senhorios por que as quesse leuarem pã fora do Regno pagaram dizima dellas saluo sedeixarem fiança e quetragã ho retorno dellas a nossos regnos. Ou Sayda per agoa

se as taes mercadorias lhe forem dadas desacada por terẽ trazidas outras tantas anossos reynos defora delles.

Diz.º do pescado E pagaram mais na dita villa os pescadores que aella trouxerem pescado hũa dizima soomête q̃ se chama dizima velha aqual he insollido da Ordem. E nõ pagarã hy mais: a outra dizima noua pollo contracto dos pescadores visto como nunca hy se pagou nõ leou ateegora nõ se pagara ao diante.

Coutada do rryo E pagam mais os pescadores q̃ pescarẽ na coutada do Ryo da dita hordẽm que he desde as poutas pera cima atee o pego de quatro pexes huũ sem mais do dito pexe pagarẽ outra dizima anos nõ aigreja. E isto assy de solhos e sauees como de qual q̃r outro pescado grande e pequeno.

Cõduto E todollos pescadores que trouxerem pescado adita villa auerã delle cõduto p̃a seu comer p̃a aquelle dia segũdo as pessoas que cõsiguo trouxerẽ. E isto per aluidro e juizo dos offiçiaes dos d̃rtos Reaaes.

Tabaliaes A Penssam dos taballiaaos he d̃rto real e pagarã cada huũ dos ditos taballiaaes q̃ hy hadauer aquillo q̃ sempre pagaram sem mais se fazer em novaçam.

Passajẽ da barca E quanto ao d̃rto dapassajẽ da barca do diana e assy do registo que leuã das bestas q̃ passam e emtrã de castella auemos por bem e mãdamos que se tenha esta maneira seguinte por se nã fazer acreçentamẽto ou emnovaçam nas ditas cousas. Mandamos aos juizes e offiçiaaes da dita villa q̃ cõ ho nosso almoxeriffe e officiaaes dos ditos d̃rtos rr^{es} tirẽ emquiriçã p̃ homens antigos e p̃ tal maneira per q̃ verdadeiramente se sayba o verdadeiro preço e contia que se pagaua nos tempos passados de passagem e registo da barca e batel. E os preços em quesse todos ou a maior parte

afirmarem e cõcordarẽ q̃ se leuaua das ditas passajees e registo nos tempos passados atee aera de mil e quinhẽtos essas mesmas cõtias somẽ(te) se leuarã nas ditas passajees e não outras sem embargo de agora per outra maneira e p rços se leuar. As quaaes somas fares poer na fym deste foral pã agora e em todo tempo se saber o que das ditas cousas se ouuer de pagar assi aos vezinhos como aos nã vezinhos. E assim hyndo ho Ryo na madre como fora da madre sem embargo de agora p̃ outra maneira se pagar.

Os maninhos são dados pellos sesmeiros eficaem de sua propiedade sem disso pagarem foro ninhuũ. Maninhos

O gaado do vento he d̃ito real no arrecada-mẽto do qual mãdamos que se guarde inteiramente a ordenaçam que sobre ysso he feita. Gaado do vento

E os montarazes e ofiçiaaes e rendeiros do gado do montado do dito campo nã tomaram ninhuũ gaado que ande fora do seu rebanho por dizerẽ que lhes pertẽçe ou que he seu. O qual nã tomaram nẽ mandarã tomar sem autoridade de justiça ouuidas p' meiro as partes a q̃ p̃tençer sobre o dito gaado e serẽ sobre ysso ouuidos e despachados cõ justiça E a penã darma e aportagem com todollos capitollos atee este capº seguynte da emtrada p̃ agoa he tal como santiago de cagem e tambem leua o capº da sacada carga por carga como estremoiz. Montarazes

E quando as pessoas de fora da uilla e termo troxerẽ p̃ agoa algũas mercadorias p̃ ahy vender pedellasham tirar em terra liuremẽte de dia e de noite a qual q̃r ora sem noteficaçam aa portagem sem ninhũa pena. As quaaes pore m nã tiraram da praya ou lugar onde as tirarẽ sem licença dos officiaes ou rendeiros ou as leuaram dereitamente aa praça ou açouges do dito lugar sem a dita li- Entrada per agoa

cença. Dos quaes lugares as nō tiraram sem arrecadaçam sopena de as perderem.

Sayda per agoa

E se as pessoas de fora cōprare mercadorias nadita villa e termo obrigadas aaportagem p̄ as carregare hy per agoa podellasham liurementemente comprar e leuar e meter na barca ou nauio sem pena algũa E nã partiram porē sem as primeiro desembargarem cō as pessoas que p̄a ysso tenham poder sobpena de as perderem E mais o barqueiro ou arraez se partir sem a dita récadaçam pagara de pena cem rrs pera a dita portagem. E as ditas manifestaçoos e dilligências da entrada per agoa e sayda como dito he se entendam soomēte quãdo as taaes cousas vierem sabidañte pera vendar por que quando forē ou vierem de passajem ou de caminho nã serã obrigados a ninhũa das ditas cousas saluo hyndo ou vindo per mar porque emtam farã saber de todas e recadarã como atras nos capitollos particulares deste foral ante da portagẽ fica decrarado. E as ditas manifestaçoos de fazer saber a portagem nã serã escusas as pessoas que tirare per o dito lugar mercadorias p̄a castella ou as meterẽ de castella per hy posto que as hy nō cōprẽ nem vendam por ser o derradeiro lugar do estremo E pagarã ahy dellas emtrãdo ou sayndo o dr̄to como das taaes cousas no dito lugar se manda pagar de compra ou venda por este foral aq̄l portagem de passajem hy mais nō pagaram das ditas cousas se ahy dellas pagarẽ de compra ou venda no dito lugar Nem a pagarã as pessoas p'uilligiadas assy de compra e venda como de passajem nã sendo cousas de que se mãde pagar dizima nalfandega do dito lugar porque a tal dizima nã se escusa por priuillegio de portagẽ porē quẽ pagar dizima das taaes cousas nã se pagara hy maes dellas uinhuũ outro dr̄to de portagem. E os

outros capitulos seguintes atee afym sam taes como em santiago decacem. Dada em acidade de lixboa ao primeiro dia do mes de julho donacimẽto de nosso sũor ihu xpo de mil e quinhẽtos e doze Annos. S. e vay escrito ho original em XbI. folhas sob escrito e assynado pello dito fernã de pina ¹.

¹ Arch. Nac., Liv. de Foraes nov. do Alemtejo, fls. 44.

INDICE

Assumptos que precedem esta memoria.....	1
Epocha Pre-romana.....	27
Epocha Romana.....	27
Epocha Wisigothica.....	33
Epocha Arabe.....	34
Epocha Portugueza.....	36
Moedas romanas, arabes e portuguezas achadas em Mertola e oferecidas pelos srs. Mendonça e M. Garrido, residentes na villa, a E. da V.....	36
I Epocha Pre-romana.....	45
II Epocha Romana.....	65
III Epocha Wisigothica.....	85
IV Epocha Arabe.....	123
V Epocha Portugueza.....	165
Documentos.....	175

Os lapsos e erros typographicos d'este livro não vão indicados, porque a sua correção está ao alcance de todos os leitores.

↑

Handwritten red scribble or mark.